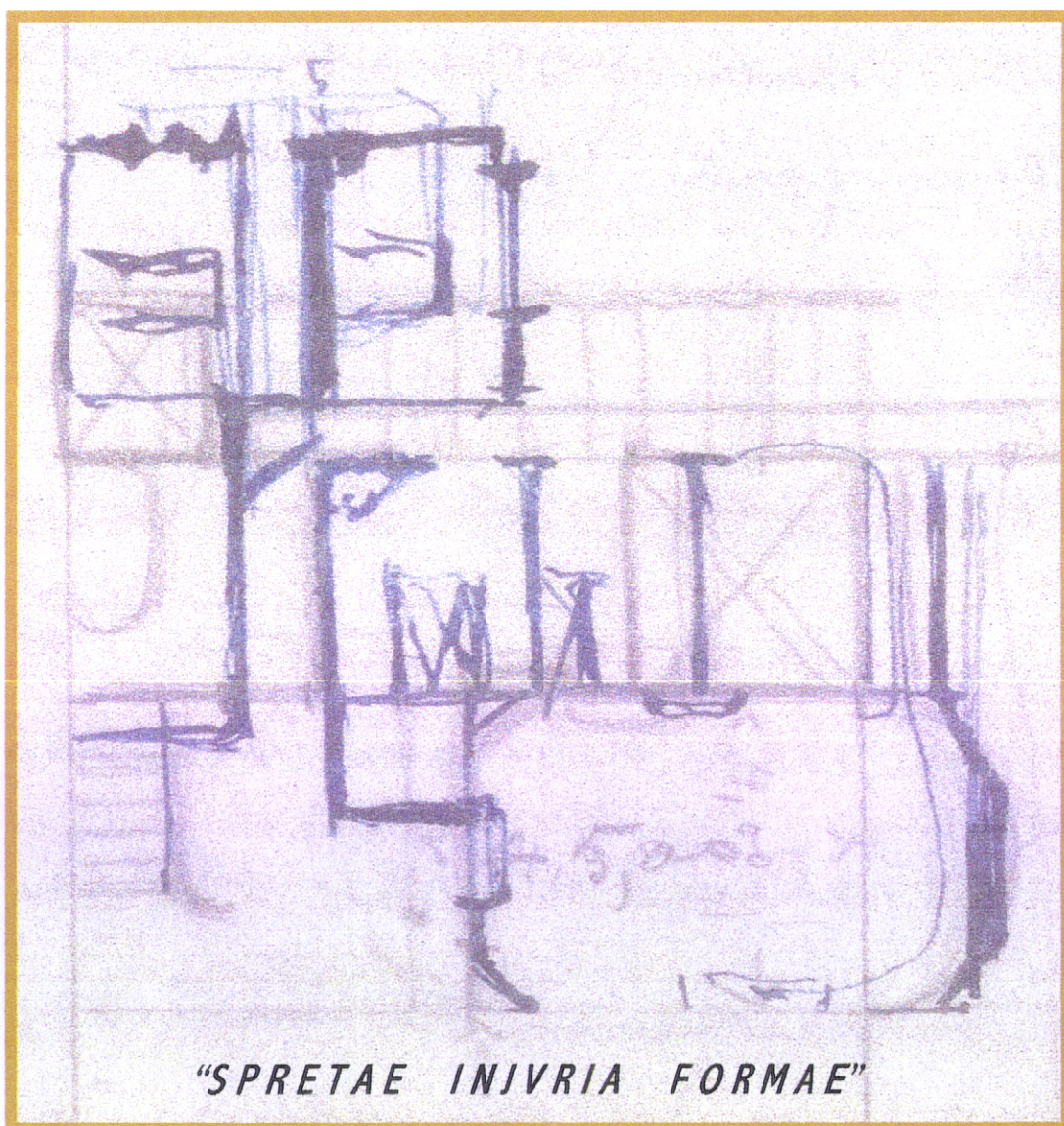


UNIVERSIDADE DE ÉVORA  
MESTRADO EM MUSEOLOGIA

# Mestre João da Silva

*um projecto, um museu*

Volume II



**"SPRETAE INIVRIA FORMAE"**

Orientador: Professor Doutor Arquitecto Sérgio Infante

"Esta Dissertação não inclui críticas e sugestões feitas pelo Júri"

Judite Maria Domingos Calisto

2004

UNIVERSIDADE DE ÉVORA  
**Dissertação de Mestrado em Museologia**

MESTRE JOÃO DA SILVA:  
UM PROJECTO UM MUSEU

**Volume II - ANEXOS**



147125

**Orientador: Professor Doutor Arquitecto Sérgio Infante**

**Mestranda: Judite Maria Domingos Calisto**

2004

## Índice dos Anexos

Anexo I – Selecção de frases de textos sobre João da Silva, o artista, a sua obra e o museu, além de excertos auto-biográficos do escultor. J.C.	4
Anexo II – Requerimento autógrafo de João da Silva dirigido à rainha D. Amélia, em 1897, solicitando o prémio que lhe tinha sido atribuído em Junho de 1893 pelo aproveitamento obtido na Escola Damião de Góis, de Alenquer. (PINTO, 1972, p.17-18)	10
Anexo III - Registo de dois diplomas atribuídos a João da Silva referente aos anos lectivos de 1898/99 e 1899/1900, como recompensa pelas notas obtidas, respectivamente, no quarto ano de Ourivesaria e no primeiro ano de Desenho Ornamental. In [Livro de] Registo de prémios conferidos aos alunos: 1914-1934, da Escola Industrial Príncipe Real. AESMC	11
Anexo IV - Carta enviada em 25 de Julho de 1903, pelo Director Geral Repartição de Ensino Industrial e Comercial, a informar João da Silva que o ministro das Obras Públicas tinha autorizado a utilização do 3º ano de subsídio na frequência da École des Beaux Arts de Paris. (PINTO, 1972, p.12-13)	12
Anexo V – Ordem de serviço nº 600 da Direcção Geral do Comércio e Industria, de 18 de Dezembro de 1909 com informação ao director da Escola Industrial Marquês de Pombal da contratação de João da Silva para mestre de ourivesaria, joalheria e gravura de medalhas. AESMP	13
Anexo VI - Ordem de serviço nº 949 da Direcção Geral do Comércio e Industria, de 13 de Junho de 1912 com informação ao director da Escola Industrial Marquês de Pombal do deferimento do pedido de 30 dias de licença ao mestre João da Silva para este se deslocar a Paris. AESMP	14
Anexo VII- - Ordem de serviço nº 107 da Direcção Geral do Comércio e Industria, de 5 de Agosto de 1913 com informação ao director da Escola Industrial Marquês de Pombal do deferimento do pedido de licença para o mestre João da Silva se ausentar de Portugal durante as férias a fim de se deslocar a Paris, Charleroi e Genebra. AESMP	15
Anexo VIII – Cópia do ofício nº 129, enviado pelo director da Escola Industrial Marquês de Pombal à Repartição de Ensino industrial e comercial, em 31 de Março de 1914 sobre o facto do Mestre João da Silva não ser abonado do vencimento. AESMP	16
Anexo IX – Correspondência do Mestre João da Silva enquanto preso político: 1933-34. Estágio de mestrado em Museologia na Casa-Museu Mestre João da Silva, Fevereiro de 2002. CMMJS	17
Anexo X – Carta manuscrita enviada por José Salgueiro Esteves Brandão a João da Silva, ainda que o contudo seja dirigido a António Sérgio. INSCOOP	54

Anexo XI – Manuscrito do Eng. António Arroyo de artigo publicado sobre “O ourives João da Silva” na revista <i>Esmeralda</i> , assinado e datado de 22-2-1925. (Cedido por João António Barreira, neto de António Arroyo).	55
Anexo XII – Inquéritos feitos a várias personalidades ligadas ao meio artístico e que conheceram João da Silva e/ou a sua obra e museu, ordenados pela data de preenchimento do mesmo:	
Set. de 2002 – Escultor Luís Castelo-Branco;	
Out. de 2002 – Professor Escultor António Matos;	
Junho de 2003 – Professor Escultor Lagoa Henriques;	
Julho de 2003 – Professor Escultor Joaquim Correia;	
Novembro de 2003 – Dr <sup>a</sup> Irisalva Moita;	
Novembro de 2003 – Dr. António Pessoa Barreto, sobrinho de João da Silva;	
Dezembro de 2003 – João Barreira, neto do Eng. António Arroyo;	
Dezembro de 2003 – Professor Escultor João Duarte;	
Dezembro de 2003 – Sr. Vasco Costa, proprietário da Gravarte;	
Janeiro de 2004 – Jornalista António Valdemar (actual Vice-Presidente da Academia Nacional de Belas Artes	57
Anexo XIII – Representação do busto da República da sala do Parlamento com os dos deputados de Lisboa e sessão inaugural das Cortes Constituintes em 28 de Maio de 1911. (Occidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro, N <sup>o</sup> 1170, de 30 de Junho, p.140-141).	67
Anexo XIV - Exemplos dos anúncios mandados publicar em revistas femininas pelo editor Manuel Duarte, para divulgação das medalhas religiosas de João da Silva. ( <i>Os nossos filhos: revista mensal para os pais</i> , vol.8, n <sup>o</sup> 179, Abril de 1957; <i>Mãos de Fada: revista de labores femininos</i> , n <sup>o</sup> 37, Julho de 1948).	68
Anexo XV – Folha manuscrita onde João da Silva faz um estudo da simetria do esqueleto humano, sem data. ACMMJS	70
Anexo XVI - Informações recolhidas nos processos da PIDE/DGS sobre João da Silva. AN/TT	71
Anexo XVII – Carta de Conceição e Silva, pintor e amigo de longa data de João da Silva. INSCOOP	81
Anexo XVIII – Breve caracterização de catorze museus dedicados a artistas em Portugal. J.C.	82
Anexo XIX – Folhetos de divulgação da Casa-Museu Mestre João da Silva. CMMJS	94
Anexo XX – Licença de obra nova, n <sup>o</sup> 1499, concedida a Maria do Pilar Sérgio da Silva, para construir na Rua Nova de Santo António, MPS, um atelier de “pintura”. Datada de 2 de Junho de 1932. CMMJS	97
Anexo XXI – Certificado de averbamento da alteração do nome da rua e números de polícia, em 24 de Agosto de 1934. CMMJS	98
Anexo XXII – Orçamento para vedar o terreno, de 13 de Julho de 1931. CMMJS	99



Anexo XXIII – <i>Denis descriptif</i> do [projecto de autoria dos architectos R. Fildier e P. Meige, 1931]. CMMJS	100
Anexo XXIV – Memória descritiva do “Projecto de um atelier de escultor com uma galeria anexa...”, de 23 de Abril de 1923. CMMJS	104
Anexo XXV – Memória descritiva e justificativa do “Projecto da construção de uma casa de habitação para dois inquilinos...”, de 16 de Maio de 1932. CMMJS	108
Anexo XXVI – Aditamento à memória descritiva do projecto do atelier de escultor e galeria anexa, de 20 de Julho de 1932. CMMJS	112
Anexo XXVII – Excerto da e justificativa da “Memória descritiva <u>ampliação...</u> ” sobre o atelier, de Maio de 1938. CMMJS	113
Anexo XXVIII – Facturas dos trabalhos de construção civil efectuados por J. Ducasse na casa do escultor João da Silva, datadas de 31 de Dezembro de 1938 e 18 de Fevereiro de 1939. CMMJS	118
Anexo XXIX – Projecto das alterações a fazer na obra em construção (ampliação do atelier), em 14 de Janeiro de 1939. CMMJS	122
Anexo XXX – Orçamento e factura de António Moreira Rato & Filhos para a construção de colunas em pedra de lioz, de Junho e Novembro de 1938. CMMJS	123
Anexo XXXI - “ <u>Memória descritiva</u> das obras a executar na Rua Tenente Raul Cascais, nº 11...”, datada de 22 de Agosto de 1942. CMMJS	124
Anexo XXXII – Memória descritiva e justificativa das alterações ao projecto, datada de 30 de Junho de 1943. AAE	125
Anexo XXXIII – Factura de Francisco Machado pelo trabalho de calceteiros, pedra e trufa, de Maio de 1933. CMMJS	126
Anexo XXXIV – Recibo de Vicente Joaquim Esteves a João da Silva referente ao portão de ferro que dá acesso ao jardim. Abril de 1933. CMMJS	127
Anexo XXXV – Factura de Duarte José Moreira Rato & Cª (Filho), Sucessor Lda, de 21 de Setembro de 1935, referente a tijolos para jardim. CMMJS	128
Anexo XXXVI – Apontamentos manuscritos de João da Silva num caderno, sobre simbologia. CMMJS	129

## FRASES SOLTAS

**SILVA****João da Silva: o artista e a sua obra**

"(...) os seus vastos conhecimentos teóricos juntos à prática que cultivava desde a infância e a uma instrução bastante desenvolvida, tornam o Sr. Silva um artista modelar e de largo futuro."

BAPTISTA, 1911, p.219

Como cinzelador e como professor, João da Silva reúne qualidades dum pedagogo distinto e dum artista consagrado, o que muito contribui para o levantamento do ensino artístico e industrial."

COSTA, 1917, p.107-108

"João da Silva não é simplesmente um grande artista com muito talento – é um Génio. Não somos nós que o dizemos; é a sua obra que no-lo afirma."

ESMERALDA, Nº 1, Ano 1925, p.3

"João da Silva, ourives cinzelador, medalhista e escultor é uma só pessoa, cujo carácter explica por completo a evolução do seu talento: *é um eterno insatisfeito*. Pertence a essa raça de artistas que procuram constantemente atingir um ideal elevadíssimo e que para isso empregam todos os seus esforços de que são capazes."

ARROYO, 1925, p.2

"João da Silva sente demasiado o realismo da vida e a força sugestiva das formas da natureza para se deixar arrastar para fora delas por qualquer destas correntes de modernidade convencional, que procura o rejuvenescimento nos arcaísmos gregos e egípcios como fora procurar ao ovo cubista o germen de uma estética de valores geométricos..."

Devemos-lhe algumas das obras mais originais e delicadas da sua geração."

SANTOS, 1933, p.[2-3]

"...artista de grande saber e de gosto requintado, faz obra de inspiração clássica, de linhas graciosas mas cheias de firmeza.... Magníficos de execução e sentimento os seus medalhões, em que se mostra habilíssimo na ciência difícil de desenhar e animar os perfis e de neles circunscrever a vastidão da alma."

PAMPLONA, 1943, p.249-250

"Ao admirar a obra de Mestre João da Silva, recordamos instantaneamente Atenas e Argos, esses principais centros de irradiação de escultura... Notamos-lhe sempre, em tudo quanto lhe sai das suas mãos, o culto da beleza e da perfeição, determinado pelo classicismo grego."

OLIVEIRA, 1952, p.3

"...João da Silva é considerado no estrangeiro, e principalmente em Paris onde o conheci e com quem acamaradei longos anos, o mais notável medalhista da Europa."

GAIO, 1955, p.215

“Artista por temperamento e educação para quem os gregos e os seus discípulos, os homens da Renascença, realizam o ideal mais alto da História, João da Silva permanece fiel ao seu Cânon neste mundo...”

Jornal do Comércio, 29/30 de 1958, p.10

“Distingue-se pela pureza da sua arte neo-clássica, estuante de harmonia e graça. De técnica poderosa, ele sabe descobrir o encanto secreto das coisas e dos seres... Mas João da Silva é sobretudo grande como medalhista de extraordinários recursos, que sabe pôr nas suas obras surpreendentes delicadezas de cinzel, como se vê nessa requintada jóia que é a medalha da Academia Nacional de Belas Artes.”

PAMPLONA, 1959, 61-62

“Para João da Silva, a escultura não tinha restrições; nem nos temas a versar, nem nas dimensões a atender, nem tão-pouco nos materiais em que esculpia. Assim, com igual engenho e perícia, ele passa de âmbito minucioso da medalha às proporções monumentais da estatuária, com a mesma elevação e proficiência, com a mesma graça e sentimento de ternura que tão deliciosas tornaram as figurinhas e grupos animalistas expostos no Museu Nacional de Arte Contemporânea.”

LUCENA, 1960, p.86

“Para João da Silva, a escultura não tinha restrições; nem nos temas a versar, nem nas dimensões a atender, nem tão pouco nos materiais em que esculpia. ...  
...tratava a matéria-prima das suas obras com elevada finura de processos, e não menos elegância de sentimentos; com esta última virtude envolvia quantos viviam à sua beira, e para quem os seus fulgurantes talentos eram qualidades inapreciáveis que fizeram dele um Mestre-escultor com letra maiúscula.”

LUCENA, 1950, p.87

“Todos os seus trabalhos se assinalam por um cunho de verdade, numa insuperável harmonia de composição. Sendo considerado um escultor, cujas obras nos sugerem dinamismo, expressão e movimento...”

Morte do escultor João da Silva,  
O 1º Janeiro, 1960, p.5

“Apesar do seu classicismo, um tanto *démodé*, João da Silva foi um talentoso gravador, probo e frutuoso, que estudou conscienciosamente todos os seus trabalhos que se caracterizam e integram dentro da verdadeira arte da medalha. Não seria exagerado apelidar João da Silva de Um dos precursores da verdadeira medalhística portuguesa, dada a fragilidade anterior da nossa gravura.”

BARROS, 1961, p.168

“...João da Silva foi um grande e sublime artista. Não há restrições a fazer. A sua actividade, ou melhor, as suas múltiplas obras revelam quatro facetas do seu magnífico génio: - o escultor, o medalhista, o animalista, o cinzelador. Foi perfeito em todas as suas aptidões.”

XAVIER, Alberto, Diário Popular, 23-3-1967, p.2

“Mais do que um artista, mais do que um mestre, João da Silva foi um génio. Não há exagero nesta apreciação sumária. A palavra «génio» raras vezes terá sido empregada tanto a propósito como neste caso, em que se fala de João da Silva. (...) Eternamente insatisfeito, nunca João da Silva disse bem de um trabalho próprio, sendo da sua obra o crítico mais exigente e severo.”

PINTO, 1971, p.46

“Como dos sábios, contam-se de João da Silva cúmulos de distração. Nada do que vestia tinha importância, como não prestava atenção ao dinheiro, que gastava, dava ou perdia sem contar. Às vezes, entrava na oficina das Tunas, ...da qual era visita assídua, de chapéu pousado na cabeça de qualquer jeito, a aba da frente posta para a nuca...Ninguém diria, ao vê-lo, que tão descuidado vestuário escondia um homem bom, delicado, culto, um talentoso escultor, o maior medalheiro português de sempre.”

Idem, ibidem

“Artista grande e o maior dos nossos medalhistas, João da Silva deixou uma obra enorme e que se não apagará da evolução da escultura em Portugal. Algumas estátuas também e grupos decorativos.”

Suplemento da Republica: Artes e Letras,  
1972/ 28/12, p.VII

“Pode dizer-se que são feições provenientes da sua obra: o verismo – baseado na escrupulosíssima observação do modelo – verismo, a que se não deve chamar «realismo», porque anda ligado a um agudo apreço da esbelteza da forma, da finura do acabamento e da harmonia clássica da composição; a procura, nos bustos e nas medalhas, das expressões características da personalidade dos retratados; e o dinamismo, ou amor do movimento, tanto no sentido anímico.”

Diário Popular, 1972//30/5, p.15

“...escultor João da Silva, artista admirável, cujo talento criou verdadeiras obras-primas na estatuária e na medalhística, tendo revelado igualmente aptidões excepcionais como cinzelador e executou, ainda, encantadores trabalhos de ourivesaria, (...)”

PINTO, 1973, p.37

“...apraz-nos destacar João da Silva, que, embora descrente, fez as mais belas medalhas religiosas, admiráveis obras de arte..., revestidas de tal delicadeza e expressão que impressionam agradavelmente todos os espíritos e fazem a cobiça de todos os colecionadores.”

OLIVEIRA, 1975, p.53

“Mais do que um artista, mais do que um mestre, João da Silva foi um génio... Escultor e cinzelador de muito mérito, autor de monumentos implantados por esse País fora: foi entretanto na Medalhística que as hábeis mãos do mestre criaram as mais expressivas e encantadoras peças de arte.”

PINTO, 1975, p.64

“João da Silva amou a arte e consagrou à arte toda a sua vida. A família e os amigos não foram relegados para plano secundário, mas é verdade que João da Silva pôs a arte acima de tudo. Revelando manifesto desprezo por si, pela sua saúde, pela própria existência, ele era o único que não contava no meio de tudo.”

PINTO, 1975, p.7



“ Meu pai vivia para a arte. Dava-se-lhe totalmente. A família estava depois... Era um homem extremamente modesto. E nada ligava ao dinheiro. Quase sempre trazia, apenas, umas moedas no bolso, o indispensável para os transportes públicos. Se queria comprar um livro, tinha de se prevenir expressa e antecipadamente....”

Gabriela Silva,  
in PINTO, *idem*, p.10

“Possuidor de um virtuosismo de saber fazer, da mais elevada qualidade, Mestre João da Silva, na escala em que trabalhou as suas esculturas, de poucos palmos de dimensão, na maioria dos casos menos, pode afirmar-se que se realizou completamente, nos longos anos de labor que viveu, honradamente, como escreveu justo o Doutor José Augusto França, ... embora tivesse encontrado a melhor expressão do seu temperamento na pequena escultura que cultivou estava apetrechado técnica e culturalmente para responder a qualquer problema profissional, que lhe tivesse sido posto....

Na medalha, a sua obra foi e será sempre um exemplo de perfeição técnica, de sábia composição, em que os planos se sucedem por maior que seja o seu número, fora da «parede» da medalha, na maior contenção, ou economia de volumes, sem abdicar da força destes, por mais delicados.”

DUARTE, 1980, p.32-33

“A crítica não o apanha em falso em qualquer deslize pois sob o ponto de vista criativo o assunto a ser representado é previamente estudado com todos os cuidados, escolhendo os motivos com discriminação, critério e gosto. Quando da elaboração dos mesmos há procura da exactidão, há encontro entre a verdade e o belo, sem esquecer o conjunto. Tem por mestre ele próprio; é crítico da sua própria obra;...”

GAMA, 1980, p.7

“João da Silva (...), quando falava sobre arte, era um encanto ouvi-lo, pela segurança dos conhecimentos, pelas apreciações críticas que fazia, pela forma viva e sugestiva como expunha as suas ideias e opiniões.”

CASTELO-BRANCO, 1980, p.53

“Paris absorveu-o.

Culto, a arte não é nele pura intuição; conhece-a nos seus detalhes, com rigor científico da forma e da composição: interpreta, adapta, expressa. É um artista curioso.

Apaixonado pelas coisas da sua terra, é no seu atelier de Paris que ele as completa, insuflando-lhes toda a vida própria, que lhes dá carácter.”

FAZENDA, 1983, p.171

“Tanto nas jóias como nas outras obras de ourivesaria, em peças miniaturais ou de tamanho maior, João da Silva revela o seu temperamento de escultor, mas, por outro lado, o detalhe que emprega nos seus trabalhos de escultura lembram a sua faceta de ourives.”

FRANCO, 1984, p.149

“A obra de João da Silva assenta fundamentalmente no verismo, corrente que se define pela observação escrupulosa do modelo – embora se afaste da corrente realista pela finura do acabamento e da harmonia clássica da composição como condições primeiras que permitem discernir a beleza da forma,...”

PEDRO, 1998, p.7

“João da Silva, ..., foi fadado a cultivar a arte das formas, na sua essência, inserindo-as na época devida, mas nunca desprovida de um carácter arrojado, até mesmo visionário, por vezes.”

BORGES, 1999, p.52

“João da Silva, ..., foi fadado a cultivar a arte das formas, na sua essência, inserindo-as na época devida, mas nunca desprovida de um carácter arrojado, até mesmo visionário, por vezes.”

BORGES, 1999, p.52

“Como exemplo para os escultores e para os medalhistas. Um ensinar de como fazer.”

Luis Castel-Branco, Set. 2002 (\*)

“[A obra de João da Silva é] inovadora, nacional (modo de fazer, pensar) genial e talentosa.”

António Matos, Out. 2002 (\*)

“[A obra de João da Silva é] Genial.”

Lagoa Henriques, Jun. 2003 (\*)

“Da melhor qualidade e em relação ao seu tempo estaria bem em qualquer parte do mundo. Tão bom como os melhores de França.

Homem excepcionalmente dotado para desenhar e modelar. Excelente medalhista, não se lhe fez justiça. Foi o maior medalhista do nosso tempo, com requinte de execução e exigência de qualidade. Extremamente exigente naquilo que fazia, um mestre.

Esculpia segundo os conceitos de finais do séc. XIX e inícios do séc. XX e não aceitava a nova escultura. Excelente executante, mas que parou no tempo.”

Joaquim Correia, Jul.2003(\*)

“Muito perfeccionista. Artista cuja obra é de uma delicadeza de traço e de desenho extraordinário. João da Silva tem uma obra representativa da influência francesa.”

Irisalva Moita, Nov. 2003 (\*)

“[A obra de João da Silva é] De enorme perfeição. Os animais que fez parecem estar vivos.”

António Sérgio Pessoa, Nov. 2003 (\*)

“Deu uma nova vida à medalhística, mas não fez escola.”

João Barreira, Dez. 2003 (\*)

“Considero [João da Silva] o «Pai da medalha moderna» em Portugal.”

João Duarte, Dez. 2003 (\*)

“...Para mim é o expoente máximo da medalhística da época.”

Vasco Costa, Dez. 2003 (\*)

Pessoa de grande integridade moral e cívica. Em muitos aspectos o homem e a obra têm afinidades consideráveis.

António Valdemar, Jan. 2004 (\*)

## CASA MUSEU MESTRE JOÃO DA SILVA

“Quando os nossos olhos percorrem a numerosa galeria da Obra do Mestre João da Silva, no seu Estúdio-Casa-Museu, cremos bem que, apesar dos ismos das correntes artísticas do nosso tempo, ainda há verdadeiros espartanos, como ele, que vivem e sentem a Arte Helénica.”

OLIVEIRA, 1952, p.3

“Pode definir-se como um «museu de portas fechadas» o «atelier» do escultor João da Silva, um dos mais notáveis medalhistas da nossa história artística, o qual se encontra encerrado, desde a sua morte, por falta de um subsídio que permita o ideal acondicionamento das obras ali expostas e o pagamento das despesas da sua conservação...

A Casa-Museu de João da Silva...É um edifício recolhido num pequeno jardim. O «atelier», onde o escultor trabalhou e se encontra agora a parte mais importante da sua obra, fica na retaguarda do edifício, depois de um pátio com um pequeno lago.”

Por falta de subsídio,  
Diário Popular, 14-10-1965, p. 13

“Entrar na Casa-Museu João da Silva é transpor as portas do sonho, do irreal, e continuar, no entanto, desperto, os pés assentes no chão, os olhos abertos – porque ali a realidade confunde-se com o sonho, mas é, de facto, realidade. É um mundo diferente, verdadeiro santuário, que nos absorve e subjuga, que nos seduz. Ali, tudo é grande, gigantesco. As miniatuerais obras do artista também. Os olhos do visitante perdem-se, percorrendo, apressada e nervosamente, tantas peças criadas pelo talento e sensibilidade do insigne escultor.”

PINTO, 1972, p.4-5

“Mestre João da Silva acrescenta aos seus largos dotes pessoais e de artista o mérito de entregar ao futuro grande parte de toda a sua obra de escultor, reunida e devidamente acautelada. O que não acontece, infelizmente, com a maioria dos espólios dos artistas, por os seus legítimos herdeiros por falta de meios para que continuem no futuro reunidos, ou por necessitarem de os venderem, para se manterem economicamente, os dispersam.

DUARTE, 1980, p.34

“...; após a sua morte, queria que a sua obra não fosse esquecida e que aquilo que fizera pudesse servir para ajudar os artistas de gerações vindouras. Surge então uma casa preparada para tudo;..., enfim um projecto dinâmico e de vanguarda em plenos anos 30.”

BORGES, 1999, p.53

“João da Silva ou um museu de jóia numa jóia de museu. Uma simples moradia rodeada de um jardimzinho burguês “escondem” um dos mais singelos e bem recheados museus de Lisboa.”

SOTTOMAYOR, 2002, p.16

João da Silva, alumno da Escola - Príncipe Real, era já alumno da Escola - António Rodrigues Sampaio quando Vossa Magestade honrou essa Escola com a sua visita em 22 de março do anno proximo findo, e n'essa occasião teve a ex-celta benevolencia de attender o supplicante, tomando conhecimento de que ainda se lhe devia o premio obtido em junho de 1893 por seu aproveitamento na Escola - D. Amião de Góes - de Alentejo, onde n'esse anno estudára.

Commoveu-se Vossa Magestade conhecendo a existencia d'essa divida, e considerando a falta que ao supplicante faria essa pequena somma de seis mil réis, attenta a circumstancia de ser pobre; e dignou-se então de recomendar ao Seu Escrivão e Secretario do Reino, ali presente, para que ordenasse o pagamento d'essa pequena quantia, como de justiça.

Senhora! como seja quasi decorrido um anno depois d'esse dia, e a referida divida se mantinha nas mesmas condições, com muito prejuizo do supplicante; e esse o motivo pelo qual o mesmo supplicante humildemente

Pede a Vossa Magestade a Graça de ordenar que ao supplicante seja paga a mencionada quantia de seis mil réis, importância do premio legitimamente ganho pelo respectivo trabalho escolár, que o supplicante cumpriu com perseverança e dedicação.

Lisboa de de 1896

João da Silva

C. R. M. C.



062

Nos 7 dias do mez de Outubro de mil novecentos e um,  
 o alumno João da Silva,  
 filho de Francisco da Silva  
 natural de Ypiranga de idade de 17 annos,  
 de profissão Cirurgião, tendo frequentado n'esta escola  
4º Curso de Cirurgia  
 do curso \_\_\_\_\_ no anno lectivo de 1900-1901,  
 e satisfeito as prescripções estabelecidas no artigo 48 do regulamento das escolas  
 industriaes e de desenho industrial approved por decreto de 14 de Dezembro  
 de 1897, obteve como recompensa Uma Diploma  
 que lhe mandei passar, o qual vas por mim assignado, e firmado com o sello d'esta  
 Escola.

Em 7 de Outubro de 1901.

O Professor \_\_\_\_\_ O Director \_\_\_\_\_  
 (u) J. B. Cristofanetti vs Dr. J. J. ...  
 O Secretario \_\_\_\_\_  
 (u) J. C. ...

Foi entregue em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 19\_\_

Recelhi

O Alumno

\_\_\_\_\_

MINISTERIO  
DAS  
OBRAS PUBLICAS  
Commercio e Industria  
Direcção Geral do Commercio e Industria  
4.ª Repartição Ensino Industrial  
e Commercial  
1.ª Secção  
N.º 97

Exmo Sr.  
M. Luro

Com resposta ao seu officio de 13 do corrente mey, participo a V.ª S.ª que Sua Ex.ª o Ministro por despacho de 18 do mesmo, authorisa que o 3.º anno de subsidio seja aproveitado frequentando a École des Beaux Arts de Paris, nos termos em que V.ª S.ª formulou o seu pedido.

A respeito da frequencia que V.ª S.ª fez na escola de Genebra, cumpre-me muito gostosamente felicita-lo pelo seu aproveitamento e ao mesmo tempo dizer-lhe que conviria não demorar a remessa a esta Direcção Geral, das certidões de todos os diplomas obtidos durante os dois annos anteriores, da frequencia da escola de Genebra e, sendo possivel, uma informação do director d'esse estabelecimento, acerca

da forma como V.ª S.ª se desempenhou nos trabalhos que lhe foram commettidos.

Deus Guarde a V.ª S.ª  
Direcção Geral do Commercio e Industria em 25 de julho de 1903.

O Director Geral  
E. Madeira Pinto

Exmo Sr.  
M. Luro  
6, Quai de l'Avenir  
Cotte (Herault)  
France

99/60



MINISTERIO  
 DAS  
**OBRAS PUBLICAS**  
 COMMERCIO E INDUSTRIA  
 DIRECCÃO GERAL  
 DO  
 COMMERCIO E INDUSTRIA  
 4.ª REPARTIÇÃO  
 ENSINO INDUSTRIAL E COMMERCIAL  
 1.ª Secção

Ordem de serviço n.º 600

Lisboa, 18 de Dezembro de 1909

Da Direcção Geral do Commercio e Industria.

"Ao Director da escola industrial  
 "Cargueiros de Tombal", em  
 Lisboa

Para seu embocimento e devidos effectos com-  
 munes que em 6 do corrente mez, foi contratado  
 para mestre de omeirresaria, joalharia e gravura  
 de medallhas, e gravador João da Silva, para  
 ministrar nessa escola a sua especialidade, e  
 ao qual nesta data se passa quiza para se apre-  
 sentar a V.ª

Pega-se a V.ª se dignar participar a esta  
 Direcção Geral a data em que o referido gra-  
 vador se apresentar nessa escola.


Junta se remette a copia do Contrato iaci-  
 ma indicado.

Do Director Geral

P. Madeira Pinto

ESCOLA INDUSTRIAL  
 MARQUEZ DE POMBAL  
 Reg.º em 14 de 12 1909  
 Lt. N.º 1 Pag.º 5

107-1



MINISTERIO  
das ~~Fornas~~  
OBRAS PUBLICAS  
COMMERIO E INDUSTRIA  
DIRECCAO GERAL  
DO  
COMMERIO E INDUSTRIA  
4.ª REPARTIÇÃO  
ENSINO INDUSTRIAL E COMMERCIAL  
1.ª Secção

Ordem de serviço n.º 949

N.º 106

Lisboa, 13 de Junho de 1902

Da Direcção Geral do Commercio e Industria.

Ao Director da escola industrial  
"Marquês de Tassaral", em

Lisboa

Para seu conhecimento e devidos effectos commensurados que em data de 11 do corrente se fez deferir o requerimento apresentado pelo substituto de Director da dita escola João da Silva, pedindo licença de 30 (trinta) dias commensurados para proceder em Paris a alguns estudos que se relacionam essencialmente ao seu trabalho, visto em os congressos artisticos internacionais que se realisam naquelle cidade de 13 a 16 do corrente se não ter sido necessário fazer o Ministerio do Interior sobre proposta das Sociedades Nacionais de Bellas e Artes e das Architectas que vai representar.

C Director Geral

M. Costa e Silva

ESTADO  
REGISTRO  
17 Junho 1902  
M. Costa e Silva



119-1



REPÚBLICA PORTUGUESA  
 MINISTERIO DO FOMENTO  
 DIRECÇÃO GERAL  
 DO  
 COMÉRCIO E INDÚSTRIA  
 4.ª Repartição  
 Ensino Industrial e Comercial  
 1.ª Secção  
 N.º 107

*Ordem de serviço n.º 107*

Lisboa, 5 de Agosto de 1913

Da Direcção Geral do Comércio e Indústria

Ao director da escola industrial "Marquez de Pom-  
 bal", em

Lisbôa

Em resposta á sua nota de serviço N.º 427 de 29 de julho proximo, passado, que acompanha o requerimento do mestre da officina d'essa escola João da Silva, para se ausentar de Portugal durante as ferias a fim de visitar e estudar a nova orientação das escolas de arte decorativa em Paris, Charleroi e Genebra, comunico para seu conhecimento e devidos efeitos que por despacho ministerial de 2 do presente mez, foi deferido o requerimento.

O Director Geral

*[Signature]*

ESCOLA INDUSTRIAL  
 MARQUEZ DE POMBAL  
 Reg. em 8 de Agosto 1913  
 L. N.º 1 pag. 87

COPIA.

Escola Industrial Marquês de Pombal.

Numero 129

Lisboa 31 de Março de 1914.

À Repartição d'Ensino Industrial e Comercial.

Lisboa.

Do Director da Escola Industrial Marquês de Pombal.

Em ordem de serviço Nº 153 de 16 d'agosto de 1913 foi comunicação a esta escola que ao mestre João da Silva não podia ser abonado o respectivo vencimento em vista de disposições da organização de 24 de dezembro de 1901.

Em comunicação Nº 437 de 26 do citado mez, expuz a V.Exª as considerações que julguei convenientes e do meu dever apresentar a V.Exª, e, ao reassumir a direção desta escola tive conhecimento, de que o referido mestre não tendo deixado de exercer o seu cargo, conserva-se ainda nas mesmas condições, isto é, sem receber os seus vencimentos desde o mês de julho do ano proximo passado.

O requerimento que tenho a honra de enviar a V.Exª n'êlo expõe o suplicante as condições da sua admissão nesta escola, que eu confirmo, as quaes se acham designadas no contracto do qual remeto copia a V.Exª.

Em presença do que exponho considero da maior justiça que seja atendido o suplicante, como requer, renovando o que tive a honra de expôr a V.Exª na mencionada comunicação, devendo acrescentar, a bem de ensino; quanto são valiosos os serviços que está prestando a esta escola tão distincto artista.

Dignando-se V.Exª apresentar a S.Exª o Ministro estas considerações, aguardo o que S.Exª se dignar resolver.

Saude e Fraternidade.

O Director.

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Mestrado em Museologia

ESTÁGIO II

Estágio a decorrer na

CASA-MUSEU MESTRE JOÃO DA SILVA:

CORRESPONDÊNCIA DO MESTRE ENQUANTO PRESO POLÍTICO  
(1933-1934)

**Orientador de Estágio: Mestre José de Quintanilha Mantas**

**Discente: Judite Maria Domingos Calisto**

Fevereiro de 2002

## **AGRADECIMENTOS**

À Sr<sup>a</sup> Dona Gabriela da Silva e ao Dr. José Mantas pela oportunidade de efectuar este estágio, bem como pelas informações fornecidas.

À Dr<sup>a</sup> Fátima Lopes, pelo apoio técnico e disponibilidade.



**ESTÁGIO DE 88 HORAS NA  
CASA-MUSEU MESTRE JOÃO DA SILVA**

**Inventariação e catalogação da correspondência do Mestre  
enquanto preso político - 1933/1934**

Na sequência de uma rusga efectuada pela polícia política do Estado Novo, ao atelier do Mestre João da Silva, em 1933, o escultor foi preso por ali serem encontrados exemplares do jornal *A VERDADE*, conectado com a oposição ao regime, de tipo fascista, que Salazar está a implementar em Portugal.

No início de Novembro de 1933 é preso no Aljube de Lisboa, dali foi enviado para a Torre de São Julião da Barra e de seguida para a Polícia do Porto, depois para o Aljube no Porto. Em 19 de Novembro de 1933 é transportado para Peniche e na madrugada do dia seguinte foi embarcado no vapor Quanza, chegando a Angra do Heroísmo no dia 21 onde ficou, no Presídio de São João Batista, na Prisão Nº 1, em situação de incomunicabilidade até 1 de Agosto de 1934.

Assim, João da Silva conhece o primeiro período como preso político do regime, com o qual não concorda pois, é um livre pensador e um homem que conhece a Europa, onde estudou e viveu, por largos períodos, durante cerca de 30 anos.

As cartas que envia, nomeadamente à esposa e que correspondem à da sua estada no Aljube do Porto e no Presídio de São João Batista, são um espelho da sua revolta mas também da forma de pensar, dos valores humanos e artísticos que defende.

Apresentamos de seguida a catalogação da correspondência (1), segundo as regras do N.B.M. (No Book Material), com notas de conteúdo das cartas e bilhetes postais, datadas entre 29 de Outubro de 1933 e 02 de Agosto de 1934, que constituem parte do espólio da Casa-Museu Mestre João da Silva. A descrição e organização do Espólio teve como critérios, em primeiro lugar a divisão por anos e depois pelo nome do destinatário da correspondência enviada pelo escultor, seguido das missivas por ele recebidas, em sequência cronológica. Nesta organização optámos por não efectuar alfabetação de Bilhete Postal e de Cartas, pelo que os apresentamos sequencialmente.

Nas transcrições mantemos a ortografia, mas actualizamos a acentuação das palavras, por nos parecer que facilitava a leitura sem alterar o texto.

Para maior facilidade no acesso à informação optámos pela elaboração de quatro índices: Cronológico, de autores, de destinatários e onomástico.

---

(1) [tipo de suporte], data de emissão com ano mês e dia, local de emissão [a] nome do destinatário, local do destino / nome do autor tal qual escreveu ou entre rectos. - descrição física; dimensões em cm  
Natureza do documento .- Timbre .- Nota de conteúdo .- Nota de publicação.

## ANO DE 1933

### Correspondência de João da Silva a:

António Sérgio:

[Bilhete postal], 1933 Dez. 02, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a] António S[érgio] de Sousa, Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 14 x 9,5 cm

Autógrafo assinado.- Todo o discurso é dirigido directamente à esposa: Dá instruções e desenha esquema, para o canteiro José Moreira assentar a pedra de mármore preto sobre a chaminé da sala [no segundo andar].

Esp.JS/1

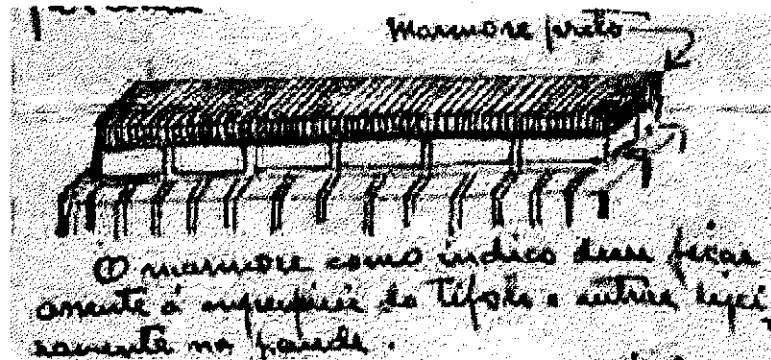


Fig. 1

[Bilhete postal], 1933 Dez. 02, Angra [do Heroísmo], Presídio de São João Batista [a] António S[érgio] de Sousa, Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 14 x 9,5 cm

Autógrafo assinado.- Pede para o destinatário informar a irmã [Maria do Pilar Sérgio da Silva] da necessidade de a empresa «Competidora» colocar massa nos vidros da galeria; além disso deve mandar desmontar as escadas instaladas para subir ao telhado, proteger o Chariot, fazer um bom fogo no “Godin” e untá-lo com vaselina.

Esp.JS/2

Gabriela da Silva

[Carta], 1933 Dez. 12, Angra [do Heroísmo], Presídio de São João Batista [a Gabriela da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 27 x 21,5 cm

Autógrafo assinado.- Informa a filha das condições de vida no presídio e manifesta revolta pela situação que vive.

Esp.JS/3

Rui Ribeiro da Silva:

[Carta], 1933 Dez. 31, Angra [do Heroísmo], Presídio de São João Batista [a Rui da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 27 x 21,5 cm

Autógrafo assinado.- Descreve a vida na prisão e solicita ao filho que faça saber em Lisboa das más condições a que está sujeito.

Esp.JS/4

Maria do Pilar Sérgio da Silva:

[Carta], 1933 Out. 29, [Prisão do Aljube, Porto a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [3] p. 3f.; 20 x 16 cm

Autógrafo assinado.- Anexo atribuído de folha escrita a lápis, com indicação de cinco testemunhas de defesa.- Solicita folha, mais pequena e fina que o alçaço, onde esboçou uns desenhos que são uns vagos estudos para a medalha da Academia de Belas Arte, bem como materiais para trabalhar. Diz que sobre um cavalete, [no atelier], está o estudo de nu da figura de [Augusto] Gil.

Esp.JS/5

[Carta], 1933 Out. 29, [Prisão do Aljube, Porto a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [1] p. 1f.; 20 x 16 cm

Autógrafo assinado.- Anexo atribuído de folha onde substitui uma das testemunhas de defesa anteriormente indicadas.- O estudo do nu para a estatua de [Augusto] Gil está concluído, mas por estar preso não pode continuar a obra. Sabe que Baltazar de Castro autorizou a edificação do monumento no local escolhido, frente à Sé [da Guarda].

Esp.JS/6

[Bilhete postal], 1933 Out. 30, [Prisão do Aljube, Porto a] Maria do Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 14 x 9,5 cm

Autógrafo assinado.- Solicita algumas tarefas à esposa.

Esp.JS/7

[Bilhete postal], 1933 [Nov. 01], [Prisão do Aljube, Porto a] Maria do Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 14 x 9,5 cm

Autógrafo assinado.- Está a terminar um estudo e solicita o livro comprado em Paris, sobre arte românica.

Esp.JS/8

[Bilhete postal], 1933 [Nov.] 05, [Prisão do Aljube, Porto a] Maria do Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 14 x 9,5 cm

Autógrafo assinado.- Sabe que vai ser transferido de prisão. Coloca a hipótese de cinzelar o candeeiro de prata.

Esp.JS/9

[Carta], 1933 Nov. 10, Porto, [Prisão do] Aljube, Porto [a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [4] p. 1f.; 26,5 x 18 cm

Autógrafo assinado.- Fala das condições de vida na prisão. Ironiza sobre os prisioneiros do regime: “Estou muito bem rodeado. As pessoas que vão passando pelas prisões da Ditadura, são de boa categoria social, e devido a isso tenho tido com quem conversar.”

Esp.JS/10

[Carta], 1933 Nov. 20, A bordo do Quanza [a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].-[6] p. 2f.; máximo de 21,5 x 17,6 cm

Autógrafo assinado.- Papel timbrado de «Companhia Nacional de Navegação».- O barco dirige-se a Angra [do Heroísmo] e ficarão internados na Fortaleza [de São João Baptista]. Saíram do Aljube [Porto] às 22.00 horas [do dia 19 de Nov. p.p.] e chegaram a Peniche às 5.00 horas, onde embarcaram de seguida no vapor. Pede o candeeiro de prata, em quatro peças: pé, nau e dois veleiros. Envia desenhos para os pedaços da nau serem soldados [ Em anexo]. Dá instruções sobre alguns acrescentos que devem ser feitos no candeeiro, em forma de nau, por Domingos, ourives, juntamente com Vidal.

Esp.JS/11

[Carta], 1933 Nov. 30, Angra [do Heroísmo], Presídio de São João Batista [a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [4] p. 1f.; 21,5 x 17,6 cm

Autógrafo assinado.- Papel timbrado de «Companhia Nacional de Navegação».- Espera terminar a obra sobre “composição”, documento que ficou na Polícia do Porto. Solicita informações à esposa, fala das expectativas de fazer alguns trabalhos e descreve o seu quotidiano.

Esp.JS/12

[Carta], 1933 Dez. 01, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [4] p. 1f.; 21,5 x 17,6 cm

Autógrafo assinado.- Papel timbrado de «Companhia Nacional de Navegação».- Fala da possibilidade da casa [de habitação] ser alugada e recomenda à esposa que fale com o Dr. António de Barros sobre o assunto. Propõe a forma de vedar a janela que dá para a galeria e a porta, bem como para a paliçada no jardim. Desenha na carta vários esquemas sobre as alterações a fazer.

Esp.JS/13

[Carta], 1933 Dez. 12, Angra [do Heroísmo], Presídio de São João Batista [a] [Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [8] p. 2f.; 21,5 x 17,6 cm

Autógrafo assinado.- Papel timbrado de «Companhia Nacional de Navegação».- Refere que os “papeis” que ficaram na Polícia do Porto ainda não chegaram. (fl.2): Apresenta lista de materiais que devem ser enviados num caixote pequeno para o Forte de Angra [do Heroísmo], de que são exemplo: pasta pequena onde estão os desenhos das naus, fotogravura e obra sobre navios antigos; desenho que fez para o outro candeeiro que projectava fazer, bem como os estudos, nomeadamente o que tem o fundo quadriculado feito a lápis. Pede, também, o livro *L'homme et son image*.

Esp.JS/14

[Bilhete postal], 1933 Dez. 15, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 14 x 9,5 cm

Autógrafo assinado.- Solicita os desenhos dos projectos da casa para estudar o que construir sobre o atelier. Assunto em que tem vindo a pensar e que poderá ser concretizado assim que se efectue uma encomenda que possibilite fazer face às despesas. Propõe que se mande cultivar pés de vinha, para o enxerto da vinha existente a esposa deve falar com [o pintor António] Conceição e Silva. Apresenta outras orientações sobre plantações no jardim.

Esp.JS/15

[Carta], 1933 Dez. 25, Angra [do Heroísmo], Presídio de São João Batista [a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 27 x 21,5 cm

Autógrafo assinado.- Dá indicações para enxertia das videiras e sugestões de plantação de árvores de fruto. Pede para a esposa despachar o caixote com as ferramentas quando o for visitar. Continua sem notícias dos papéis que ficaram na Polícia do Porto.

Esp.JS/16

## Correspondência a João da Silva de:

[Mário]

[Bilhete postal], 1933 Dez. 22, Porto [a] João da Silva, Presídio de São João Batista, Angra do Heroísmo / [Mário].- [2] p. 1f.; 14 x 9,5 cm

Autógrafo assinado.- Autoria provável.- Tem carimbo: "Censurada".- Amigo responde a missiva de João da Silva. Refere Américo da Graça, Acácio Mariano e Teresa da Fonseca.

Esp.JS/17



## Ano de 1934

### Correspondência de João da Silva a:

Artur Leitão:

[Carta], 1934 Fev. 10, Angra [do Heroísmo], Presídio de São João Batista [a] Artur Leitão, Lisboa / João da Silva.- [2] p. 1f.; 27,5 x 22 cm

Autógrafo assinado.- Há mais de quatro meses que anda “neste fadário”: do Aljube de Lisboa foi mandado para a Torre de São Julião da Barra e dali para a Polícia do Porto, depois para o Aljube, no Porto e finalmente para Peniche, onde foi embarcado no [vapor] Quanza , chegando a Angra [do Heroísmo], Presídio de São João Batista, a 21 de Novembro de 1933. Comunica as instruções dadas ao canteiro para a elaboração do medalhão, a colocar no jazigo, em Coimbra [dedicado a Maria do Céu Guedes], no mármore de Itália, uma vez que teve de recusar o de Vila Viçosa por ter manchas. Lamenta não poder acompanhar de perto o trabalho e dá instruções através de cartas para que a obra não atrase mais tempo.

Esp.JS/18

Eduardo Augusto de Oliveira Pessoa:

[Carta], 1934 Jan. 13, Angra [do Heroísmo], Presídio de São João Batista [a] Eduardo [Augusto de Oliveira Pessoa], Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 27,5 x 22 cm

Autógrafo assinado.- Informa o cunhado da tentativa de enviar ao Presidente da República, Presidente do Ministério e Ministro do Interior um telegrama reclamando contra o regime de prisão imposto.

Esp.JS/19

[Carta], 1934 Mai. 30, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a] Eduardo [Augusto de Oliveira Pessoa], Lisboa / João [da Silva].- [4] p. 2f.; 28x 22 cm

Autógrafo assinado.- Com envelope (rasgado) atribuído. Tem carimbo de “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- Descreve ao cunhado as condições de prisão e a sua revolta pela situação que vive. Comenta a situação cultural de Portugal e do novo regime: (fl1v.): “Eu sou um homem que aqui estou porque – devo dizer-lo – não aceito nenhum regime de excepção e violência, e isso, porque um preso de ser uma pessoa normal e por isso mesmo, só defendo e aprecio o que está dentro de todos os princípios equilibrados do bom senso, da moral e da justiça.

Detestei sempre os oportunistas os palulidosos, todos aqueles que para fins esquesitos evocam e impõem princípios que as nossas consciências nunca puderão aceitar, e para não nos desviarmos do bom caminho devemos pôr esta sempre acima dos nossos interesses, senão, perdemos a fiscalização dos nossos actos, e como consequência fatal, o aprumo da



nossa vida moral.” (fl.2): “O português não sabe o que é ser cidadão, não tem nem nunca teve educação cívica. Em relação aos outros povos nós temos uma grande inferioridade mental, estamos ainda num período de incubação. Não temos nada mas julgamo-nos com capacidade para fazer tudo, sem compreendermos que entre a corrupção e a realização há um mundo que ainda não transpusemos.”

Esp.JS/20

Florinda Trigo:

[Carta], 1934 Jan. 16, Angra [do Heroísmo], Presídio de São João Batista [a] Florinda [Trigo], Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 27,5 x 22 cm

Autógrafo assinado.- Responde a carta da prima informando das condições de prisão e falando dos filhos. Na mesma sala está preso o Dr. Pires de Carvalho, de 70 anos, médico, antigo ministro e ex-director da Penitenciária de Lisboa e Coimbra, que dizia nunca ter dado daquela comida aos presos, etc.

Esp.JS/21

Gabriela da Silva:

[Carta], 1934 Jan. 16, Angra [do Heroísmo], Presídio de São João Batista a Gabriela da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 27,5 x 22 cm

Autógrafo assinado.- Descreve à filha a vivência na prisão: O vapor vai a Angra do Heroísmo de 15 em 15 dias, pelo que a resposta às cartas demora um mês. Dos 144 homens que foram transportados pelo [vapor] Quanza para o Forte [de São João Baptista], cerca de 40 são oficiais (de coronel para baixo), os restantes são civis, 3 dos quais tinham sido ministros. Destes, 104 eram médicos, advogados, engenheiros, farmacêuticos, lavradores, comerciantes, 1 veterinário, professores, 1 pintor e 1 escultor: “dos mais perigosos pertencem em grande número às melhores classes da nossa sociedade.” Estão no Forte, incomunicáveis há 55 dias, quando a Constituição apenas permite que isso aconteça por 8 dias, para presos sem culpa formada. A sala onde permanece, em forma de enfermaria, apenas foi lavada uma vez: “esperam autorização de Lisboa para o fazerem novamente.”

Esp.JS/22



Maria do Pilar Sérgio da Silva:

[Bilhete postal], 1934 Jan. 01, Angra [do Heroísmo], [Presídio de São João Batista a Maria do] Pilar Sérgio da Silva , Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 14 x 9,5 cm

Autógrafo assinado.- Refere a necessidade de limpeza do sifão junto da porta da cave, como o fazer e porquê, bem como de abrir e olear o portão da casa. Solicita o livro *Prado*. Pede para a esposa mandar plantar e enxertar as videiras.

Esp.JS/23

[Carta], 1934 Jan. 15, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [4] p. 2f.; 27,5 x 22 cm

Autógrafo assinado.- (fl.1v.): Fala de "... trabalhos que já andam em esboço no [seu] espírito". Como não foi possível alugar o primeiro andar sem mobília, pede para a esposa vender a cama a um particular, que pagará melhor. Não valerá a pena vender o armário *regente*. Sobre o projecto para construir uma pequena casa sobre o atelier diz: "Já fiz o estudo para transformar a parte do atelier que ficará sendo a nossa habitação, e como estão aqui dois engenheiros especializados em construções de cimento, eles vão fazer o calculo com os estudos necessários afim de nós realizarmos isso na primeira ocasião. Verás depois meu amor como fica uma cousa bonita e confortável, sobre tudo confortável." (fl.2): Questiona sobre a colocação da pedra de mármore preto sobre a lareira [no segundo andar], a qual tinha sido encomendada no "Moreira" [Depósito de serração em Paço D'Arcos e Goilão-Oeiras, que vendia mármore e materiais de construção]. (fl.2v.): Pergunta igualmente se foi recebido o que ficou na Polícia do Porto, pois tinha escrito ao Dr. Amândio Guimarães, no Aljube, solicitando-o. Em caso positivo pede que este lhe seja enviado.

Esp.JS/24

[Carta], 1934 Jan. 21, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 27,5 x 22 cm

Autógrafo assinado.- Pergunta se a casa foi alugada e por quanto, sugere que além dos móveis seja retirada a banheira, fogueira, etc. Também está preso na sala o engenheiro [José] Praça, do Porto.

Esp.JS/25

[Bilhete postal], 1934 Jan. 31, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 14 x 9,5 cm

Autógrafo assinado.- Tem carimbo "Deposito de Presos Angra".- Descreve a vivência do dia da chegada da correspondência.

Esp.JS/26

[Carta], 1934 Fev. 11, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 27,5 x 22 cm

Autógrafo assinado.- Dá indicações para a elaboração de placa em mármore onde está colocado o retrato de Maria do Céu [Guedes], e das letras a bronze, que serão feitas por Máximo [Ribeiro]. Lamenta não chegar a tempo de retocar o retrato, a colocar no jazigo, em Coimbra. Anteriormente, já tinha sido feito nas mesmas condições, o retrato do Dr. Anibal Bettencourt.

Esp.JS/27

[Carta], 1934 Fev. 15, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [10] p. 5f.; 27,5 x 21,5 cm

Autógrafo assinado.- Fala do seguro de profissão ser elevado, mas necessário. (fl.1v.): M. Georges Ariene não alugou a casa. Refere o facto da casa receber o Sol da manhã e da tarde. Só seria diferente se no terreno do Pinto [vizinho do nº 9] fosse construído um prédio de 4 ou 5 andares, "... esse grande inconveniente só teria poderia ter sido evitado seguindo a desposição do Mège [arquitecto francês], porque a nossa casa encostada à outra ficaria abrigado por essa aproximação fazer caixa dar, e teria, como sempre, o sol de manhã na frente e de tarde nas costas. Em todo o caso ... o sol está de manhã em todas as casas da frente e de tarde do outro lado." Foram vendidos dois bronzes. Diz não ter recebido o embrulho com os catálogos e fotografia dos cabritos. (fl.3): Manifesta o desejo "... de fazer novos trabalhos e acabar os que ficaram suspensos, ...". Fala da projectada construção sobre o atelier, que o casal transformará no seu "... cantinho intimo e confortável". Já fez o croquis de estudo da adaptação do atelier, sobre o qual a esposa dirá o que pensa, logo que possível porão em prática a "ideia que será linda e até certo ponto muito original.". O croquis será depois apresentado ao "Vasquinho" [Vasco Lacerda Marques, arquitecto] que o porá em "arquitectura bem simples." A esse respeito já falou com dois engenheiros e um construtor, companheiros de prisão, sobre a melhor e mais económica forma de fazer a obra. (fl.3v.): "Com todas essas indicações faremos um caderno de encargos e então falaremos com o tal mestre que conheces e veremos o que ele dirá e o que pede." Esta obra permitirá mais rendimentos e uma vida desafogada. Vai escrever a João Franco, segundo o pedido da Senhora Gil, entretanto já tinha escrito ao seu irmão, Dr. Ladislau Patrício informando-o do que se passava, para que ele prevenisse o presidente da Comissão do monumento [a Augusto Gil, na Guarda], e presidente da Câmara. (fl.4): Recomenda à esposa que mande fazer a plantação dos bacelos junto de cada prumada e enxertar as videiras existentes. (fl.4v.): É necessário pagar a Lagarde pelo trabalho de medalhas.

Esp.JS/28

[Carta], 1934 Fev. 16, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 27,5 x 21,5 cm

Autógrafo assinado.- Já escreveu a Máximo [Ribeiro] e dá orientações para o pagamento do mármore e do medalhão "Maria do Céu" [Guedes].

Esp.JS/29

[Carta], 1934 Fev. 25, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [6] p. 3f.; máximo de 28 x 22 cm

Autógrafo assinado.- (fl.2): Informa que já tem dois estudos para a transformação da casa, a fazer por cima do atelier e a esposa escolherá qual irão executar. Fará pequena maquete para terem a ideia correcta da disposição e D. Pilar modificará o que quiser. A esposa deverá escrever a José Sebastião solicitando postais do monumento de Évora. (fl.2v.): Quer saber se já foi feito o pagamento relativo à medalha da A[ssociação] Industrial, a Lagarde. (fl.3): Pergunta se foram recebidos os papéis e livros que ficaram no Porto e ultimamente estavam na posse do Dr. Amândio Guimarães (médico da Polícia do Porto), assim que possível pretende terminar a obra [sobre composição] e “dar-lhe publicidade, talvez, por intermédio da Academia de Belas Artes”.

Esp.JS/30

[Carta], 1934 Mar. 01, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [10] p. 5f.+ 1 desenho (col.); 28 x 22,5 cm + 22 x 15 cm

Autógrafo assinado.- Tem junto desenho de planta de parte do 1º andar, sem título, a lápis pretos e a vermelho com as alterações a fazer, sob folha de papel azul.- (fl.2): Projecta passar algumas semanas em casa de Jacinto [Torres Vaz Freire, sobrinho], para descansarem e para fazer alguns estudos de animais que mandará para Paris e Berlim. Pretende fazer o mesmo no Jardim Zoológico para aumentar os rendimentos em francos e em marcos. Solicita a morada do almirante Gago Coutinho, para lhe agradecer a visita em São Julião. O ensaio [sobre “composição”] ainda não foi enviado do Porto, pelo Dr. Amândio Guimarães. Reafirma à esposa que não tenha pressa em alugar a casa [de habitação]. (fl.2v.): Caso o francês queira alugar a casa, a salamandra deve ser instalada sem furar o telhado e sim pela chaminé, furando a parede no sítio que indica no desenho (que se encontra em anexo). (fl.3v.): Refere ter levado uma vida de trabalho porque nenhuma outra coisa fora da profissão lhe interessava, a não ser que se ligasse com ela, como o “... ensino profissional artístico e a obra sobre composição que tanto ...” desejava acabar, pois são o prolongamento da sua actividade artística. “Todos os conhecimentos emanados do homem têm como fim o homem, eis porque me interesso pelo ensino quer artístico ou não por ele contribuir para a formação do espírito sem a qual o homem é um simples animal mergulhado nas trevas da ignorância, incapás do convívio mais insignificante por não o prender senão o que é somente do domínio da matéria, e, é por isso que em Portugal não temos vida espiritual, e os ignorantes são sempre os que valem mais porque são atrevidos.” Informa que entre os 34 cidadãos presos na sua sala estão 4 médicos, como por exemplo o Dr. Whulhouse, bem como clérigos. (fl.4): Em três meses e dez dias de prisão, em Angra do Heroísmo, teve três visitas. Ali estão presos 144 indivíduos. (fl.4 v.): Comenta a sua juventude e o seu carácter pessoal: Desde os 14 anos que passou a dirigir e a orientar a sua vida, da qual não se arrepende. “Como toda a pessoa que se forma por si fortaleci de tal maneira o meu carácter que a pessoa para quem eu fui e sou mais severo é para mim mesmo. Não me desculpo nem nunca me perdoei uma fraqueza, e esta intransigência para comigo ... é extensiva aos outros. Detestei sempre o homem que não fosse muito sério, como também aquele, que para conveniência própria se arrola a todas as baixezas, esses homens que procuram agradar a todos são os maiores inimigos do género humano”. Pergunta se foi oferecido [uma estatueta do] burrinho a D. Carolina Ramos. A Condessa de Nova Goa mandou o desenho sobre gesso

do retrato [de Maria do Céu Guerra], mas o Mestre tem intenção de lho oferecer, assim que acabar de o retocar. (fl.5 v.): Refere que a entre ajuda é essencial entre os prisioneiros, os quais praticam “a verdadeira moral cristã”. Fica satisfeito por os enxertos nas videiras terem sido feitos, fala das laranjeiras do jardim da sua casa e do katus que terá sido mudado de sítio.

Esp.JS/31

[Bilhete postal], 1934 Mar. 03, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 14 x 9 cm

Autógrafo assinado.- Tem carimbo “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- Partiu um dos comandantes da força responsável pelo [Presídio de São João Batista].

Esp.JS/32

[Bilhete postal], 1934 Mar. 16, Angra [do Heroísmo], Prisão Nº 1, [Presídio de São João Batista a Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 14 x 9 cm

Autógrafo assinado.- Tem carimbo “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- Refere que numa das cartas enviadas com data de 15 ou 16 enviou desenho em que indica o sítio para a tiragem de ar da salamandra. Folga em saber que as árvores e as videiras estão bonitas.

Esp.JS/33

[Bilhete postal], 1934 Mar. 16, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 14 x 9,5 cm

Autógrafo assinado.- Tem carimbo “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- Informa que um dos prisioneiros, negociante em Coimbra, regressa ao continente. Entretanto vai fazendo projectos para o futuro, confiante no regresso.

Esp.JS/34

[Carta], 1934 Mar. 16, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 28 x 22 cm

Autógrafo assinado.- Decide concorrer ao monumento a erguer, na ponta de Sagres, ao Infante D. Henrique e já fez requerimento. Continua satisfeito por ter rompido com a indiferença em relação ao trabalho e solicita material de desenho. Volta a dizer para se dar a escultura do burrinho, uma das melhores coisas que tem para oferecer.

Esp.JS/35

[Carta], 1934 Mar. 16, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva ], Lisboa / João [da Silva].- [6] p. 3f.; 28 x 22 cm

**Autógrafo assinado.- (fl.1v.):** Define a arte como reflexo da vida colectiva e manifesta o desejo de regressar ao atelier para continuar os trabalhos: “...quando esse trabalho define a interpretação da vida colectiva como sucede com a obra de todos os artistas contribue para demonstrar o grau de avanço ou atrazo da sua época, pois a arte é um reflexo da vida colectiva e até mesmo anuncia o declinar ou a subida com certa antecipação”. Sabe que o padre Costa Lima, ficou entusiasmado com a custódia e pensa que ainda ficará mais quando vir o candeeiro de prata, bem como o segundo, que está projectado. Pretende vir a efectuar outra exposição para mostrar uma nova faceta do seu espírito, ignorada, segundo Reinaldo [dos Santos] com: animais, retratos, medalhas e arte decorativa. (fl.2): Desde que recomeçou a desenhar que tem mais disciplina no tempo. De tarde vai fazer o desenho da cabeça de um engenheiro civil, também preso, para ele enviar ao filho. (fl.3): Considera-se paciente, mas não resignado e com coragem para esperar. A “luta pelo triunfo do espírito deve ser a nossa única preocupação para não vivermos como animais ... vivendo num mundo criado pela escolha, que será então a nossa casa e alguns amigos”. (fl.3 v.): Tem feito vários retratos de companheiros [de prisão] para eles enviarem à família.

Esp.JS/36



Fig. 3

[Bilhete postal], 1934 Mar. 18, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva , Lisboa / João [da Silva].- 1f.; 14 x 9,5 cm

**Autógrafo assinado.-** Informa que o comerciante de Coimbra partiu.

Esp.JS/37

[Carta], 1934 Mar. 20, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 28 x 22 cm

**Autógrafo assinado.-** Com envelope atribuído. Tem carimbo de “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- Sabe que a obra do monumento na Guarda [a Augusto Gil], está parada. Em quatro meses o chão da sala onde estão presos, foi lavado uma vez. (fl.1v.): Comenta o atraso cultural de Portugal: “Há muito que fazer no nosso Portugal, as pessoas mais instruídas são por vezes muito pouco educadas. Penso muito no que devo à Suíça e à França, fiz-me homem nesses dois países, seguindo e orientando a minha vida – quando para ali fui – pelos exemplos que deles vinha tendo a cada momento. Os povos civilizados

quando se dirigem aos seus semelhantes pedem sempre, os que são atrasados, mandam. ... Quero voltar a minha vida, trabalhar na preocupação constante, como trabalhei sempre, de me elevar ainda; o homem só vale pela soma de valor espiritual, e se é alguém, em sua volta aparecerá sempre o poder das suas qualidades, como também só aparecem os seus defeitos quando é um materialão.”

Esp.JS/38

[Bilhete postal], 1934 Mar. 21, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do] Pilar Sérgio da Silva , Lisboa / João [da Silva].- 1f.; 14 x 9 cm

Autógrafo assinado.- Tem carimbo de “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- Estão à espera dos funcionários do tribunal. Tem a correspondência quase em dia.

Esp.JS/39

[Carta], 1934 Mar. 29, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [8] p. 4f.; 28 x 22 cm

Autógrafo assinado.- (fl.1v.): Comenta a oferta [da estatueta] do burrinho a D. Carolina Ramos, que ficou contente, “A plaquete não é cousa que agrada tanto. Só para um crente ou para presente de pouca monta.”. Quando regressar irá com a esposa, um mês, para casa de Jacinto [ ]. De seguida pretende mandar modelos para o estrangeiro e assim receber os direitos de autor. Sabe que o medalhão de mármore [de Maria do Céu Guerra] tem agradado ainda que lamente o facto de não o ter acabado, Máximo [Ribeiro], é quem o termina. Pergunta se a carta dirigida a Máximo [Ribeiro], com a indicação da técnica a usar no trabalho, chegou. (fl.2): Entretanto os 33 prisioneiros da sua sala recusaram-se a fazer o mesmo circuito de sempre, no passeio semanal. Informa a esposa de que deve ao Máximo as pedras do lago, os quatro blocos de lioz e uma parte, ou todas, as pedras que serviram para as escadas e nada mais. (fl.2v.): Pede para a esposa não ter pressa no aluguer da casa. Lamenta o falecimento de [António] Arroyo, sobre o qual tece elogios como escritor e músico. (fl.3): O retrato do marido de D. Adelaide [Guedes], já está pronto, falta retocá-lo um pouco e adaptá-lo à forma rectangular da segunda maqueta, visto ter sido feito para ficar em círculo. Manifesta a sua visão sobre o trabalho e a vida: “Este cuidado que eu ponho na minha obra ponho-a em todos os actos da minha vida, quando não faço melhor é porque não sei ou não posso, mas faço sempre no intuito e desejo de atingir – tanto quanto me é permitido – a perfeição, aquilo a que chamamos a perfeição, porque essa, por mais que façamos nunca a veremos. Por muito bem que se faça uma cousa, devemos nos empenhar sempre, que ainda a pudermos fazer melhor. ... Nada de vaidades balofas em que o indivíduo se julga competente para tudo. Esta capacidade máxima só a encontramos nos cretinos, que às vezes chegam – devido seu atrevimento – a parecerem homens de valor, mas essas manifestações são como o fogo de palha cuja chama rapidamente desaparece.” (fl.3v.): Fala do desejo de ver o “jardinzinho” da sua casa onde o Katus estaria em frente da “portinha do atelier”. Comenta a luz no atelier, que deve ser indirecta: “O Sol não há dúvida nenhuma que é indispensável à vida, pudemos até dizer que ele é a vida mesmo. Mas para a arte, prefiro-o como luz indirecta e é por isso que um atelier deve ter a sua vitrage ao norte. Nos livros de Taine que mandas-te, e que tenho estado a reler com muito interesse lá vejo a apologia da luz na Holanda, a nuvem, a que ele chama prisma transforma a luz do sol dando-lhe os tons mais doces que fazem o encanto dos pintores.” (fl.4): Pretende fazer o

estudo da cabeça de Nita Brandão. A sala da prisão foi lavada a pano pela segunda vez em quatro meses. O prisioneiro, Dr. Amílcar Castilho, amigo do Babá [António Sérgio], vai ser libertado. Pensa que também existe a possibilidade de vir a ser libertado.

Esp.JS/40

[Carta], 1934 Mar. 30, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [4] p. 2f.; 28 x 22 cm

Autógrafo assinado.- Entre os presos da sala onde se encontra está um director de correios em África, com 67 anos. (fl.1v.): Recebeu do Dr. Amândio Guimarães o pacote que esteve nas mãos da Polícia do Porto, mas onde faltavam objectos. (fl.2): Fica satisfeito por o Pinto [vizinho do nº 9] resolver não vender a casa. Diz que o jardim da casa ficará bonito e logo que possível farão a habitação por cima do atelier, esperando que não seja difícil faze-la por pouco dinheiro, farão igualmente uma maqueta para melhor estudarem as ideias, pois vendo em relevo é como se a vissem executando. Se assim tivessem procedido com a casa teriam evitado certos erros. (fl.2v.): Pergunta se foi entregue a missiva dirigida ao Dr. Artur Leitão.

Esp.JS/41

[Bilhete postal], 1934 Mar. 31, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 14 x 9,5 cm

Autógrafo assinado.- Tem carimbo “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- Encomendou lápis a papelaria no Porto [Papelaria Modelo, Guimarães, Lima & Cª], devido à sua qualidade dos efeitos claro/escuro, pois continua a desenhar cabeças [dos prisioneiros na mesma sala].

Esp.JS/42

[Bilhete postal], 1934 [Abr.] 02, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista, Prisão Nº 1 a Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João da Silva.- [2] p.; 14,5 x 9,5 cm

Autógrafo assinado.- Tem carimbo de “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- Descreve a alimentação no dia de Páscoa, que foi muito má.

Esp.JS/43

[Bilhete postal], 1934 Abr. 02, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista, Prisão Nº 1 a Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João da Silva.- [2] p.; 14,5 x 9,5 cm

Autógrafo assinado.- Tem carimbo de “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- Quinze dos prisioneiros regressam ao continente.

Esp.JS/44

[Carta], 1934 Abr. 15, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [8] p. 4f.; 28 x 22,5 cm

Autógrafo assinado.- Com envelope atribuído. Tem carimbo de “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- (fl.1v.): Elogia a influência pedagógica de Baba [António Sérgio?]: “Dominar pelo espírito, em Portugal, é um bocado difícil mas ele é o exemplo mais extraordinário que temos não sendo só compreendido pela família ou por aqueles a quem ele não quer prestar homenagem por a não julgar merecida.” (fl.2): “Nós somos um paiz sem cultura artística, o que quer dizer sem sensibilidade, o que explica tanto desregramento.” (fl.2v.): Está ansioso por ver o jardim de sua casa e construir a que “Será uma habitação refúgio.” [por cima do atelier]. Informa que a pedra da base do monumento em bronze a [Augusto] Gil [na Guarda], deve ser de granito por ser material da região, mais económico e muito interessante. Comenta vários aspectos sobre a sua casa: As laranjeiras do jardim ainda estão pequenas; a construção que planeia fazer por cima do atelier e, onde ficará a habitar com a esposa “...será uma habitação refúgio...”; a galeria está, finalmente, à prova de chuva, problema causado pelo incompetente trabalho da firma *Competidora*. (fl.3): Diz que já só lhe faltam nove retratos dos companheiros presos na sala. Elogia a plantação que a esposa fez junto ao muro do Pinto [vizinho do nº 9]. Indica as profissões dos colegas presos: “industriais, médicos, engenheiros, advogados, comerciantes e até artistas.”. (fl.4v.): Fala de desenho enviado para fazer a tiragem do ar pela chaminé [ver Esp.JS/31], reafirmando que não deixa fazer buraco no telhado [do andar a alugar].

Esp.JS/45

[Carta], 1934 Abr. 15, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [6] p. 3f.; 28 x 22 cm

Autógrafo assinado.- Com envelope atribuído. Tem carimbo de “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- (fl.2): Diz que a casa Rosenthal pediu mais modelos e refere uma fotografia efectuada na prisão, aludindo a Ilídio Alves. (fl.3): Já fez seis meses que está [preso e] fora de casa, depois de ter estado muitos anos fora do país: “Andei mais de 30 anos fora d’aqui, e só com pequenas intermitências permaneci por cá. Adquiri uma noção da vida e dos homens diferente da que vejo aplicar agora, daquela que me atirou para aqui. Homens a prenderem homens sem culpas, a perseguir ideias, a aniquilarem capacidades, a destruírem lares, e tudo isto dizem para fazerem uma nação nova. Ha-de ser boa essa nação feita assim!”

Esp.JS/46

[Carta], 1934 Abr. 16, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 28 x 22,5 cm

Autógrafo assinado.- Indica que vão ser libertados mais dois prisioneiros, o que perfaz três. (fl.1v.): Recebeu carta e o quarto volume dos *Ensaios*, do “mano” António [Sérgio]. (fl.2v.): Sabe que o monumento de Évora agradou mas foi feito “contra o tempo”. Necessita de terminar a medalha de Santo António, “obra que no seu carácter românico ficou estranha e forte”.

Esp.JS/47



[Bilhete postal], 1934 Abr. 16, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João da Silva.- [2] p.; 14 x 9,5 cm

Autógrafo assinado.- Tem carimbo “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- Fala do passeio semanal e da alimentação.

Esp.JS/48

[Bilhete postal], 1934 Abr. 18, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João da Silva.- [2] p.; 14 x 9,5 cm

Autógrafo assinado.- Escreve em francês dizendo para não ser paga a sua viagem de regresso a Lisboa.

Esp.JS/49

[Bilhete postal], 1934 Abr. 20, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João [da Silva].- [2] p.; 14 x 9,5 cm

Autógrafo assinado.- Informa que o comandante do [navio] Corvo foi cumprimentar João da Silva.

Esp.JS/50

[Carta], 1934 Abr. 30, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João da Silva.- [6] p. 3f.; 28 x 22 cm

Autógrafo assinado.- Incompleta: Falta pelo menos outra folha, a ultima frase fica a meio.- (fl. 1v.): Projecta fazer estudos sobre animais, em casa de Jacinto [Torres Vaz Freire, sobrinho], para edição (Lapointe e Collin). A sala onde está preso é lavada pela terceira vez. (fl.2v.): Refere a ajuda dos médicos presos Palma Mira, de Beja e Fernando Azevedo, do Porto, aos prisioneiros doentes.

Esp.JS/51

[Bilhete postal], 1934 Mai. 02, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 14,5 x 9,5 cm

Autógrafo assinado.- Tem carimbo “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- Apesar da notícia dos jornais, em contrário, continuam incomunicáveis.

Esp.JS/52

[Carta], 1934 Mai. 02, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 28 x 22,5 cm

**Autógrafo assinado.- (fl.1v.):** Comenta o seu interesse pela investigação: “Nos poucos passeios que tenho dado, e até hoje só tem sido quatro, vou vendo as plantas que há por um e outro lado, chegando a descobrir cousas que servirão o meu trabalho sobre a composição, que já estaria concluído se não me tivessem tirado de S. Julião. ...cá vou adquirindo elementos, cá vou pintando materiaes, que me servirão – logo que possa – para concluir esse trabalho, que fará uma revolução, estou disso convencido, no campo artístico.

Eu não vivo bem sem achar a explicação de tudo quanto fazemos e porque o fazemos, nunca me contentei e não me contento ainda hoje das explicações superficiais que me dão. Eu quero saber tudo, e é nesse desejo de investigação que oriento e desejo todos os actos da minha vida e da minha obra, por isso do mesmo modo tiro várias coisas sem nunca o esgotar.”

Esp.JS/53

[Carta], 1934 Mai. 14, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 28 x 22,5 cm

**Autógrafo assinado.- (fl.1v.):** Fala da habitação sobre o atelier e da remodelação na entrada para o r/c e 1º andar. Concorda com a sugestão da esposa para alugarem uma parte da casa, ficando eles a viver na outra parte enquanto fizessem a “... habitação sobre o atelier, na qual tenho o maior empenho, pelo esolamento em que ficaríamos e pelo bom ponto de vista que teríamos. Ficaríamos vivendo num pequenino miradoiro. Mas isso só depois da sahir o medico que habita o rez-do-chão, e fazermos no vestibulo a porta de comunicação para as duas entradas ficarem pelo mesmo sitio, ficando assim com o nosso jardim completamente esolado.” Já sabe que alguns presos vão ser libertados. (fl.3):

Desenha o cavalete que improvisou e sobre o qual desenha, já fez 24 retratos e as filhas dos oficiais e o barbeiro também pediram um retrato. (fl.4): Fala da importância das ideias de [António Sérgio]. (fl.4v.): Comenta a sua visão do artista: “Nós podemos ter a nossa profissão e nunca deixarmos de compreender – independente dela – o que se passa em volta de nós. Precisamos mesmo para chegarmos a ser alguém, a estudar ver e admirar as complexidades do meio em que vivemos, senão teremos um só ponto de vista, numa visão tacanha e curta, porque metemos tudo dentro dos estreitos moldes em que vivemos.

Artista como sou, caminho porque investigo constantemente e os meus trabalhos nunca passariam por essas fazes de transformação ... se eu os não relacionasse com os mais variados aspectos da vida de onde vou tirando as lições que me servem para melhor caminhar pensando que por muito que façamos e penetremos a vida, outros e outros mistérios nos são sempre vedados.

O artista é um investigador e um apaixonado de tudo quanto representa um princípio nobre. É preciso ser generoso para poder dar e no campo artístico o que nada tem, nada pode dar. Esolando-se da vida esola-se da única fonte enesgotável: Morre.”

Esp.JS/54

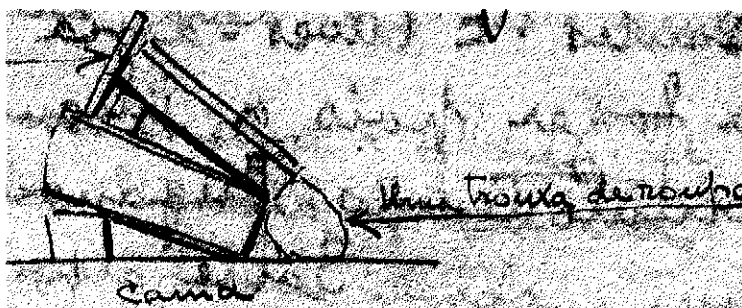


Fig. 4

[Carta], 1934 Mai. 16, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [8] p. 4f.; 28 x 22,5 cm

Autógrafo assinado.- Regressam ao continente mais 10 presos. (fl.1v): Quando regressar fará, em primeiro lugar a medalha da associação de Belas artes; em seguida acabará a de Santo António, em bronze e prata. (fl.2): De seguida tratará do monumento a [Augusto] Gil, que levará cinco a seis meses. Diz à esposa que o primeiro andar deverá ser alugado, para a obra, por cima do atelier serão precisos cerca de 10 contos, “pois já sobre esse assunto conversei com os dois engenheiros que aqui estão, homens especialistas de construções pelas grandes obras que já teem feito, alguns dos quais com projectos do Marques da Silva”. Está com 75 quilos, mais cinco do que pesava antes de ser preso. (fl.3): Fala da sua filosofia de vida e trabalho: “Consegui vir pela vida fora a partir dos 14 anos, trabalhando e resolvendo todos os problemas da minha vida, e parece-me, que não era agora que mudaria de orientação.

Muito novo, dessa idade até aos vinte fiz o que poucos rapazes fariam, saí daqui sem a ajuda de ninguém, e fui para um paiz estrangeiro não com o intuito de ganhar dinheiro mas de estudar para me elevar para ser alguém. Os meus intuitos nunca foram outros, e nunca procurei tirar partido material daquilo que estudei por só ter encaminhado esses estudos no intuito de me elevar sempre para valer cada vês mais no domínio em que os outros não se importam de valer menos.” (fl.3v.): ”... Eu sei que não valem nada, e agora mais do que nunca tenho a comunicação bem radicada no meu espirito”. Há oito meses que está preso. (fl.4): “Eu tenho espirito para lutar pela vida para fazer tudo quanto um homem deve fazer para si e para os seus. Sabes perfeitamente que nada troco pela actividade e o esolamento do meu atelier. Deixem-me trabalhar seja lá onde for mas deixem-me trabalhar. Não dou ouvidos aos que dizem que trabalhava muito, nunca se trabalha de mais, pois para se fazer qualquer cousa, mesmo muito simples, é preciso uma enorme concentração.

Nunca me revi naquilo que fiz; a obra executada foi mais um degrau que se subiu na ascensão do que é preciso fazer a cada momento, e não um aspecto definitivo duma expressão exacta, por nunca se conseguir atingir o que se edealisa.

Quando, o Dr. José de Figueiredo dizia que eu era o primeiro medalheiro do mundo, emaginas que o acreditava! Eu sou – pensava eu sempre - uma pessoa que trabalha com um desejo e um entusiasmo raras vezes excedido; que num momento ou noutro, poderá fazer umas cousas que serão sempre um apagado reflexo do que pretendia realisar e assim será sempre, meu Amor, e é nessa duvida nessa ancia que está o melhor de mim mesmo. Quem procura a perfeição é porque tem alguma cousa de bom – e não vulgar – dentro de si.

Há uma cousa que eu ouço com muito prazer, é quando os companheiros que aqui se encontram dizem: - você é um homem muito simples, sem a menor impostura nem pretenção.” (fl.4v.): Fez vinte e quatro retratos enquanto o pintor presente fez cinco. Refere outro principio filosófico: “... sou uma pessoa que só procura trilhar um caminho: o melhor; esse caminho é aquele que me conduz no meu íntimo a valer cada vês mais elevando-me ainda até me ser possível até puder.”

Esp.JS/55

[Bilhete postal], 1934 Mai. 17, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João [da Silva].- [2] p.; 14 x 9 cm

Autógrafo assinado.- Diz que Lia e o marido não voltaram a aparecer.

Esp.JS/56

[Bilhete postal], 1934 Mai. 17, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João [da Silva].- [2] p.; 14 x 9 cm

Autógrafo assinado.- Nota-se barafunda com os que partem, ficam tristes os que continuam presos.

Esp.JS/57

[Carta], 1934 Mai. 17, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 28 x 22 cm

Autógrafo assinado.- Refere algumas expectativas sobre o futuro: “O atelier e a nossa casinha num esolamento muito grande é a minha ambição. O resto arranjaremos nós mesmo, pelas nossas mãos, como melhor entendermos. Não quero nem preciso de mais nada, e assim iremos sempre juntos.” (fl.1v.): Sabe que a figura [de Afonso Costa] foi enviada para a Beira [Seia], sendo preciso tratar do mausoléu, antes de se fazer o seu assentamento.

Esp.JS/58

[Bilhete postal], 1934 Mai. 20, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 14 x 9 cm

Autógrafo assinado.- Tem carimbo “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- Fala do seu estado de saúde, que continua bom.

Esp.JS/59

[Bilhete postal], 1934 Jun. 01, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 14 x 9 cm

Autógrafo assinado.- Tem carimbo de “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- Vai sair o [navio] Carvalho Araújo e não há notícia da libertação de presos.

Esp.JS/60

[Bilhete postal], 1934 Jun. 01, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1 f.; 14 x 9,5 cm

Autógrafo assinado.- Tem carimbo de “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- Diz que a comida servida aos presos não presta.

Esp.JS/61

[Carta], 1934 Jun. 01, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 27,5 x 22 cm

Autógrafo assinado.- Com envelope atribuído. Tem carimbo de “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- (fl.1v.): Deseja ver o jardim de casa, que pelas descrições está bonito e brevemente será como um “eden”. (fl.2): Refere que na edição de 23 de Abril de 1934, o Diário do Governo decreta a liberdade, com subsídio, dos prisioneiros em Angra [do Heroísmo]. (fl.3): Propõe a plantação de 2 cerejeiras [no jardim da sua casa]. (fl.3): Tem muitas ideias para a elaboração de trabalhos e recuperar da inactividade.

Esp.JS/62

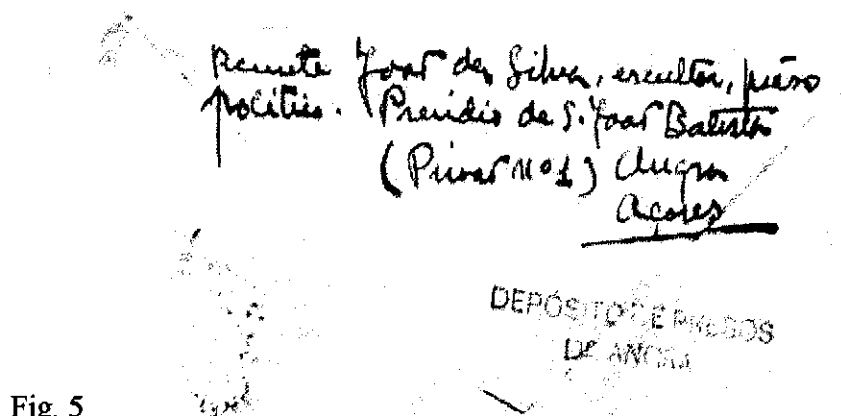


Fig. 5

[Bilhete postal], 1934 Jun. 02, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 14,5 x 9,5 cm

Autógrafo assinado.- Tem carimbo de “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- Diz não haver notícias novas.

Esp.JS/63

[Bilhete postal], [1934 Jun.] 03, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1 f.; 14 x 9 cm

Autógrafo assinado.- Pede para ser solicitado [ao editor, Manuel] Duarte o galvano da [medalha de corpo inteiro] de Santa Teresinha que esteve na exposição do Parque Eduardo VII.

Esp.JS/64

[Bilhete postal], 1934 Jun. 05, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1 f.; 14 x 9 cm

Autógrafo assinado.- Tem carimbo “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- Fala de vários aspectos da sua vida na prisão.

Esp.JS/65

[Carta], 1934 Jun. 14, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João [da Silva].- [8] p. 4f.; 28 x 22 cm

Autógrafo assinado.- (fl.1v.): Ironiza sobre a atitude dos portugueses: “Nos trinta anos que andei lá por fora nunca notei que me achasse em plano inferior aos outros, foi preciso regressar ao meu paiz para ver que não valia nada, ver e ouvi-lo dizer. Realmente os homens aqui só valem pela sua docilidade pela sua obediência. O que se quer é cabeças vazias para não puderem pensar, pois isso não é preciso nesta deliciosa terra em que tudo caminha por si, e não vá depois a intervenção humana escangalhar tudo, desarranjar aquilo que sem esforço nenhum aparece feito.” Diz que o Decreto de 23 de Abril continua por cumprir. Descreve as condições de vida na prisão e algumas regalias que foram conquistando. (fl.3v.): Está preso à nove meses. Sabe que ficou sem efeito o requerimento para concorrer ao monumento do Infante D. Henrique. Comenta a mentalidade portuguesa: “Que inferioridade mental aquela em que vivemos, que miséria de caracteres. As pessoas só pensam em si e quando se divertem já estão satisfeitas. O Mené [António Alemão de Mendonça Cisneiros de Faria, cunhado] disse-me uma vês que, como eu devia haver duas ou três pessoas em Portugal. Nunca julguei que seria uma ave tão rara!” (fl.4): Elogia o seu amigo e pintor Conceição Silva. (fl.4v.): Fala da sua concepção do artista: “... quando é um artista é um insatisfeito que vive na ancia de melhorar sempre, e só o satisfás aquilo que é de facto maravilhosamente equilibrado.

Temos de viver assim, ... nessa ancia de perfeição, e só é feliz quem pretende criar beleza, e essa visão em que vive quem não se ajeita às cousas banaes, às combinações mesquinhas e baixas, contribue para a elevar sempre, e feliz daquele que pode realizar uma obra que é o reflexo de todas as perfeições que tem na alma.

Só penso em fazer uma obra, ... aquilo que está para traz é pouco, e basta ter sido realizado para perder muito, só a concepção é sublime.

Portando, trabalhar, esolados, na preocupação de fazer o que for sentindo ...”

Esp.JS/66

[Bilhete postal], 1934 Jun. 15, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João da Silva.- [8] p. 4f.; 28 x 22 cm

Autógrafo assinado.- Tem carimbo de “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- Regressa mais um dos prisioneiros ao continente. A alimentação continua de má qualidade.

Esp.JS/67

[Carta], 1934 Jun. 15, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [8] p. 4f.; 28 x 22 cm

Autógrafo assinado.- “Vontade não me falta, foi sempre isso uma, ou talvez a única das minhas características. Animar e impulsionar foi sempre a minha divisa e nesse ponto – como em muitos outros aliás – nunca fui Frei Tomás.” (fl.1v.): Discursa sobre a dignidade: “A primeira cousa que precisamos de ser na vida é de sermos sérios, o resto vem por si; mas nunca devemos sacrificar nada à nossa dignidade d’homem. Quem assim proceder tem muita força que lhe é dada pela sua própria dignidade que o torna insensível impondo sempre à admiração dos outros. ... Só tenho admiração por quem é um valor moral e intelectual, só esses me podem servir de exemplo e de modelo, pois seguindo-os, deles poderei aprender alguma cousa.” (fl.2): Refere a pessoa que comprou em Paris a figura da serenidade. (fl.2v.): Imagina o jardim: “O jardim já não deve ter aquele aspecto de pelado que tinha, e quando se entra já deve apresentar uma bonita mancha. ... As laranjeiras se continuarem a pular assim já para o ano devem dar laranjas. E com laranjas, uvas, limões,

nêsperas, maçãs e jingearas estaremos governados. Sobrezeza variada e abundante. O nosso pomar será a cubiça dos vizinhos.” Fala do pagamento das prestações do empréstimo à Caixa [Geral]. (fl.4): Fala das informações sobre a existência de possíveis trabalhos de [António] Arroio para publicação. (fl.4v): Manifesta a sua revolta pela situação que vive: “Desde criança que eu venho trabalhando sem nunca ter desfalecido apesar de ter passado alguns maus bocados. Nunca tive um abatimento, e não era pois agora que eu me sentiria desfalecer.

Contei sempre comigo, e só me impunha pela maneira como me sabia destacar, esse destaque vinha sempre do esforço, que podia dar e que só de mim dependia.

Sosinho nas escolas estrangeiras marquei sempre o meu lugar que não podia ser melhor. Com empenhos, com protecção? Não, só com a minha capacidade. Cheguei a ser o que sou sem nunca ter pedido um favor, e sem ter sido orientado senão pela minha cabeça. Vejo agora, depois d’uma vida que já não é curta, se amanhã a tivesse de recomeçar com a consciência que tenho agora nada teria a corrigir.

Depois de longa permanência lá fora, onde fui sempre respeitado e considerado, foi preciso voltar ao meu paiz para ouvir o que nunca ouvi, para ver que sou o que nunca julguei que seria, e isto aos 53 anos. ...”

Esp.JS/68

[Carta], 1934 Jun. 16, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [4] p. 2f.; 27,5 x 22 cm

Autógrafo assinado.- Manifesta saudade de casa e do jardim. Sente grande energia para trabalhar e espera que a sua vida seja longa para poder realizar tudo quando concebeu. A exemplo do que fez no Ribatejo, em casa de [José] Palha [Blanco], projecta ir até à Serra do Barroso. (fl.1v.): Considera que “Portugal está por descobrir e a missão dos artistas é de revelar ao comum tudo aquilo que é belo e passa despercebido à observação do vulgo.” Refere Viana da Mota, bem como Pinto da Mota. (fl. 2): Fala da galeria, dos acessos e do jardim: ” Acho bem que a galeria não sirva de passagem. Ainda a casa estava um projecto e já eu via um inconveniente e tanto era assim que eu não queria a porta de comunicação para o atelier. Foi o meu pequenino que assim quis com intuitos muito louváveis devo dizer – mas com o inconveniente de se sujar o piso da galeria que sendo uma casa que devia estar esolada passava a ser um sítio de passagem.

De futuro a portinha de acesso ao atelier deve levar uma fechadura e só se passará por ela em casos excepcionaes. A galeria deve ser uma casa esolada, precisa de estar sempre limpa e bem arrumada, pronta a receber qualquer pessoa que venha com intuitos de comprar uma ou outra cousa.

Avalio, pelo que me dizes, quanto deve estar bonito o nosso jardim. Estou a ver que acharei uma grande diferença a todas essas árvores que já devem dar uma nota de cor muito interessante. E que lindo será quando já todas estiverem crescidas e em flor! Então será um autentico Eden , muito fechado e discreto como convém a um jardim privativo.

Quando todas essas árvores forem crescidas e podermos andar por debaixo delas são uns tantos parasoís que teremos pontos a proteger-nos dos raios solares.

E a luz, coada através dessas ramagens dará uma bela nota a isso tudo. E assim que vejo o nosso jardim com um ou outro vaso, com um ou outro trabalho meu a adorná-lo; e então cheio como um ovo todas essas notas de cor será nesse cantinho uma cousa única.” (fl.2v.):”...E como a casa é sempre a imagem de quem vive dentro dela, não há razão para que ela não seja tudo aquilo que nós desejamos.”

Esp.JS/69

[Bilhete postal], 1934 Jun. 22, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João [da Silva].- [2] p.; 14 x 9 cm

Autógrafo assinado.- Tem carimbo “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- Fala do quotidiano na prisão. Quase no final descreve, em francês, o pequeno almoço do dia.

Esp.JS/70

[Carta], 1934 Jun. 29, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [8] p. 4f.; 28 x 22 cm

Autógrafo assinado.- Destaca que “...é preciso vivermos do futuro e só olhar para deante ...”. Recebeu cartas de Hirschy e Musper que pretende publicar. (fl.1v.): Salienta a importância do estudo: “Só o estudo e o trabalho me ocupam, e uma coisa como complemento da outra bem entendido. Estudar para melhor trabalhar assim tem sido e será.”. (fl.2): Descreve o crime porque está preso: ter um molho de jornais da oposição, *A Verdade*, que lhe foi dado a guardar. Estão presos, em Angra, as pessoas implicadas no processo da *Verdade*, mas só 4, os tipógrafos, dos 16 presos foram pronunciados. (fl.3): O processo [do jornal] *A Verdade*, esteve parado até 18 de Maio [de 1934]. Assim que regressar pensa fazer mais animais na Quinta do Jacinto [Torres Vaz Freire, sobrinho] e enviá-los ao Rosenthal. Comenta o pagamento, efectuado pela esposa, de parte do empréstimo à Caixa Geral “...o essencial foi pagar-se o que se pagou e agora é trabalhar para nos desembaraçar do resto, para fazermos por cima do atelier o que pensamos e dessa forma aumentarmos os nossos rendimento para ficarmos descansados no nosso cantinho...”. Fala do registo da mina de água (nascente), efectuado na Guarda. (fl.3v.): Propõe à esposa que se adquira para o jardim “acácias mimosas”, uma vez que são só para sombra. Ao longo do “muro do Pinto” [Nº 9] sugere a plantação de hortênsias, junto do atelier é melhor não plantar nada, entretanto decidiram o que fazer. Considera que Baba [o cunhado, António Sérgio] é o continuador de Antero [de Quental], elogiando o seu trabalho. (fl.4): A dívida de 50 contos a Cabral serão liquidados com a venda da mina de água na Guarda, cujo registo foi feito pelo Major Orlindo, o qual enviou recibo. O registo deve ser renovado no presente mês, pois no ano anterior foi feita por Aboim, em seu nome. (fl.4v.): Projecta fazer medalhas “...dos nossos melhores homens começando pelo Anthero e Herculano...”.

Esp.JS/71

[Carta], 1934 Jul. 01, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [8] p. 4f.; 27,5 x 21,5 cm

Autógrafo assinado.- Fala dos cuidados com a saúde e diz que “...não confio como nunca confiei nada ao acaso...”. Recebeu visita do advogado Luiz da Silva Ribeiro a pedido de [Luís da] Câmara Reys. (fl.1v.): Comenta as actividades de governo: “O essencial de uma obra é que seja uma coisa original e que represente também fomento, isto é: que o capital empregado compense essa despesa feita.”. Faz referência ao Dr. Polido Valente. Volta a mencionar, de forma mais desenvolvida, as cartas recebidas de Hirschey e Musper, com citações do primeiro. (fl.2): Refere uma carta de João Palma citando o director da Escola de Genebra, sobre João da Silva. (fl.3): Faz menção da plaquete com a Sé e a igreja no reverso, bem como do [editor Manuel] Duarte, com quem pensa falar sobre as medalhas. (fl.3v.):



Apesar de estar preso há nove meses ainda não foi inculcado. (fl.4): É um dos 16 implicados no caso *A Verdade* e nenhum foi libertado, até ao momento. (fl.4v.): Confirma à esposa que a casa [a construir por cima do atelier] será um paraíso onde viverão afastados das pessoas em quem não podem confiar. Quanto ao tempo de prisão diz: “Procurarei esquecer tudo quanto passei. Não quero no futuro ter junto de mim nada que me lembre a vida daqui, nada que me faça voltar para traz.”

Esp.JS/72

[Carta], 1934 Jul. 02, Angra do Heroísmo, [Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [6] p. 3f.; 27,5 x 21,5 cm

Autógrafo assinado.- Com envelope atribuído. Tem carimbo de “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- Pergunta se foi falado à Zeca [Maria José Arroio Barreira] pelo seu livro *Les symphonies de Bethoven*, que o “pai Arroyo tinha”. Questiona se Reis Santos decide de publicar os escritos do avô, [António] Arroio. (fl.1v.): Informa que tem direitos de autor nas casa Colin e Lapoint. Depois de sair em liberdade pretende fazer vários modelos para mandar editar em França e na Alemanha. (fl.2): Transcreve o Decreto-lei nº 23789 publicado em 23/04/1934 sobre a atribuição de subsídio mensal de alimentação aos “indivíduos com residência fixada em Angra do Heroísmo ...”. Comenta o facto deste nunca ter sido aplicado e de estar preso [em Angra do Heroísmo] há 223 dias, sem culpa formada.. (fl.2v.): Diz saber que o processo colectivo do jornal *A Verdade* está no Tribunal de Santa Clara. (fl.3): Faz referência ao jardim da sua casa, manifestando saudades de o ver e imaginando-o muito bonito.

Esp.JS/73

[Bilhete postal], 1934 Jul. 03, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João da Silva.- [2] p.; 18 x 13,5 cm

Autógrafo assinado.- Informa que foi declarado não culpado pelo Tribunal de Santa Clara, onde está o processo.

Esp.JS/74

[Bilhete postal], 1934 Jul. 06, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João da Silva.- [2] p.; 14 x 9 cm

Autógrafo assinado.- Diz ter concorrido ao monumento do Infante D. Henrique, através de requerimento que ficou sem resposta.

Esp.JS/75

[Carta], 1934 Jul. 10, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [4] p. 2f.; máximo de 28 x 22 cm

Autógrafo assinado.- (fl.1v.): Informa que 34 dos prisioneiros já têm nota de culpa, enquanto 57 não têm. Parou com os retratos por não ter disposição para desenhar. Continua

a ler e a fazer apontamentos “... que servirão para o ... estudo sobre a filosofia da composição que tanto desejaria acabar, e que já teria concluído se não estivesse nesta promiscuidade.” Já respondeu às cartas de Hirschy e de Musper. Comenta a situação de incomunicabilidade dos prisioneiros.

Esp.JS/76

[Bilhete postal], 1934 Jul. 15, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João da Silva.- [2] p.; 14 x 9 cm

Autógrafo assinado.- Tem carimbo de “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- Informa que o processo [do jornal] *A Verdade* foi arquivado, mas os prisioneiros continuam na mesma situação.

Esp.JS/77

[Carta], 1934 Jul. 16, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 27,5 x 21,5 cm

Autógrafo assinado.- Falta corte de jornal sobre o mausoléu da filha de Artur Leitão, enviado em anexo.- “Todos os do processo da Verdade que tinham a responder já responderam, e foram quatro; os outros – no número dos quaes me incluo - estão automaticamente despronunciados visto que o juiz mandou arquivar o processo, e apesar disso “continua tudo na mesma.” o processo já foi do Tribunal do Porto para Lisboa ...”. Comenta a situação política do país.

Esp.JS/78

[Bilhete postal], 1934 Jul. 16, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 14 x 9 cm

Autógrafo assinado.- Tem carimbo de “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- Continua tudo na mesma. Diz que na carta, do mesmo dia, seguiu “um corte de jornal sobre o mausoléu da filha de Artur Leitão”.

Esp.JS/79

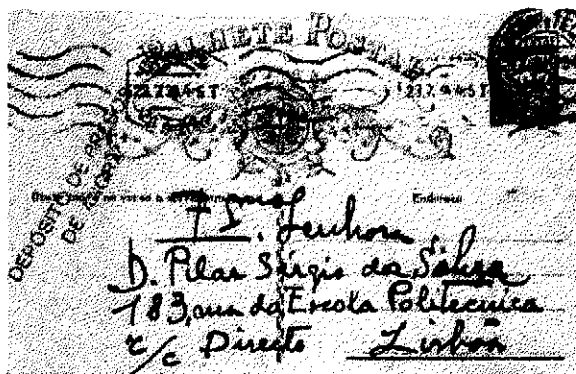


Fig. 6

[Bilhete postal], 1934 Jul. 17, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João da Silva.- [2] p.; 14 x 9 cm

Autógrafo assinado.- Tem carimbo de “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- Espera regressar em breve. Solicitou a Lapointe e à Casa Colin direitos de autor.

Esp.JS/80

[Carta], 1934 Jul. 19, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Batista a Maria do Pilar Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [2] p. 1f.; 27,5 x 21,5 cm

Autógrafo assinado.- Lamenta não festejar os anos da esposa juntos. Apesar de ilibado de toda a culpa continua no mesmo regime de prisão. Comenta a injustiça que se vive no país.

Esp.JS/81

[Bilhete postal], 1934 Jul. 20, Angra [do Heroísmo, Presídio de São João Baptista a Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João da Silva.- [2] p. 1f.; 14 x 9 cm

Autógrafo assinado.- Tem carimbo de “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- Diz que a situação se mantém, apesar do seu processo ter sido arquivado. Fala do esperado passeio, pois é muito importante para quem vive à 141 dias “dentro de quatro paredes e incomunicável” [houve um engano ao escrever, pois trata-se de 241 dias].

Esp.JS/82

[Bilhete postal], 1934 Jul. 23, Angra [do Heroísmo], Presídio de São João Batista [a] [Maria do] Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João da Silva.- [2] p. 1f.; 14 x 9 cm

Autógrafo assinado.- Tem carimbo de “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- A situação na prisão melhorou: durante oito meses o rancho foi servido em latas, mas passaram a comer com talheres e pratos, devido ao Coronel António Lopes, que acabava de ser nomeado Governador Militar, em substituição de Silva Leal, que se reformou. Duas janelas foram abertas. Além disso foram autorizadas as visitas, melhorou a higiene e a assistência médica.

Esp.JS/83

[Telegrama], 1934 Ago. 02, [navio] Carvalho Araújo, [a Maria do] Pilar [Sérgio da Silva], Lisboa / João [da Silva].- [2] p.; 22 x 15,5 cm

Assinado.- Com estampilha de fecho do telegrama.- Chega Segunda-Feira [a Lisboa].

Esp.JS/84

## Correspondência a João da Silva de:

António Sérgio:

[Bilhete postal], [1934] Mai. 23, [Lisboa], [a] João da Silva, João da Silva, Presídio de São João Batista, Angra do Heroísmo / António [Sérgio].- [2] p. 1f.; 14,5 x 9,5 cm

Autógrafo assinado.- Envio de cumprimentos. Informa que alguns dos companheiros de prisão, de João da Silva foram julgados e estão livres.

Esp.JS/85

António Guimarães:

[Bilhete postal], 1934 Abr. 11, Porto [a] João da Silva, escultor, Depósito de Presos, Prisão Nº 1, Angra do Heroísmo / António Guimarães, Papelaria Modelo, Guimarães, Lima & Cª.- [2] p.; 14,5 x 9,5 cm

Autógrafo assinado.- Timbrado : «Papelaria Modelo, Guimarães, Lima & Cª, Tipografia, Encadernação, Largo dos Loios, 76 Porto».- Informam do envio de lápis nº 1, conforme encomendado, mas não têm o nº 2, que está esgotado. António Guimarães envia Cumprimentos.

Esp.JS/86



Fig. 7

## RELATÓRIO DO ESTÁGIO II:

Na sequência da regulamentação do 1º Curso do Mestrado em Museologia, a mestranda Judite Maria Domingos Calisto efectuou o Estágio II, na Casa Museu Mestre João da Silva, sob a orientação do seu Director/Conservador, Dr. José de Quintanilha Mantas.

Uma vez que o tema de dissertação está directamente relacionado com o facto do Mestre escultor, João da Silva ter decidido, desde finais da década de 30, que a sua casa/atelier/galeria seria transformada em museu, foi proposto pelo Director/Conservador da Casa-museu como actividade de estágio, a leitura e inventariação das cartas existentes no Espólio do Museu, referentes a 1933 e 1934, período em que o Mestre esteve preso e que antecedeu a construção da área da casa que, segundo as plantas, desde o projecto se sabe ter sido destinada a instalações do futuro museu.

Assim, com base nos conhecimentos adquiridos na especialização em Ciências Documentais – Arquivos e no apoio técnico da Dra Fátima Lopes (pois, apesar do curso nunca exercemos a profissão de arquivista), apresentamos o resultado do nosso trabalho utilizando as regras de catalogação para N.B.M. (No Book Material), o que na nossa perspectiva, permite um registo individual de cada carta, ao mesmo tempo que facilita o tratamento dos dados, caso se venha a considerar pertinente a sua publicação.

Como podemos constatar, das oitenta e seis missivas analisadas, a maior parte ( 86 %), é dirigida por João da Silva à sua esposa, Maria do Pilar Sérgio da Silva e apenas nove são enviadas a outros familiares e amigos. A generalidade da correspondência que o escultor diz ter recebido não consta do Espólio da Casa-Museu, provavelmente porque está inventariada noutro núcleo ou por não ter vindo de Angra aquando do regresso do Mestre.

Na análise efectuada à correspondência, não foram tidos em conta grande parte dos comentários que o Mestre João da Silva faz, nomeadamente sobre a rotina diária, encomendas recebidas da família e amigos, da má qualidade da comida distribuída, amigos a quem escreve e de quem recebe correspondência, revolta que sente pela situação de incomunicabilidade e condições de vida na prisão, etc., com excepção de expressões que nos pareceram particularmente demonstrativas da inteligência, humor, ironia e estado de espírito do escultor, neste difícil período da sua vida.

Foram transcritas algumas passagens das suas reflexões sobre a vida, sua visão sobre a arte, bem como aquilo que diz respeito a uma das ideias que tem em mente: a construção de pequena habitação, por cima do seu atelier e que quatro anos mais tarde já é projectada para poder vir a ser adaptada a instalações de museu. Desta forma tentámos transmitir um pouco da riqueza da correspondência e contribuir para a interpretação da personalidade do Mestre e das suas ideias.

Pelo facto de algumas das cartas terem várias folhas decidimos identificar o número da página onde vem a informação descrita ou citada através da indicação do “fólio” correspondente. Assim, por exemplo (fl.3v.), significa que a informação está no verso do fólio ou folha 3.

Com este trabalho tentámos conhecer um pouco da personalidade do Mestre João da Silva, considerando que através das ideias que defendia poderíamos compreendê-lo melhor e ter uma visão, ainda que pálida, da sua percepção do mundo, da vida e da arte para a qual viveu. Ao mesmo tempo procurámos informação que nos desse pistas para determinar o motivo e a fonte de inspiração que levou o Mestre a projectar um museu de artista.

## ÍNDICE

	Pág.
- Agradecimentos	2
- Introdução: Inventariação e catalogação da correspondência do Mestre enquanto preso político - 1933/1934.	3
- Correspondência da 1933	4
- Correspondência de 1934	9
- Relatório do Estágio II	31
- Índice Geral	32
- Índices Analíticos:	
. Cronológico	33
. De Autores	33
. De Destinatários	33
. Onomástico	34
. De Ilustrações	35
- Conclusão: Relatório do Estágio II	36
- Anexo: Envelopes manuscritos por João da Silva juntos ao espólio inventariado.	37

## ÍNDICES ANALÍTICOS

### Índice Cronológico

	<u>Nº de Catálogo</u>	<u>Nº de Página</u>
1933	1 a 17	4 a 8
1934	18 a 86	9 a 30

### Índice de Autores

	<u>Nº de Catálogo</u>	<u>Nº de Página</u>
SÉRGIO, António	85	30
GUIMARÃES, António	86	30
MÁRIO?, ?	17	8
SILVA, João da	1-16, 18-28	4-7, 9-29

### Índice de Destinatários

	<u>Nº de Catálogo</u>	<u>Nº de Página</u>
PESSOA, Eduardo Augusto de Oliveira Pessoa	19, 20	9, 10
SÉRGIO, António	1, 2	4
LEITÃO, Artur	18	9
SILVA, Gabriela da	3, 22	4, 10
SILVA, João da	17, 85, 86	8, 29
SILVA, Maria do Pilar Sérgio da	5-16, 23-84	5-7, 11-29
SILVA, Rui Ribeiro da	4	5
TRIGO, Florinda	21	10

## Índice Onomástico

	<u>Nº de Catálogo</u>	<u>Nº de Pág.</u>	<u>Autor/Dest.(1)</u>
GUIMARÃES, António ( ? - 19?) – [Sócio/gerente] da Papeleria Modelo, Guimarães, Lima & C <sup>a</sup> , no Porto.	86	30	A
LEITÃO, Artur (1874-1941) – Médico, jornalista e político. Foi um dos fundadores do jornal “A República”, “O Portugal”, etc. Foi eleito deputado diversas vezes.	18	9	D
MÁRIO?, ? ( ? - ? ) – Amigo de João da Silva	17	8	A
PESSOA, Eduardo Augusto de Oliveira (18?-1956) – Oficial de cavalaria, casado com Juliana Sérgio de Sousa, irmã da esposa de João da Silva e de António Sérgio.	19-20	9-10	D
SÉRGIO, António (1883-1969) – Ensaísta, pedagogo e pensador, co-fundador das revistas: “Pela Grei”, “Seara Nova” e “Lusitânia”, crítico social e literário, oficial da marinha e estadista. Cunhado de João da Silva, casado com a sua irmã, Maria do Pilar Sérgio da Silva.	1-2 85	4 30	D A
SILVA, Gabriela da (1910- ) – Filha mais velha do escultor João da Silva e responsável pela concretização da ideia de seu pai: abrir ao público o Museu João da Silva.	3 22	4 10	D D
SILVA, João da (1880-1960) – Escultor, medalhista e cinzelador. Estudou em Genebra e Paris. Volta a Lisboa em 1906, mas mantém atelier em Paris. Foi professor na Escola Marquês de Pombal, em Lisboa de 1909 a 1914, data em que regressa a Paris, onde se radica até 1932. Entre a sua extensa obra destacamos as medalhas religiosas, medalhas da universidades de Lisboa, Coimbra e Porto, moedas de 2\$50 e 5\$00, monumentos aos mortos da Grande Guerra, etc.	1-16 17 18-84 85-86	4-8 8 9-29 30	A D A D
SILVA, Maria do Pilar Sérgio da (18?-1960) – Pianista de mérito e discípula de Viana da Mota, com o qual chegou a tocar. Leccionou na Suíça. Irmã de António Sérgio. Casou com o escultor João da Silva em 1926.	5-16 23-84	5-7 11-29	D D
SILVA, Rui Ribeiro da (1912?-196?) – Filho mais novo do escultor João da Silva.	4	5	D
TRIGO, Florinda ( 18? -19? ) – Prima de João da Silva.	21	10	D

(1) – A indica que é autor, D indica que é Destinatário.



## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

### Legenda das ilustrações apresentadas:

	<u>Pág.</u>
Capa – 1934: Mestre João da Silva (assinalado com *), juntamente com outros colegas na Prisão N° 1, do Presídio de São João Batista em Angra do Heroísmo.	Capa
Fig. 1 – 1933, Dezembro: João da Silva dá instruções e desenha esquema, para o canteiro assentar a pedra de mármore preto sobre a chaminé da sala, no segundo andar.	4
Fig. 2 – 1933, Dezembro: Postal enviado a João da Silva por amigo do Porto.	8
Fig. 3 – 1934, Março: Retrato a lápis de José Praça feito por João da Silva, um dos muitos retratos que fez dos companheiros presos.	15
Fig. 4 – 1934, Maio: Representação, feita por João da Silva numa carta, do cavalete improvisado sobre a cama, onde efectuava os retratos.	18
Fig. 5 – 1934, Junho: verso de sobrescrito de carta enviada à esposa, em cujo remetente coloca “preso político”.	21
Fig. 6 – 1934, Julho: Bilhete postal do escultor João da Silva a sua esposa.	28
Fig. 7 – 1934, Abril: Bilhete postal timbrado da «Papeleria Modelo, Guimarães, Lima & Cª», do Porto.	30

## **ANEXO**

## **Envelopes manuscritos por João da Silva e juntos ao espólio inventariado (1)**

[Envelope de correspondência], 1934 Mar. 26, Angra [do Heroísmo], Presídio de São João Batista, Prisão Nº 1, [a] Maria do Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João da Silva.- 16 x 13 cm

Autógrafo assinado.- Tem carimbo de “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- João da Silva coloca no remetente, além do nome a indicação de “escultor, preso político”.

Integra - Esp.JS/38

[Envelope de correspondência], 1934 Abr. 18, Angra [do Heroísmo], Presídio de São João Batista, Prisão Nº 1, [a] Maria do Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João da Silva.- 16 x 13 cm

Autógrafo assinado.- Tem carimbo de “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- João da Silva coloca no remetente, além do nome a indicação de “escultor, preso político incomunicável”.

Integra - Esp.JS/45

[Envelope de correspondência], 1934 Abr. 18? (Tem o carimbo de 25.4.34, dos correios de Lisboa), Angra [do Heroísmo], Presídio de São João Batista, Prisão Nº 1, [a] Maria do Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João da Silva.- 16 x 13 cm

Autógrafo assinado.- João da Silva coloca no remetente, além do nome a indicação de “escultor, preso político incomunicável”.

Integra - Esp.JS/46

[Envelope], 1934 Jun. [07, pelo carimbo dos Correios em Lisboa], Angra [do Heroísmo], Presídio de São João Batista [a] Maria do Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João da Silva.- 16 x 13 cm

Autógrafo assinado.- Tem carimbo de “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- Envelope manuscrito, no remetente João da Silva coloca, além do nome a indicação de “escultor, preso político...”. Rasgado na zona do selo.

Integra - Esp.JS/62

[Envelope], 1934 Jul. 03, Angra do Heroísmo, [Presídio de São João Batista], Presídio de São João Baptista [a] Maria do Pilar Sérgio da Silva, Lisboa / João da Silva.- 16 x 12,5 cm

Autógrafo assinado.- Tem carimbo de “DEPÓSITO DE PRESOS DE ANGRA”.- Envelope manuscrito. Provavelmente pertencente à carta datada de 2 de Julho de 1934.

Integra - Esp.JS/73

---

(1) – Os sobrescritos normalmente não entram na catalogação do espólio, mas tendo em conta a dimensão deste, optámos por colocar em anexos esta informação.



sem a responsabilidade e consequências.  
Muito prático, como deus.  
Sem prejuízo de velhos  
carrões e admissíveis.  
José Valpécio Lacerda

## AS EXISTENCIAS DE TRIGO NO MUNDO

LONDRES, 9. — Enquanto crescem as «bichas» às portas das padarias na Europa continental, aumentam as reservas de trigo nos grandes países exportadores, as quais, segundo as últimas estatísticas, atingirão só no Canadá, quando terminar o ano agrícola, 111 milhões de quintais, o que representa mais do que quatro anos de consumo em toda a Grã-Bretanha.

Os quatro maiores países exportadores do Mundo estão tomando providências para reduzir a produção do próximo ano agrícola. O Canadá limita a sua área de cultura a 65% para o ano que vem, enquanto que os Estados Unidos e a Argentina tendem a reduzi-la em 10%. A Austrália espera reduzir a produção de 165 milhões de quintais (média da produção anual dos últimos 10 anos) para 140 milhões — (EX-TEL).

Diário de Notícias  
10-V-1941

# Os Medalhistas João de Silva

João de Silva, ourives cingelador, medalhista e escultor é umia si pessoa, cujo caracter applica por completo a evolução do seu talento: é um <sup>homem</sup> ~~artista~~ <sup>artista</sup> feito.

Pertence a essa raza de artistas que procuram constantemente atingir um ideal elevadissimo e que para isso empregam todos os esforços de que são capazes. E é, ao mesmo tempo, um exemplo raro e portanto notavel, de como a consciencia estetica enriquecida pela constante leitura, pelo convivio de homens de valor num grande meio de arte, o levo, de modesto aluno das novas escolas industriais, a ~~ter~~ a <sup>premiado</sup> nas Artes Decorativas da Suiza, no <sup>superior</sup> ~~Curso~~ <sup>Curso</sup> de ~~Preparadores~~ <sup>Preparadores</sup> de medalhas em Paris, e finalmente na Escultura do Salon ~~anual~~ <sup>anual</sup> dessa mesma cidade.

Com de ~~apto~~ <sup>apto</sup>, em resumo, a emancipação do ourives que chega a cultivar a grande arte independente.

2  
tudo começado por praticá-la ainda presa ás artes menores, como succedeu na antiga Grecia. No inicio da arte Grega a escultura não pode ser considerada isoladamente da arquitectura e das artes decorativas; tem de se estudar no templo, na fria, nas armas, na cerâmica, e só mais tarde, á maneira do que na Renascença havia de succeder com a musica e a pintura, que então se converteram em artes independentes, é que aparece a estatura, estadia paralelo ao do aparecimento da Opera e do Quadro de Cavalete em pleno seculo XVI.

Nas frias e outras obras de ourivesaria, João de Silva manifesta de continuo o seu temperamento de escultor; ele mesmo affirmou que todo o cingelador tem necessariamente de ser medalhista, se não quizer ver-se reduzido a um mero tecnico profissional; a arte da gravura de medalhas é-lhe indispensavel e a cingeladura tem de ser executada por quem concebe o original, que se trate de gravar o fundo duma sabre,



5  
"Imperio", e o Registro de Santos a que  
aquela se destinava com os seus varia-  
dissimos aspectos, madeiras preciosas  
de que se faziam e as ferragens de  
tipos inusitados a guarnecida. A  
medalha de arte veio substituir essa  
outra artezinha encantadora do quadro  
gravado e fundido de que o Sr.  
Int<sup>o</sup> Cardinal Patriarca nunca concedia  
menos de 50 dias de Indulgencia a  
quem rezasse "humna hora Maria diante  
desta Imagem". Assim se lê numa  
Linhora da trazaret que se vendia na  
"Estamparia ao Povo Publico n.º 2  
Lisboa" e aparece cercada de serafims,  
no seu tronco de nuvens, ao afilto D.  
Fruas Roupinho quando fugia ás sete  
partidas, d'india e este e perseguido  
sob a forma ramalhuda dum peado, d'  
invocação fervorosa de D. Fruas, dá-se  
o milagre: o cavalo e cavaleiro ficam  
suspensos no abismo á beira das  
arribas nagaremas, e o tremendo  
bicho é precipitado nas selvas  
ondas do mar.

6  
A tradição liga as duas lindas artes  
decorativas, sendo que a forma actual  
da medalha é sem duvida alguma  
mais pratica do que a antiga; todos  
o crente e pode trazer consigo e tê-la  
presente a todos os momentos da vida.  
Resta-me só dizer que João da Silva  
procede com relação a este novo aspecto  
da sua produção <sup>artística</sup> com a mesma  
honestidade e altura estetica que  
sempre lhe caracteriza o trabalho.

Documenta-se, reuniu a maior quan-  
tidade possível de informações e dados  
historicos; estuda cuidadosamente o  
modelo humano a representar; e a imagem  
que surge-lhe na mente, inspirada pela  
elevada compreensão que elle tem do seu  
tema religioso.

Lisboa 22-2-25

Tubonio Procyo.

Olá. Não substitua no meu nome  
d'V pelo i.



INQUÉRITO para a Tese de Dissertação:  
 "Mestre João da Silva: um projecto, um museu"

- Conviveu com o Mestre João da Silva? Sim  Não  Ainda que pouco, era amigo do meu pai e do meu avô.
- Qual a sua opinião sobre o Mestre, enquanto pessoa?

Era bastante frontal, demonstrando sempre o que sentia.

Era uma pessoa ~~se~~ duma seriedade e concentraç<sup>o</sup> que se traduzia numa express<sup>o</sup> triste.

- Indique se conhece obra do Mestre em
- |              |   |   |
|--------------|---|---|
| Ourivesaria  | Sim <input checked="" type="checkbox"/> | Não <input type="checkbox"/>            |
| Medalhística | Sim <input checked="" type="checkbox"/> | Não <input type="checkbox"/>            |
| Numismática  | Sim <input checked="" type="checkbox"/> | Não <input type="checkbox"/>            |
| Escultura    | Sim <input checked="" type="checkbox"/> | Não <input type="checkbox"/>            |
| Marcenaria   | Sim <input type="checkbox"/>            | Não <input checked="" type="checkbox"/> |
| Desenho      | Sim <input checked="" type="checkbox"/> | Não <input type="checkbox"/>            |

- Como define a obra do Mestre João da Silva?

Deu uma nova vida à medalhística, mas não fez escola.

- Em sua opinião, porque motivo(s) criou o escultor João da Silva um Museu com a sua obra?

Sabendo que ~~o~~ valor da sua obra, deixa-a como ~~um~~ ferramenta para futuros artistas, até porque não deixou discípulos.

- Como descreve a Casa-Museu Mestre João da Silva na vertente espacial?

Pouco agradável aos sentidos, é um pouco sinistra, com pouca iluminação ou inadequada. As peças não sobressaem, a iluminação e a disposiç<sup>o</sup> não favorecem a exposiç<sup>o</sup>. É triste.

João B...

Data 19/12/2003

INQUÉRITO para a Tese de Dissertação:  
"Mestre João da Silva: um projecto, um museu"

- Conviveu com o Mestre João da Silva? Sim X Não \_\_\_\_\_ DURANTE POUCO TEMPO

- Qual a sua opinião sobre o Mestre, enquanto pessoa?

PARA MIM QUE TINHA 13 ANOS EXTRAMAMENTE AFÁVEZ

- Indique se conhece obra do Mestre em	Ourivesaria	Sim <u>_____</u>	Não <u>_____</u>
	Medalhística	Sim <u>X</u>	Não <u>_____</u>
	Numismática	Sim <u>X</u>	Não <u>_____</u>
	Escultura	Sim <u>X</u>	Não <u>_____</u>
	Marcenaria	Sim <u>_____</u>	Não <u>_____</u>
	Desenho	Sim <u>X</u>	Não <u>_____</u>

- Como define a obra do Mestre João da Silva?

COMO EXEMPLO PARA OS ESCULTORES E PARA OS MEDALHISTAS.

UM EXEMPLO DE COMO FAZER.

- Em sua opinião, porque motivo(s) criou o escultor João da Silva um Museu com a sua obra?

TALVEZ COMO ASSIMILAMENTO PELA BOLSA QUE O ESTÁ DO LHE DEU!

- Como descreve a Casa-Museu Mestre João da Silva na vertente espacial?

REFLECTE A ALMA DO ARZISTA.

Luís COSTEL-BRANCO

Data 09/09/2002

Obrigada pela colaboração

Judite Calisto

INQUÉRITO para a Tese de Dissertação:  
"Mestre João da Silva: um projecto, um museu"

- Conviveu com o Mestre João da Silva? Sim \_\_\_\_\_ Não  \_\_\_\_\_
- Qual a sua opinião sobre o Mestre, enquanto pessoa?

- Indique se conhece obra do Mestre em
- |              |     |                                     |     |       |
|--------------|-----|-------------------------------------|-----|-------|
| Ourivesaria  | Sim | <input checked="" type="checkbox"/> | Não | _____ |
| Medalhística | Sim | <input checked="" type="checkbox"/> | Não | _____ |
| Numismática  | Sim | <input checked="" type="checkbox"/> | Não | _____ |
| Escultura    | Sim | <input checked="" type="checkbox"/> | Não | _____ |
| Marcenaria   | Sim | _____                               | Não | _____ |
| Desenho      | Sim | <input checked="" type="checkbox"/> | Não | _____ |

- Como define a obra do Mestre João da Silva?

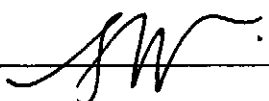
inovadora, nacional (modo de fazer, pessoa)  
genial e talentosa.

- Em sua opinião, por que motivo(s) criou o escultor João da Silva um Museu com a sua obra?

Para imortalizar didacticamente e fazer gozar comente  
a sua obra. (transmissão do testemunho)

- Como descreve a Casa-Museu Mestre João da Silva na vertente espacial?

Sai onde é, mas nunca entendi

  
ANTÓNIO MATOS  
ESCUADOR

Data 16/10/2002

Obrigada pela colaboração  
Judite Calisto

INQUÉRITO para a Tese de Dissertação:  
“Mestre João da Silva: um projecto, um museu”

- Conviveu com o Mestre João da Silva? Sim X Não \_\_\_\_\_ Na década de 40 (\*)

- Qual a sua opinião sobre o Mestre, enquanto pessoa?

Uma das figuras notáveis de uma geração para a qual a preocupação maior era conquistar a coerência entre o pensamento e a acção.

Homem total, completo, quando é solicitado para dar uma opinião relativamente à dialéctica entre espaço e forma/função tem um sentido de observação de designer.

Exigente e extremamente rigoroso relativamente aos materiais, tecnologias e à qualidade dos materiais e como eram tratados pelos

- Indique se conhece obra do Mestre em	Ourivesaria	Sim <u>X</u>	Não _____
	Medalhística	Sim <u>X</u>	Não _____
	Numismática	Sim <u>X</u>	Não _____
	Escultura	Sim <u>X</u>	Não _____
	Marcenaria	Sim _____	Não <u>X</u>
	Desenho	Sim <u>X</u>	Não _____

- Como define a obra do Mestre João da Silva?

Genial.

- Em sua opinião, porque motivo(s) criou o escultor João da Silva um Museu com a sua obra?

Porque todos nós desejamos vencer o tempo e deixar, digamos, a nossa mensagem, o nosso património, aquilo que construímos para além do que estava construído.

O povo diz “Quem conta um conto acrescenta um ponto”, e a arte não é mais do que essa tentativa de acrescentar um ponto à espiral que é a aventura humana.

Essa geometria metafísica e filosófica que explica o desejo de permanecer para além do efémero. Este desejo de afirmar a nossa própria existência singular e o espírito da nossa existência plural, o espírito de uma geração.

Cito o poeta popular António Aleixo:

“E assim, lição por lição,  
que pouco a pouco aprendemos,  
de outros a outros daremos,  
que a muitos outros darão.”

João da Silva pretendeu dar uma passagem de testemunho daquilo que realizou como resposta à sua inquietação metafísica.

- Como descreve a Casa-Museu Mestre João da Silva na vertente espacial?

Procurou organizar a sua casa museu com inteligência e dentro da época, a sua estrutura museológica.

OBSERVAÇÕES no verso

INQUÉRITO para a Tese de Dissertação:  
“Mestre João da Silva: um projecto, um museu”

- Conviveu com o Mestre João da Silva? Sim X Não \_\_\_\_\_

- Qual a sua opinião sobre o Mestre, enquanto pessoa?

Homem integro, perfeitamente impecável. Homem de vanguarda do ponto de vista humano e político, de personalidade forte.

Bastante obstinado no que fazia e pensava, quando considerava existir uma injustiça reagia sempre.

Ao nível da evolução artística não era flexível, mas continuo a considerá-lo como um homem que não tem par.

- Indique se conhece obra do Mestre em	Ourivesaria	Sim <u>X</u>	Não _____
	Medalhística	Sim <u>X</u>	Não _____
	Numismática	Sim <u>X</u>	Não _____
	Escultura	Sim <u>X</u>	Não _____
	Marcenaria	Sim _____	Não <u>X</u>
	Desenho	Sim <u>X</u>	Não _____

- Como define a obra do Mestre João da Silva?

Da melhor qualidade e em relação ao seu tempo estaria bem em qualquer parte do mundo. Tão bom como os melhores de França.

Homem excepcionalmente dotado para desenhar e modelar. Excelente medalhista, não se lhe fez justiça. Foi o maior medalhista do nosso tempo com requinte de execução e exigência de qualidade. Extremamente exigente naquilo que fazia, um mestre.

Esculpia segundo os conceitos de finais do séc. XIX e inícios do séc. XX e não aceitava a nova escultura. Excelente executante, mas que parou no tempo.

- Em sua opinião, porque motivo(s) criou o escultor João da Silva um Museu com a sua obra?

Como respeitava muito o seu trabalho entendia que seria útil ser visto. Era um exemplo quer do ponto de vista da qualidade quer como trabalho. Não é uma questão de vaidade. Para a escultura era importante conhecer o que ele fez. Respeitava o que fazia.

- Como descreve a Casa-Museu Mestre João da Silva na vertente espacial?

Quando lá estive para a visitar estava fechada.

Nota: Inquérito respondido na sequência de entrevista da mestranda com o Professor Escultor Joaquim Correia, a 8 de Julho de 2003.

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Obrigada pela colaboração

INQUÉRITO para a Tese de Dissertação:  
**“Mestre João da Silva: um projecto, um museu”**

- Conviveu com o Mestre João da Silva? Sim \_\_\_\_\_ Não X Conhecia de vista.  
- Qual a sua opinião sobre o Mestre, enquanto pessoa?

- Indique se conhece obra do Mestre em
- |              |              |           |
|--------------|--------------|-----------|
| Ourivesaria  | Sim <u>X</u> | Não _____ |
| Medalhística | Sim <u>X</u> | Não _____ |
| Numismática  | Sim _____    | Não _____ |
| Escultura    | Sim <u>X</u> | Não _____ |
| Marcenaria   | Sim _____    | Não _____ |
| Desenho      | Sim _____    | Não _____ |
- \_\_\_\_\_

- Como define a obra do Mestre João da Silva?

Muito perfeccionista. Artista cuja obra é de uma delicadeza de traço e de desenho extraordinário. João da Silva tem uma obra representativa da influência francesa.

- Em sua opinião, porque motivo(s) criou o escultor João da Silva um Museu com a sua obra?

Ele tinha uma colecção numerosa e muito diversificada porque tocou muitas áreas. Como de dedicou muito à medalhística e ficou sempre com os originais ou peças acabadas, tinha uma colecção muito grande do início do século XX, com interesse estético, nomeadamente pela delicadeza e beleza do seu traço. Esta será a obra mais marcante de João da Silva, para além de outros aspectos como as figuras populares, de que são exemplo os campinos, entre outras.

- Como descreve a Casa-Museu Mestre João da Silva na vertente espacial?

Apenas conheci a casa onde viveu João da Silva porque a filha solicitou apoio à Câmara Municipal de Lisboa. A colecção era muito numerosa para um espaço tão reduzido.

Nota: Entrevista por telefone com a Dr<sup>a</sup> Irisalva Moita em Novembro de 2003

Data \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Obrigada pela colaboração

INQUÉRITO para a Tese de Dissertação:  
"Mestre João da Silva: um projecto, um museu"

- Conviveu com o Mestre João da Silva? Sim  Não

- Qual a sua opinião sobre o Mestre, enquanto pessoa?

Nas o conheci, a não sei casualmente.

- Indique se conhece obra do Mestre em

Ourivesaria	Sim <input checked="" type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
Medalhística	Sim <input checked="" type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
Numismática	Sim <input checked="" type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
Escultura	Sim <input checked="" type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
Marcenaria	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input checked="" type="checkbox"/>
Desenho	Sim <input checked="" type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
<u>Cinzelado</u>		

- Como define a obra do Mestre João da Silva?

Boa. Para mim é o expoente máximo da medalhística da época. Sobre o resto da obra não me é manifestamente por não conhecer a obra completa.

- Em sua opinião, porque motivo(s) criou o escultor João da Silva um Museu com a sua obra?

Porque entendeu que na época seria um dos melhores escultores, em especial <sup>em</sup> medalhista. É a sua melhor obra em quantidade e em qualidade. E para que a sua obra não se perdesse doou a mesma à ~~Assoc.~~ Soc. Nacional de Belas Artes, sendo sua filha usufrutuária.

- Como descreve a Casa-Museu Mestre João da Silva na vertente espacial?

É suficiente para a obra do escultor desde que seja melhorado com algumas obras de conservação.

Vasco Costa

Data 22/12/2003



Obrigada pela colaboração

INQUÉRITO para a Tese de Dissertação:  
"Mestre João da Silva: um projecto, um museu"

- Conviveu com o Mestre João da Silva? Sim \_\_\_\_\_ Não X \_\_\_\_\_  
- Qual a sua opinião sobre o Mestre, enquanto pessoa?

- Indique se conhece obra do Mestre em
- |              |     |          |     |          |
|--------------|-----|----------|-----|----------|
| Ourivesaria  | Sim | <u>X</u> | Não | _____    |
| Medalhística | Sim | <u>X</u> | Não | _____    |
| Numismática  | Sim | <u>X</u> | Não | _____    |
| Escultura    | Sim | <u>X</u> | Não | _____    |
| Marcenaria   | Sim | _____    | Não | <u>-</u> |
| Desenho      | Sim | _____    | Não | <u>-</u> |

- Como define a obra do Mestre João da Silva?

Considero o "Pai da medalha moderna" em Portugal.

- Em sua opinião, porque motivo(s) criou o escultor João da Silva um Museu com a sua obra?

Porque toda a vida para o artista foi uma obra de arte, "casa" "o espaço" "a sua luz" "o ambiente . . . . .  
em suma: um ambiente interligado ao seu interior de artista.

- Como descreve a Casa-Museu Mestre João da Silva na vertente espacial?

um paraíso para uma pessoa poder criar arte!  
Tem o silêncio, tem água, tem plantas, tem vida!

escultor João Duarte

Data 22/12/2003

Obrigada pela colaboração



INQUÉRITO para a Tese de Dissertação:  
"Mestre João da Silva: um projecto, um museu"

- Conviveu com o Mestre João da Silva? Sim X Não      Frequência das casas de família.  
- Qual a sua opinião sobre o Mestre, enquanto pessoa?

Pessoa muito rigorosa, com uma auto-disciplina tremenda. Levantava-se uma hora antes do nascer do sol, para estar sentado a trabalhar com os primeiros raios de sol. Observador e crítico atento do mundo, principalmente no que dizia respeito à proporção.

- Indique se conhece obra do Mestre em
- |              |                 |                 |
|--------------|-----------------|-----------------|
| Ourivesaria  | Sim <u>    </u> | Não <u>X</u>    |
| Medalhística | Sim <u>X</u>    | Não <u>    </u> |
| Numismática  | Sim <u>X</u>    | Não <u>    </u> |
| Escultura    | Sim <u>X</u>    | Não <u>    </u> |
| Marcenaria   | Sim <u>    </u> | Não <u>    </u> |
| Desenho      | Sim <u>X</u>    | Não <u>    </u> |

- Como define a obra do Mestre João da Silva?

De enorme perfeição. Os animais que fez parecem estar vivos.

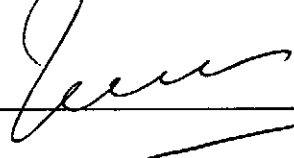
- Em sua opinião, porque motivo(s) criou o escultor João da Silva um Museu com a sua obra?

Não queria que as suas obras fossem parar às mãos de ~~epidurizados~~ e sim que todos tivessem a oportunidade de as ver e apreciar. Nem só os que tinham dinheiro as deviam poder ver.

- Como descreve a Casa-Museu Mestre João da Silva na vertente espacial?

De pequenas dimensões

ANTÓNIO SÉRGIO PESSOA (MÉD. VETERINÁRIO)



Data 12/11/03

Obrigada pela colaboração

INQUÉRITO para a Tese de Dissertação:  
"Mestre João da Silva: um projecto, um museu"

- Conviveu com o Mestre João da Silva? Sim + Não \_\_\_\_\_

- Qual a sua opinião sobre o Mestre, enquanto pessoa?

Pessoa de grande integridade moral e ética. Em muitos aspectos o homem e a obra têm ~~graves~~ afinidades visíveis.

- Indique se conhece obra do Mestre em

Ourivesaria	Sim <u>+</u>	Não _____
Medalhística	Sim <u>+</u>	Não _____
Numismática	Sim <u>+</u>	Não _____
Escultura	Sim <u>+</u>	Não _____
Marcenaria	Sim <u>1?</u>	Não <u>mas só os desenhos</u>
Desenho	Sim <u>+</u>	Não _____

- Como define a obra do Mestre João da Silva?

Grande qualidade e rigor.  
Dai ter sido muito posto em prática e  
judiciale (alisto todos os elementos que possuem  
e indicar-me bibliografia, imediatamente de  
tipo de dados e referências. Aproveito, pelo que  
verifiquei, vai utilizar com proveito.

- Em sua opinião, porque motivo(s) criou o escultor João da Silva um Museu com a sua obra?

Para evitar a dispersão e desejar  
manter o que fez, apesar de ter seguido  
permanentes contingências.

- Como descreve a Casa-Museu Mestre João da Silva na vertente espacial?

Depois de vermos a exposição na  
Galeria DN (quando era directiva) já se  
do local. Daí estar habitado a primeira  
- se dá a do modo um, depois, foi organizada  
e está em funcionamento

Data 7/1/2004

António Valdeavall

Obrigada pela colaboração

Entrevista” com do jornalista e Vice-presidente da Academia Nacional de Belas Artes, António Valdemar, sobre o escultor João da Silva e a sua Casa-Museu, a Judite Calisto, mestranda em Museologia

**05/01/2004 no Diário de Notícias**

“João da Silva é um toreuta, cinzelador e medalhista, que fica pelas dimensões do Leitão e Irmão. Habitou-se a trabalhar a pequena escala. O excesso de perfeição e rigor do Silva leva-o a refrear alguma imaginação.

Christofanetti faz uma preparação técnica muito grande a João da Silva, ao desenhador e aguarelista Alberto de Sousa e ao modernista Jorge Barradas, dando a todos eles conhecimento, técnica, profundidade e poder de realização na concepção do desenho e na execução.

João da Silva estuda à noite com Christofanetti e de dia trabalham na Leitão & Irmão. Quando chega a Paris vai muito bem preparado por um homem que também conhecia o estrangeiro.

Pessoa extremamente frontal. Faz as encomendas do Regime, mas nunca deixa de fazer o retrato dos amigos, como é o caso de Norton de Mato, para quem faz o cartaz de propaganda na campanha eleitoral. Assume-se como um profissional e trabalha para quem faz as encomendas, não há mecenas.

Homem explosivo, ressentido com o país, vê uma série de pessoas que lhe passam à frente em encomendas, isto para falar de republicanos, excluindo o monárquico Teixeira Lopes, Francisco de Almeida (sobrinho), Francisco Santos, Costa Mota e, de algum modo Anjos Teixeira. Mais tarde, com o Estado Novo, Francisco Franco, o estatuário do regime, Leopoldo de Almeida e outros. O Silva praticamente só tem dois monumentos significativos, a Augusto Gil na Guarda e a Júlio Dinis no Porto.

No Estado Novo, embora com as suas posições políticas e pessoais (ligação a António Sérgio), sendo maçom e ateu militante não deixa de fazer a coroa para a Senhora de Fátima, nem as medalhas comemorativas de grandes efemérides do Regime.

O regime recorre a João da Silva porque não tem outro, ele é um profissional e faz as encomendas.

João da Silva tem aversão ao modernismo, não é amigo dos modernistas, dá-se com algumas reservas, mas junta-se-lhes nas exposições de Belas Artes. João da Silva e António Saúde apoiam estas exposições.

João da Silva, em Lisboa, é o único artista que até àquela época assegurou a própria posteridade, com os seus trabalhos.

Após a sua morte o Dr. Azeredo Perdigão arranhou uma equipa de juristas para interpretar o testamento e foi-lhe fácil recolher o parecer da Sociedade Nacional de Belas Artes porque o seu presidente e funcionário da Gulbenkian, Fernando de Azevedo, apressou-se imediatamente a dizer que aceitava, o que é transmitido à Dona Gabriela. Esta desloca-se com a Dr<sup>a</sup> Matilde Sousa Franco a uma sessão na Sociedade e é informada das diligências efectuadas por mim.

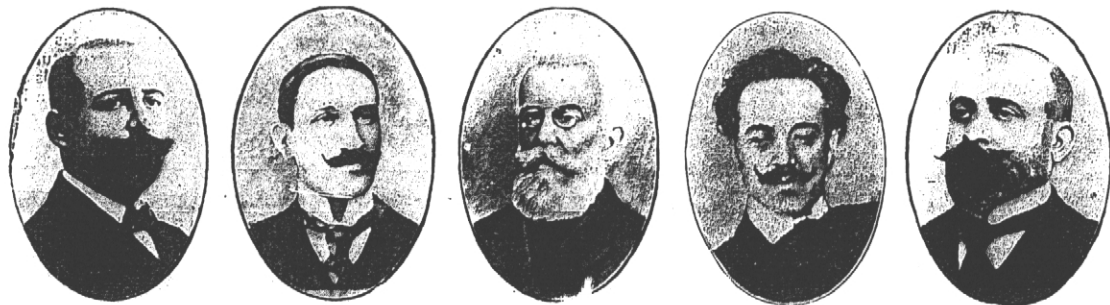
A Dr<sup>a</sup> Matilde Sousa Franco tem um papel fundamental no começo da transformação de uma casa-museu inactiva e para visitantes particulares para um espaço público dedicado a visitantes ilimitados. Além dos textos de divulgação sobre o artista, a sua obra, posição e importância da casa-museu.

Na Casa-Museu Mestre João da Silva querem mostrar uma grande quantidade de obras, não fazem a selecção. Tentam mostrar toda uma actividade operosa de uma longa vida.”

# Abertura das Côrtes Constituintes da Republica Portuguesa



Dr. Afonso Costa — Dr. Bernardino Machado — Dr. Teófilo Braga — Dr. Antonio J. d'Almeida — Capitão de mar e guerra Azevedo Gomes



Dr. João de Menezes — Sá Pereira — Anselmo Braamcamp Freire — Luz de Almeida — Dr. Alfonso Lemus

DEPUTADOS DE LISBOA



O BUSTO DA REPUBLICA INAUGURADO NA SALA DO PARLAMENTO  
(Esculptura do sr. João Silva)

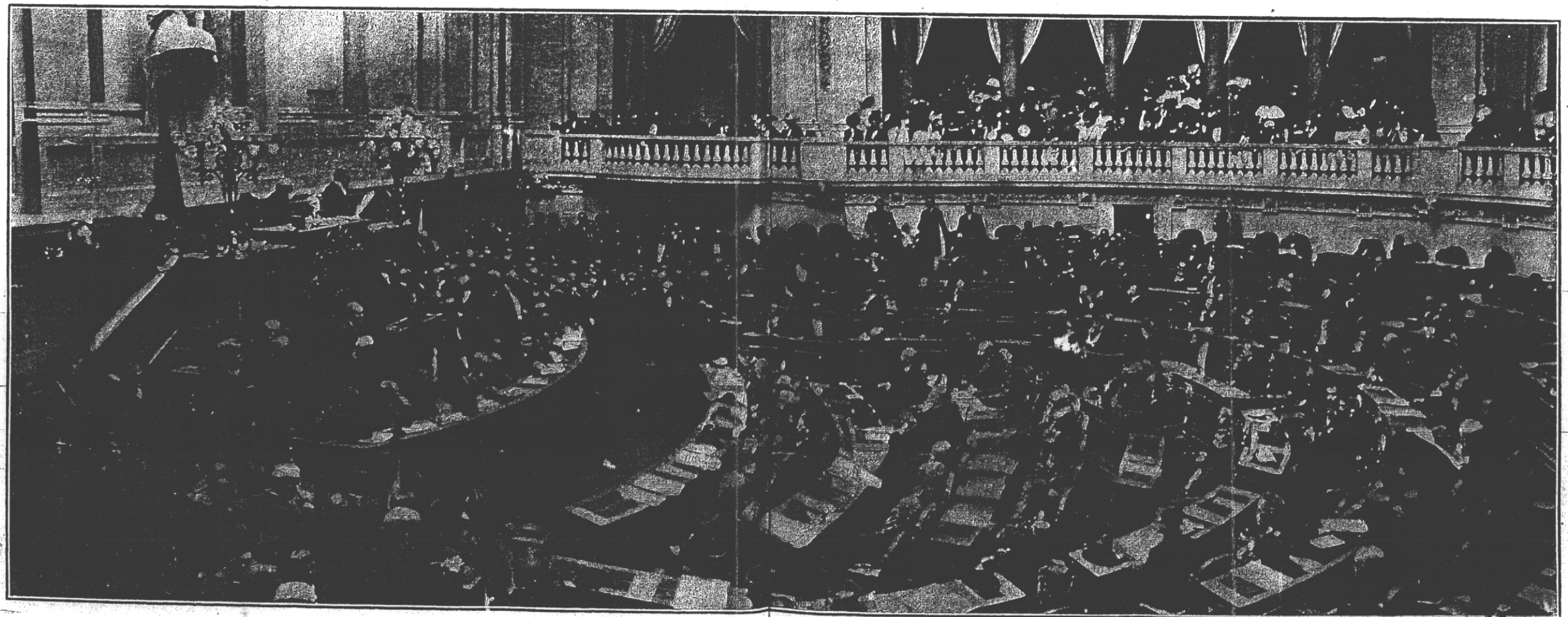


José Barbosa — Dr. Alfredo de Magalhães — Dr. Magalhães Lima — Dr. Alexandre Braga — Botto Machado



Capitão Afonso Pina — Capitão de mar e guerra Ludislau Parreira — Tenente Machado Santos — Capitão tenente José Carlos Maia — Alfredo Ladeira

DEPUTADOS DE LISBOA

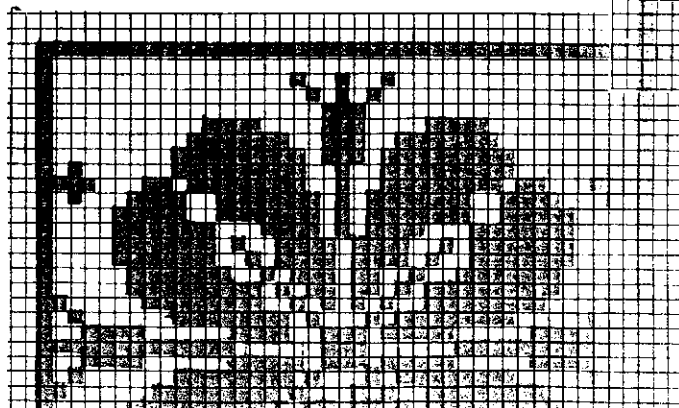
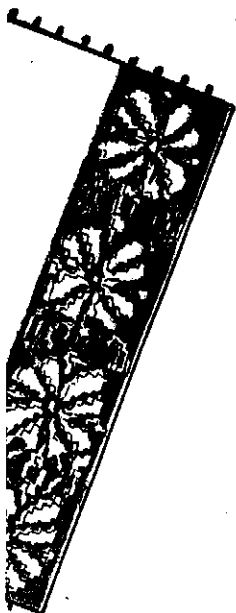
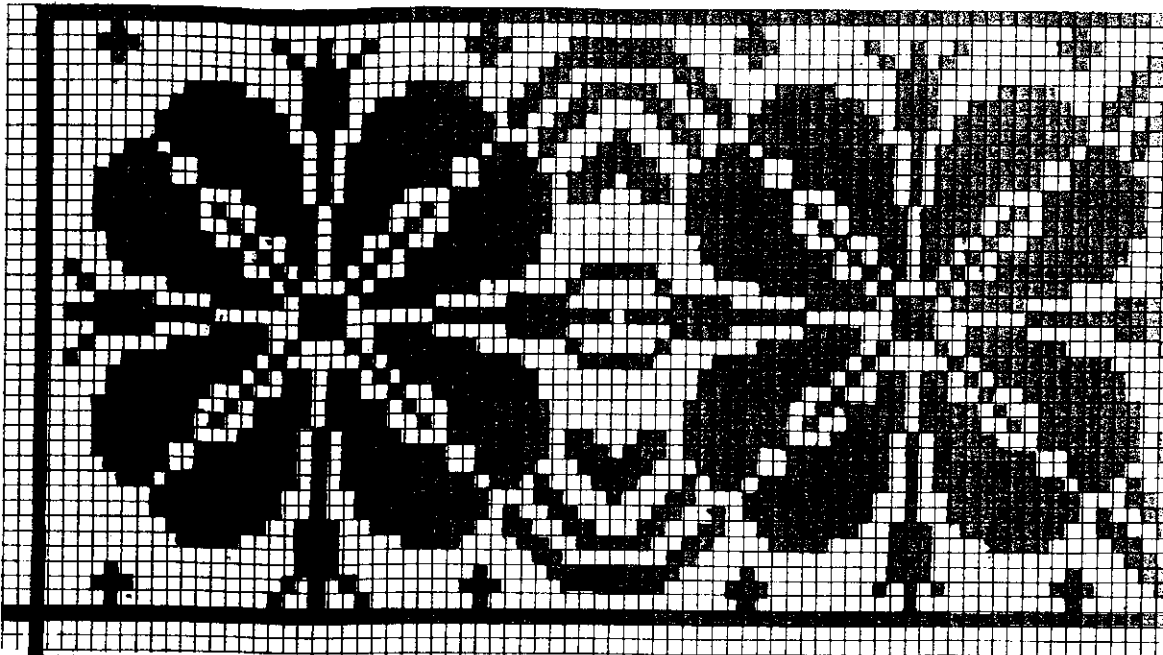


A Presidencia  
Os representantes das camaras municipais, occupam o lado da presidencia

Tribuna do corpo diplomatico  
Os membros do Governo provisório

As galerias com Senhoras

SESSÃO INAUGURAL DAS CORTES CONSTITUENTES







## graça e simplicidade

Ofereça a seus filhos para a 1.ª Comunhão medalhas de ouro e prata assinadas pelo escultor

JOÃO DA SILVA

que a Autora a diluísse para que, sobre ela, pudessem deslizar as outras rodas de uma máquina feita de rodas dentadas e desumanas (talvez por serem humanas demais).

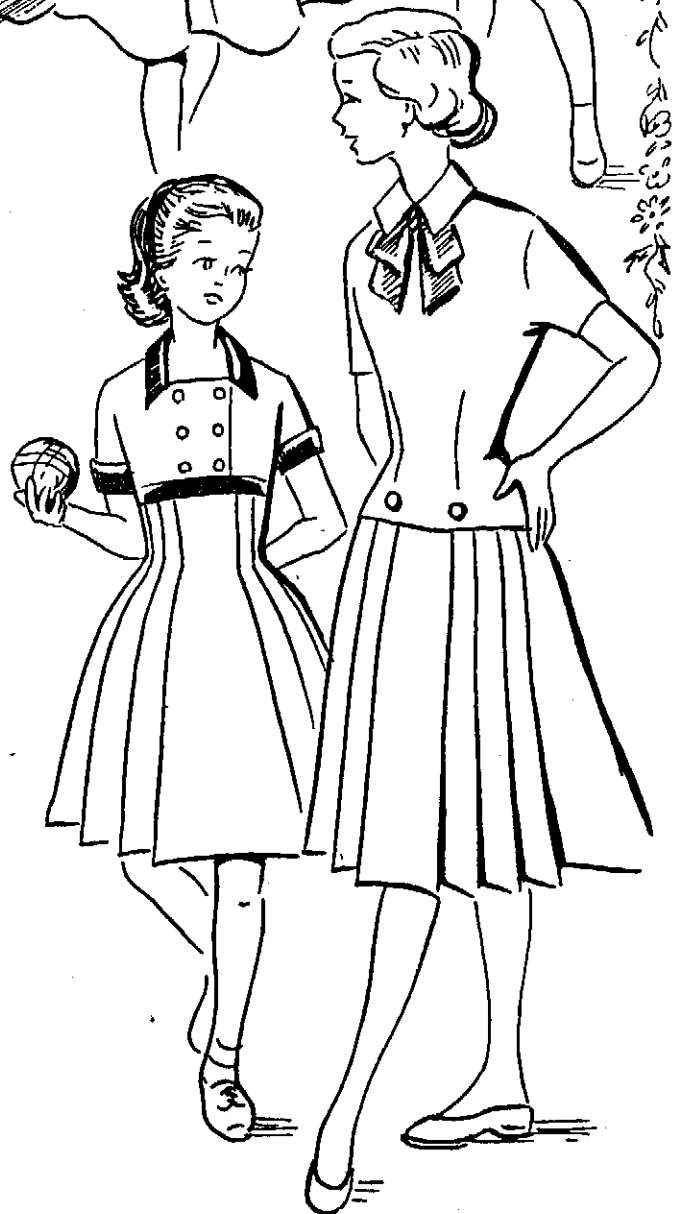
E também a Guerra de Espanha, parece-me mais um pretexto para se consumir a tragédia e dar uma temporalidade ao romance que sem ele ficaria em tempo indefinido — mas será ele válido só como pretexto?

A explicação que justifica no prefácio a veracidade do que aconteceu, parece-nos também dispensável para a apresentação do romance — nem só o que se encontra escrito sobre a verdade acontecida merece tal respeito. Mas não será mais a solução antecipada dum fim de romance que nos pareceu desumano? Irônica e rósea solução — e talvez a melhor, diga-se a verdade... Valdemar passava em Itália acompanhado por aquela rapariga de olhos claros que foram preversos...

Se apontamos todos estes aparentes senões não é por desamor ao livro, antes pelo contrário: por encontrarmos nele qualidades válidas, fruto das virtudes nitidas de escritora em Olga Alves Guerra.

Talvez um demasiado cerebralismo, aprisionando qualquer estado poético, não deixe a Autora de *Noite de Máscaras* ser aquela romancista de tempo que flui sem nos dar a impressão que flui sob a ordem de um destino.

Amarras, talvez, de quem começa um género, saindo de outro tão afim — o de Teatro — mais acção psicológica e menos poesia, como marcou a época actual, pelo menos até agora, aqui neste recanto da Europa. E poesia não quer dizer fantasia, muito pelo contrário: é talvez a mais dura realidade da autêntica vida...





## Informações da PIDE/DGS sobre João da Silva

IAN/TT – PIDE/DGS – Cad. 4867, N.T. ou U T 741

### Cadastro Político N° 4867

3 de Outubro de 1933 - Foi "... preso em flagrante delito, quando em sua casa queimava uma porção de manifestos do jornal clandestino *A Verdade*, tendo ainda os agentes..." da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado "... conseguido retirar dentro do forno onde estavam a ser queimados, muitos exemplares que foram transportados para a ..." Secção Política e Social. Numa busca efectuada em sua casa, aquando da prisão, foram encontrados num armário do atelier, algumas centenas de vários números do dito jornal. Pelo exposto foi considerado que "... agiu conscientemente ...". – Processo n° 804.

23 de Outubro de 1933 - A Secção Política e Social da P.V.D.E. enviou o respectivo processo ao Tribunal Militar Especial para João da Silva ser submetido a julgamento. – Ofício 1102.

24 de Outubro de 1933 - A delegação da P.V.D.E., no Porto pede para que o escultor seja enviado àquela cidade "... afim de ser ouvido em auto, por ter de fazer parte de um processo que ali está a ser organizado...". – Ofício confidencial n° 68 da delegação do Porto.

26 de Outubro de 1933 - A P.V.D.E. pede ao Tribunal Militar Especial a devolução do processo n° 804, em que é arguido João da Silva, devido a novas diligências a ele referentes, por processo a decorrer no Porto. – Ofício N° 451 (devolvido no dia seguinte – Ofício n° 451 do T.M.E.).

6 de Novembro de 1933 - João da Silva é "... enviado à Delegação da P.V.D.E. no Porto...", acompanhado com o respectivo processo – Ofício n° 1127.

O escultor é "... ouvido em auto ... por estar comprometido na distribuição do jornal clandestino *A Verdade*,..." nada mais acrescentando ao que contava nos autos da Secção de Lisboa. – Processo 199 da delegação do Porto.

9 de Novembro de 1933 – "... vindo do Porto, embarcou em Peniche com destino a Angra do Heroísmo, afim de dar entrada na Fortaleza de São João Batista".

24 de Fevereiro de 1934 – "... foi despronunciado no Tribunal Militar Especial, pelo processo N° 804 ..." – Ofício N° 265, de 26-2-934, do Tribunal Militar Especial.

1 de Agosto de 1934 – "... foi restituído à liberdade, em Angra do Heroísmo, por ter sido despronunciado no Tribunal, pelo processo N° 199, da Delegação do Porto. (Ofício N° 4115/934, de 9-8-934, da Directoria desta Polícia).



## Processo 804

Cadastro aberto em 3-10-933 com os dados de filiação, morada, impressões digitais de todos os dedos, com data e motivo de captura: por "... ser detentor de muitos jornais clandestinos "A Verdade".

No auto de declaração, efectuado a 7 de Outubro de 1933, João da Silva informa que lhe tinham pedido, no dia 2 desse mês, da parte da tarde, para guardar em sua casa um pacote que mandariam buscar no dia seguinte, afirmando em tom de brincadeira que "Se lá for a polícia, eu queimarei tudo", ao que lhe responderam "Pois queima". Entre as 19 e as 20 horas uma pessoa que não conhecia entregou o dito pacote respondendo, a pergunta do escultor, que voltaria às 9 horas do dia seguinte. João da Silva diz que suponha que o pacote conteria exemplares do jornal *A Verdade*, de que lhe tinham falado na apreensão de 40 exemplares, em tipografia da Rua Antero de Quental, e do qual já tinha lido alguns números, oferecidos pela mesma pessoa, de que não disse o nome por "dever de amizade", mas como o pacote era de grandes dimensões, ao recebe-lo supôs tratar-se de outra coisa. Depois de jantar foi visitar um amigo que chegara a Lisboa doente e ao regressar, cerca das 22 horas decidiu ver o que o pacote continha: cerca de 300 ou 400 exemplares do N° 5 de *A Verdade*.

Na madrugada desse dia foi surpreendido pela polícia que batia insistentemente à porta da residência, desceu à galeria onde estava o pacote e transportou-o para o atelier onde se fechou e acendeu o aparelho de aquecimento *godin*, "...para queimar o conteúdo do pacote...". Face à insistência da polícia abriu a porta quando tinha queimado cerca de metade dos jornais.

A polícia questiona ainda sobre alguns papéis escritos pelo escultor e por uma notícia encontrada sobre a compra de barcos pelo governo.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Tem junto o relatório sobre o acontecido, datado de 19 de Outubro e praticamente transcrito no Cadastro Político N° 4861, com data de 3 de Outubro.

## Cópia do Processo nº 178/45 da Directoria

### Ano de 1945

Acusação ou motivo de prisão: Actividades e propaganda subversiva

Arguidos: João Severino de Figueiredo da Camara, Sebastião José da Costa, João da Silva, Dr. Avelino Henriques da Costa Cunhal, Arnaldo Moura (solto condicionalmente) e José Joaquim Ramos.

Autuação: aos 1º de Janeiro de 1945, “...nesta cidade de Lisboa e Directoria da Polícia Internacional e de Defesa do Estado, autuei os Autos que seguem...”, o agente investigador nº 607, Fernando de Sousa de Araújo Gouveia.

p. 33:

Na sequência da prisão de Sebastião José da Costa, de 61 anos de idade, jornalista crítico de arte e ex-oficial da Armada, em 24 de Janeiro de 1954 e a quem foi apreendidos jornais clandestinos, manifestos, escritos, etc., sobre o qual recai a acusação de fazer parte do Comité Militar de Libertação Nacional e do Comité Nacional de Unidade Anti-Fascista. A P.V.D.E. constata que no seu “carnet” de endereços e números de telefone, onde constavam nomes como o do Dr. Avelino Henriques da Costa Cunhal, pai do Dr. Álvaro Cunhal, na época fugido à polícia política, se encontrava igualmente o nome de João da Silva com o número de telefone 22047, o qual não corresponde ao correcto: 61396, número que não constava na Lista Telefónica, mas é interpretado como forma de “...encobrir a natureza das suas ligações, pois segundo informações que esta Polícia tem, o referido João da Silva, consta como fazendo parte do Comité Nacional de Unidade Anti-Fascista e ser seu delegado junto do Comité semelhante existente em Espanha.”.

p. 34/36:

Em 31 de Janeiro João da Silva, com 64 anos, é capturado pela polícia política em sua casa, para averiguações e colocado incomunicável em Caxias.<sup>2</sup>

Em 3 de Março o director da Cadeia do Aljube recebe indicação que João da Silva, “...por já não interessar às investigações em curso...” pode passar do regime de incomunicabilidade para o normal.<sup>3</sup>

p. 36 v.

Instrução de João da Silva: “3º ano do liceu”.

p. 37/38:

Durante a busca, aquando da prisão, foram apreendidos folhetos clandestinos: *Programa de emergência do Governo Provisório*, o exemplar de um prospecto clandestino que se iniciava por “Na Ilha de São Tiago, Cabo Verde, Salazar mata”, um exemplar do manifesto clandestino *Grupos Anti-Fascistas de Combate* e outro do *Ao Exército, à Armada e ao Povo*, dois exemplares do jornal *Avante*, um da quinzena de Novembro e outro da segunda quinzena de Dezembro do ano anterior, dois exemplares do jornal clandestino *A Batalha*, de Dezembro, uma cópia dactilografada com a transcrição da *Constituição Política da União das Republicas Socialista Soviéticas*, um exemplar do manifesto clandestino *O Render da Guarda*, uma folha de papel dactilografada com dois comentários retirados do jornal *Observer*, de 24 de Setembro anterior, quatro folhas dactilografadas com o título *Carta aberta*

<sup>2</sup> Onde terá permanecido até próximo de 20 de Fevereiro quando responde na sede da P.I.D.E., p.74 do processo.

<sup>3</sup> Idem, p.127.

ao antigo Embaixador do Brazil em França Senhor Doutor Sousa Dias, oito folhas dactilografadas que são consideradas “uma circular de propaganda clandestina contra a Actual Situação Política” [p. 37v.], uma folha de papel dactilografada com cópia de carta dirigida ao Tenente-Coronel Lelo Portela, “três meias folhas manuscritas, com notas de coisas ouvidas na telefonia, na língua espanhola e francesa e da BBC de Londres.”

p.74/86:

Auto de Perguntas: A 20 de Fevereiro de 1945, na sede da P.I.D.E. João da Silva é acusado de “fazer parte do Comité Nacional de Unidade Anti-Fascista e ser seu delegado perante igual Conselho organizado clandestinamente em Espanha,...”, a qual é repudiada pelo escultor.

À pergunta sobre as relações com o ex-oficial da Marinha, Sebastião José da Costa informa que o tinha conhecido na sua morada da Rua da Prata quando se deslocara de Paris a Portugal, por aquele desejar ver alguns dos seus trabalhos poucas vezes o tinha encontrado, conversando sobre arte, música e o seu trabalho *O Canon das Estatuas Equestres*. Uma vez foi ao seu atelier de escultura para acompanhar uma senhora inglesa que pretendia ver os seus trabalhos, ficando de voltar com o escultor Canto e Castro, com o mesmo objectivo, o que não aconteceu, no final do ano tinha-lhe enviado um cartão de boas festas e através do qual ficou a saber o número de telefone do ex-oficial da Marinha. Sobre o seu passado político soube, em Paris, que ele tinha feito parte da revolta da Ilha da Madeira, noticiada no jornal *Le Matin* e segundo informação do Dr. Jaime Cortesão.

p. 75/76

“... a sua vida profissional era de tal forma absorvente que raríssimas vezes recebia visitas e quando o fazia era porque se relacionavam com os seus trabalhos. Que muitas vezes lhe batiam à porta e não sabendo de quem se tratava não a abria, para não ser incomodado na sua actividade...”<sup>4</sup>

p. 77/82

Continuação do Auto, em 21 de Fevereiro de 1945: Questionado sobre a sua opinião acerca das ideias políticas portuguesas e quais as que abraçava respondeu: “Que a sua longa permanência no estrangeiro, em França e sobretudo na Suíça, fizeram do respondente há muito tempo um democrata convencido, porque pode vêr ali o que é uma maioria defendendo e protegendo os direitos de uma minoria, o que levou o respondente a ficar convicto desses princípios e não preferir nenhuns outros no campo político. Que a sua escolha portanto, estava há muito já feita, mesmo muito antes de regressar a Portugal.”, há 12 anos.

À pergunta se não tentava fazer com que tais princípios triunfassem em Portugal disse que não, pois seria preciso divulgar as ideias com conferências e estudos, o que ocuparia muito tempo. Até à data “...não tem exercido senão a acção da sua actividade profissional, como prova pela sua abundante produção artística. Que, se assim não fosse, não chegaria a realizar da sua obra senão uma parcela insignificante...”

É significativo o comentário que se segue, escrito pela polícia: “o que de facto é, pois não tendo colaboradores e trabalhando completamente só, a sua produção é grande.”<sup>5</sup>

Contudo, afirmou que não vivia completamente alheado da vida política, “... porque dentro do artista há também o homem e o cidadão e desinteressados um e outro do que representa a vida colectiva da sociedade portuguesa, triste impressão daria de si, se isso pudesse ser um facto, pois o respondente abdicaria das suas qualidades de homem, transfigurando-se numa coisa amorfa, sem opinião, ficando-lhe apenas a sua actividade profissional, a qual não poderia ter relêvo espiritual por lhe faltar o factor humano.”, limitando-se a sua actividade política “à observação geral dos factos, com os quais concorda ou não, segundo o seu temperamento, e os seus princípios.” (p.78)

<sup>4</sup> Auto interrompido pelo adiantado da hora.

<sup>5</sup> Idem, p. 77v.

Instado pela polícia sobre a situação política do país declara que “... a sua verdadeira profissão é aquela da qual ... tira os seus proventos de que vive. Que toda a actividade, independente dessa, é de mera curiosidade de homem que não pode deixar de ter interesse pelo que se passa em volta de si. Que é natural pois, que observe, que comente e que ouse ter uma opinião, embora seja contrária àquela que professam os actuais poderes públicos.”

P 78v.-80v.:

Informou a polícia que as oito páginas dactilografadas, identificadas como o original de um manifesto clandestino que ataca a situação política de Portugal e com anotações efectuadas por si para completar e corrigir dados lhe tinham sido entregues pelo seu amigo, “...dois adversários da Actual Situação Política, não ligados revolucionariamente a qualquer tendência política de oposição”.

p. 142:

Auto de Declarações: Aos 16/04/1945 é feito um relatório (resumo), sobre os implicados neste processo, fls. 151-175. João da Silva surge mencionado a partir da fl. 160 na parte do relatório referente a Sebastião José da Costa (ex-oficial da Marinha), por no seu caderno de apontamentos surgir o nº de telefone, errado. Sobre J. Da Silva diz-se que “havia a informação de que fazia parte do *Comité de Unidade Anti-Fascista...*”.

p. 168-171

Relatório referente a João da Silva (escultor)<sup>6</sup>:

“... A fls. 133 nega...” fazer parte do Comité Nacional de Unidade Anti-Fascista e de ser seu delegado junto do comité similar em Espanha, apesar da P.V.D.E. ter conhecimento de que o seu nome foi indicado para o representar em reunião de delegados a efectuar no país vizinho.

“... A fls. 134, nega...” ter “...mantido relações políticas ou revolucionárias com o ex-oficial de Marinha, Sebastião José da Costa, com quem considera ter “relações ligeiras”, apesar de possuir o seu número de telefone e aquele lhe ter feito várias visita, a fls. 134 verso”.

“Confessa-se, a Fls. 137, adversário da actual Situação Política do País o que aliaz não constitui novidade, pois já esteve preso e deportado conforme consta dos autos a Fls. 79 e 80 por ter sido detido em flagrante delicto, quando queimava uma grande porção de exemplares do jornal clandestino *A Verdade*, para evitar que os mesmos fossem apreendidos por esta Polícia.”

“Confessa, a Fls. 137, ter efectuado correcções e anotações em 8 folhas de papel dactilografado, que foram apreendidas e se encontram nos autos a fls. 81 e anexas aos autos, a fls. 93, com “um ataque cerrado” à actual Situação Política e aos seus dirigentes, nomeadamente a Salazar. ...”

Declarou que os manifestos clandestinos de propaganda comunista lhe tinham sido enviados pelo correio ou colocados na caixa do correio, fls. 138.

A tradução dactilografada da Constituição Política da União das Republicas Socialistas Soviéticas, conforme auto a fls. 81, tinha-lhe sido enviada por correio, sem remetente e com nota informativa de ter sido traduzida do livro *L' R.R.S.S. et le Monde*. A polícia não acredita que não tivesse remetente. Diz ter guardado o documento por curiosidade.

---

<sup>6</sup> Deste relatório existe no processo uma cópia.

Em três pedaços de papel tomava nota, a lápis, de emissões radiofónicas que criticavam a situação política de Portugal. Posteriormente comentava essas informações com os filhos e amigos que o visitavam, reprovando ou aprovando as críticas efectuadas, conforme fls. 138 v. e juntos a fls. 95-97 .

“Atravez do seu auto, verifica-se um desejo flagrante de se esquivar a responsabilidades, tentando encobrir a sua actividade em matéria de ligações e propaganda, com os seu afazeres profissionais e à vida regrada a que os mesmos o obrigavam, quando afinal se verificou pelas suas próprias declarações que não tinha necessidade de sair de casa para exercer essa actividade de ligação e de propaganda, tudo indicando ser em sua casa que as reuniões se efectuavam, pela esplendida situação da mesma e mascaradas com o pretexto de visitas aos seus trabalhos.”

p. 176-177:

Informação sobre João da Silva de 11/04/1945<sup>7</sup>:

A 31 de Janeiro de 1945 foi preso, em sua casa, por existir na P.V.D.E. “... a informação de que faz parte do “Comité Nacional de Unidade Anti-Fascista” e o seu nome figurado numa lista de Delegados que deveriam representar aquele Comité, numa reunião em conjunto com os Delegados de igual Comité existente em Espanha.”

Em busca à sua residência foram “...apreendidos exemplares de diversos manifestos e jornais clandestinos, editados pelos “Comité Militar de Libertação Nacional”, Comité Nacional de Unidade Anti-fascista e “Partido Comunista Português”, bem como os Estatutos dactilografados da “Constituição Política da U.R.S.S.”, diversos apontamentos transcrevendo períodos de emissões radiofónicas estrangeiras atacando a obra realizada por Sua Excelência o Senhor Presidente do Conselho e a Actual Situação Política do Paiz, para comentar e divulgar, assim como 8 fôlhas dactilografadas da autoria de um seu correligionário, cujo nome indicou, e se encontra preso, com anotações e correcções feitas pelo seu punho, nas quais é especialmente visado Sua Excelência o Senhor Presidente do Conselho.”

Dizem ter assinado sem qualquer coacção o auto de Busca e Apreensão, “... pois assistiu de perto ao seu achado no meio dos seus outros papéis. ...

Pretendeu ser hábil nos interrogatórios a que foi submetido, para não se comprometer nas respostas... e só depois da história de todo o seu passado político, bem conhecido desta Polícia, foi possível obter-se qualquer coisa de concreto acerca das suas ligações e actividade actual, e a confissão sobre a origem e fim a que se destinavam alguns documentos de character subversivo que em seu poder foram encontrados. ...”

Para apreciação do passado político de João da Silva dizem juntar uma cópia do seu cadastro e cópia da parte que lhe é correspondente no relatório do processo das averiguações e enviado ao T.M.E.<sup>8</sup>

p. 178-181:

Cópia dactilografada do Relatório na parte respeitante a João da Silva. 8

p.182:

O Director da P.V.D.E., em 17/04/1945, envia o processo nº 178/45 ao Presidente do Tribunal Militar Especial sobre os arguidos.

<sup>7</sup> Cópia dactilografada de Processo 178/45.

<sup>8</sup> Resumido por duas vezes (sem nº de fls.).

p.184:

O Director da P.V.D.E., em 19/04/1945, envia em aditamento duas relações e os documentos apreendidos a Avelino Henrique da Costa Cunhal e João da Silva, ao Presidente do Tribunal Militar Especial sobre os arguidos.

p.186:

Nos documentos apreendidos a João da Silva, em carta de 16/04/1945, surge apenas um “caderno dactilografado contendo a transcrição da *Constituição Política da União das Republicas Socialista Soviéticas.*”

p. 203:

O Tribunal Militar Especial, em 28/04/195, envia ao Director da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, os mandatos de soltura a favor dos réus Avelino Henriques da Costa Cunhal, João da Silva e José Joaquim Ramos.

p. 208:

Mandato de Soltura, do Tribunal Militar Especial, em 28/04/195, para João da Silva, de 64 anos “...em liberdade condicional, mediante termo de residência...”.

p. 209:

Termo de responsabilidade, de 1 de Maio de 1945, em que João da Silva declara a sua residência e se compromete a não sair da cidade de Lisboa sem prévia autorização da P.V.D.E.

p. 21:

A P.V.D.E. informa que libertou os réus, a 1/5/945, conforme os Mandatos de Soltura do T.M.E.

p. 235:

João da Silva, em 16/09/1945, comunica ao director da P.V.D.E. que no fim do mês de Setembro precisa “...de ir ao Porto, para concluir e entregar uma estatua à Universidade daquela cidade.”

p. 236:

Em 20/09/945, o director da P.V.D.E. pergunta ao presidente do T.M.E. se já foi modificada a situação do réu João da Silva.

p. 237:

A 26/09/1945 o T.M.E. responde à P.V.D.E. que “João da Silva, arguido no processo..., foi posto em liberdade mediante termo de residência, por ter sido despronunciado do crime que era acusado por despacho de 27 de Abril do corrente ano.”

Processo Nº 147<sup>9</sup>

Contém 9 folhas:

- **Primeira:** Referente a um individuo de nome João da Silva, nascido em 15-3-926;
- **Segunda:** Requisição do Gabinete Técnico ao Serviço de Ficheiros solicitando a informação que consta sobre João da Silva, datada de 15-6-1966.  
O verso está preenchido e ele consta:  
Informação escrita na margem: Processo nº 3998/S. Inf.; Cadastro 4867/S. Inf.; Processo nº 4950/ .... S. R.; Processo Cr. Nº 804/SPS e nº 178/45; Reg. 147/45; Mud – Lx lista 109.  
Em observações: “Ficha [ilegível] completa” datada de 20-6-66 e rubricada.  
Na margem superior: Republica de 24-10-45, Republica de 10-11-45, Republica de 11-11-45, Di[ário] de Lisboa de 22-10-45, P[rimeir]o de Janeiro de 23-10-45.  
Subscreveu a lista para a apresentação da candidatura do General Norton de Matos.
- **Da terceira à quinta:** Cópia do “Cadastro Político Nº 4867”<sup>10</sup>, de 11 de Abril de 1945

Em 3 de Outubro de 1933 foi “...preso em flagrante delito, quando em sua casa queimava uma porção de manifestos do jornal clandestino *A Verdade*, tendo ainda os agentes...” da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado “...conseguido retirar [de] dentro do forno onde estavam a ser queimados, muitos exemplares que foram transportados para a...” Secção Política e Social. Numa busca efectuada em sua casa, aquando da prisão e no atelier, foram encontrados num armário, algumas centenas de vários números do dito jornal. Pelo exposto foi considerado que “...agiu conscientemente...” – Processo nº 804.

Em 23 de Outubro de 1933 a Secção Política e Social da P.V.D.E. enviou o respectivo processo ao Tribunal Militar Especial para João da Silva ser submetido a julgamento – Ofício 1102.

Em 24 de Outubro de 1933 a delegação da P.V.D.E., no Porto pede que o escultor seja enviado para aquela cidade “...afim de ser ouvido em auto, por ter de fazer parte de um processo que ali está a ser organizado....” – Ofício confidencial nº 68 da delegação do Porto.

Em 26 de Outubro de 1933 a P.V.D.E. pede ao Tribunal Militar Especial a devolução do processo nº 804, em que é arguido, devido a novas diligências referentes ao mesmo, por processo a decorrer no Porto. – Ofício Nº 451, o qual é devolvido no dia seguinte – Ofício nº 451 do T.M.E.

Em 6 de Novembro de 1933 João da Silva é “... enviado à Delegação da P.V.D.E. no Porto...”, acompanhado com o respectivo processo – Ofício nº 1127.

O escultor é “... ouvido em auto ... por estar comprometido na distribuição do jornal clandestino *A Verdade*,” nada mais acrescentando ao que contava nos autos da Secção de Lisboa.” – Processo 199 da delegação do Porto.

<sup>9</sup> Carimbo da P.I.D.E., Serviço de Segurança, Secção Central, Gabinete Técnico.

<sup>10</sup> Autenticada pelo chefe dos Serviços de Informação e Ligação. Folhas carimbadas e rubricadas pela Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, S.I.L.

Em 19 de Novembro de 1933 “... vindo do Porto, embarcou em Peniche com destino a Angra do Heroísmo, afim de dar entrada na Fortaleza de São João Batista.”

Em 24 de Fevereiro de “... foi despronunciado no Tribunal Militar Especial, pelo processo Nº 804 ...” – Ofício Nº 265, de 26-2-934, do Tribunal Militar Especial.

Em 1 de Agosto de 1934 “... foi restituído à liberdade, em Angra do Heroísmo, por ter sido despronunciado no Tribunal, pelo processo Nº 199, da Delegação do Porto.” - Ofício Nº 4115/934, de 9-8-934, da Directoria desta Polícia.

- **Sexta e sétima:** Informação do Secretário Geral, de 11 de Abril de 1945<sup>11</sup>:

A 31 de Janeiro de 1945 foi preso, em sua casa, por existir na P.V.D.E. “... a informação de que faz parte do “Comité Nacional de Unidade Anti-Fascista” e o seu nome figurado numa lista de Delegados que deveriam representar aquele Comité, numa reunião em conjunto com os Delegados de igual Comité existente em Espanha.”

Em busca à sua residência foram “... apreendidos exemplares de diversos manifestos e jornais clandestinos, editados pelos “Comité Militar de Libertação Nacional”, Comité Nacional de Unidade Anti-fascista e “Partido Comunista Português”, bem como os Estatutos dactilografados da “Constituição Política da U.R.S.S.”, diversos apontamentos transcrevendo períodos de emissões radiofónicas estrangeiras atacando a obra realizada por Sua Excelência o Senhor Presidente do Conselho e a Actual Situação Política do Paiz, para comentar e divulgar, assim como 8 fôlhas dactilografadas da autoria de um seu correligionário, cujo nome indicou, e se encontra preso, com anotações e correcções feitas pelo seu punho, nas quais é especialmente visado Sua Excelência o Senhor Presidente do Conselho.”

Dizem ter assinado sem qualquer coacção o auto de Busca e Apreensão, “...pois assistiu de perto ao seu achado no meio dos seus outros papéis. ...

Pretendeu ser hábil nos interrogatórios a que foi submetido, para não se comprometer nas respostas ... e só depois da história de todo o seu passado político, bem conhecido desta Polícia, foi possível obter-se qualquer coisa de concreto acerca das suas ligações e actividade actual, e a confissão sobre a origem e fim a que se destinavam alguns documentos de caracter subversivo que em seu poder foram encontrados. ...”

Para apreciação do passado político de João da Silva dizem juntar uma cópia do seu cadastro e cópia da parte que lhe é correspondente no relatório do processo das averiguações e enviado ao T.M.E.

- **Oitava e nona:** Cópia do Relatório do inspector<sup>12</sup>, na parte respeitante a João da Silva, escultor, de 10 de Abril de 1945:

Nega fazer parte do Comité Nacional de Unidade Anti-Fascista e de ser seu delegado junto do comité, similar em Espanha, apesar da P.V.D.E. ter conhecimento de que o seu nome foi indicado para o representar em reunião de delegados a efectuar no país vizinho.

Nega ter “... mantido relações políticas ou revolucionárias com o ex-oficial de Marinha, Sebastião José da Costa, com quem considera ter “relações ligeiras”, apesar de possuir o seu número de telefone e aquele lhe ter feito várias visitas, ...”.

“Confessa-se, ... adversário da actual Situação Política do Paiz o que aliaz não constitui novidade, pois já esteve preso e deportado ... por ter sido detido em flagrante delicto, quando queimava uma grande porção de exemplares do jornal clandestino *A Verdade*, para evitar que os mesmos fossem apreendidos por esta Polícia.”

<sup>11</sup> Em papel azul, timbrado da R. P. e da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado.

<sup>12</sup> Autenticada e assinada pelo Secretário Geral no dia seguinte.



Confessa ... ter efectuado correcções e anotações em 8 folhas de papel dactilografado, que foram apreendidas e se encontram anexas aos autos, a fls. , com “ataque cerrado” à actual Situação Política e aos seus dirigentes, nomeadamente a Salazar. Documento que lhe tinha sido entregue pelo seu autor, o pintor José Joaquim Ramos, ex-Tenente Coronel do Estado Maior e no qual, por sua iniciativa, fez anotações e correcções.

Declarou que os manifestos clandestinos de propaganda comunista lhe tinham sido enviados pelo correio ou colocados na caixa do correio,...

A tradução dactilografada da Constituição Política da União das Republicas Socialistas Soviéticas, tinha-lhe sido enviada por correio, sem remetente e com nota informativa de ter sido traduzida do livro *L' R.R.S.S. et Le Monde*. A polícia não acredita que não tivesse remetente. Diz ter guardado o documento por curiosidade.

Em três pedaços de papel tomava nota, a lápis, de emissões radiofónicas que criticavam a situação política de Portugal. Posteriormente comentava essas informações com os filhos e amigos que o visitavam, reprovando ou aprovando as críticas efectuadas.

“...Atravez do seu auto, verifica-se um desejo flagrante de se esquivar a responsabilidades, tentando encobrir a sua actividade em matéria de ligações e propaganda, com os seu afazeres profissionais e à vida regrada a que os mesmos o obrigavam, quando afinal se verificou pelas suas próprias declarações que não tinha necessidade de sair de casa para exercer essa actividade de ligação e de propaganda, tudo indicando ser em sua casa que as reuniões se efectuavam, pela esplendida situação da mesma e mascaradas com o pretexto de visitas aos seus trabalhos.”

**Abreviaturas:**

IAN/TT - Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo

Inf. – Informação

MUD – Movimento de Unidade Democrática

p. – página

P.I.D.E. - Polícia Internacional de Defesa do Estado

P.V.D.E. - S.I.L. - Serviços de Informação e Ligação, da P.V.D.E.

Reg. – Registo

R.P. – Republica Portuguesa

T.M.E. – Tribunal Militar Especial

v. - verso

São Pedro de Muel 10 de Agosto de 1956

João da Silva Estimado Amigo

Recebi o I.º caderno da "Antologia Sociológica" escrita e editada por seu cunhado António Sergio. Quem me teria enviado? Acabei por pensar que teria sido o meu Amigo e, se assim foi, agradeço-lhe a feliz lembrança. Com alguma dificuldade e com ajuda de uma pequena lente suplementar e também com interrupções para descanso da vista, consegui lê-lo, com muito interesse e satisfação. Admiro no seu Cunhado, além da forma clara, precisa, lógica, ao alcance de todos que, como eu, não possuem a preparação necessária para julgar as suas qualidades literárias, admiro e invejo a sua energia, o seu espírito de combatente cheio de "FÉ" e de Coragem. Se outros houvera de tal calibre, outro galo nos cantaria! Estou muitíssimo longe de ser um político o que não quer dizer que não me interesse por ela, mas esse interesse é apenas de ordem sentimental, contudo de tal modo enraizado que me atira para regiões muito extremistas, embora às cegas; aceito a censura. Serei, bem no fundo, um Anarquista, isto é, um indivíduo capaz de viver em absoluta Liberdade cumprindo lealmente as difíceis exigências de tal regime, sabendo, porém, quanto essa sublime doutrina é irrealizável com o "HOMEM" actual. Incoerência? Talvez; no meu espírito não. Como já disse acima, sou um sentimental, apenas com ligeiríssimas predisposições para entrar, sem pretensões, no terreno das coisas práticas em política.

Quando me decidi a escrever-lhe hoje era, principalmente, para lhe perguntar, no caso do Caderno ter sido enviado por si, se esta publicação se faz por assinatura e a quem devo dirigir-me para esse efeito. É natural que seu Cunhado deva ser idemenisado, pelo menos, das despesas feitas. Sem querer fui levado para uma conversa "perigosa" para si que tem o seu tempo tomado, para mim agradável, pois passo aqui os dias muito aborrecido e esta diversão, não só me distrai como me dá o prazer de falar consigo. Volto, por conseguinte ao assunto.

Nestas controversias políticas que se ouvem nas telefonis, es lêem nos jornais etc. andam sempre na baila, uns palavrões, tais como: DEMOCRACIA, LIBERDADE, PATRIOTISMO etc. etc. sem previamente, se darem o cuidado de os definir ou, pelo menos nos dizerem onde essas coisas existem na prática. É na Inglaterra, na América, na França.....que estas coisas são verdades? Qual é a diferença entre um pobre diabo de qualquer destes países e outro pobre diabo da Rússia? ou da China ou de qualquer outro País comunista? Pelo menos estes últimos "TEÓRICAMENTE" ou não seriam "COMUNISTAS" vivem em melhores condições "legais" do que os outros. A "Civilização" em que muito se fala, assenta em várias características, em qualauer País, e no seu respectivo desenvolvimento: Artes, Ciências, Industrias etc. etc. etc... não esquecendo MORAL, RELIGIÃO, ... Será isto o bastante para se poder afirmar que esta Nação é superior aquela? Não creio. A cima, isto é, além das inegáveis vantagens, que o apuramento, cada vês maior, dessas vitórias do espírito humano tem creado à "HUMANIDADE" e acima, repito, deve estar e deve ser : A SUA DISTRIBUI-

BUIÇÃO". E é isso que se vê que não está à frente do programa das discussões políticas dos Países do Ocidente. Discute-se com magníficos argumentos a "DITADURA" mas escurece-se o emprego dela, e o seu emprego é que importa. Olha-se e critica-se "O MEIO" quando se deveria olhar, principalmente, "O FIM". O próprio "ESPÍRITO" morre ou pelo menos, deixa de se manifestar, se o "CORPO" se não alimentar. As Democracias, taes como nós as conhecemos, dizem aos esfomeados que esperem com paciência, pois um dia terão possibilidade de comer o que necessitam: "NA TERRA". O mesmo lhes diz a igreja, só com a diferença de ser "NO CÉU". Ora, há algum Paiz onde o problema, assim posto, tenha começo de execução no Ocidente? Não há. Todas as riquezas produzidas pelas descobertas científicas aplicadas às indústrias, etc. vão cair nos bolsos dos magnates do CAPITALISMO "DEMOCRÁTICO". Quando a venda baixa, aparece o salvador "DESEMPREGO" que a Democracia até hoje não tem podido evitar, e o TRABALHADOR fica ao desamparo ou "RECEBE UMA ESMOLA". Também vale a pena pensar um pouco na tal "LIBERDADE" que toda a gente deseja, com razão, sem se dar ao trabalho de procurar saber para que ela pode servir. Imagine, caro João da Silva, uma Sociedade composta de "GATOS, CÃES e RATOS". Embora os "RATOS" sejam, em regra, em maior número pergunte-lhes se eles desejam uma ampla "LIBERDADE" e que uso fariam os seus concidadãos dessa "LIBERDADE"? Exactamente o mesmo que fazem os SENHORES das Pseudo-Democracias espalhadas pelo Mundo: os "CÃES" exploram os "GATOS" e estes comem os Ratos; em resumo a "LIBERDADE" só é útil aos que estão por cima; os "RATOS" serão sempre as vítimas. É evidente que me refiro à "LIBERDADE" tal como a há nos locais onde se diz que ela existe!

Gostaria de ver e de ouvir uma discussão onde se tratasse sinceramente e inteligentemente, como se num laboratório científico se tratasse de descobrir uma verdade, de estudar e comparar o que passa nos Países ditos comunistas e democraticos em várias matérias: Família, Habitação, Alimentação, Educação, Emprego Garantia de Trabalho, Escolha de Profissão, Problema Sexual, Doença, Invalidês etc. etc. A "REVOLUÇÃO" a "GRANDE" só assim me interessa. A do "UM PÃO PARA CADA BOCA e UMA ENCHADA PARA CADA BRAÇO" como se uma só não fosse já bastante em alguns casos até de mais, cheira-me a sopa azeda e requentada. Estou com dó de si Amigo João da Silva. Tenho esperança de que não tenha aguentado esta estopada só duma vez. Vou terminar, e já não é sem tempo, fazendo um pequeno resumo desta trapalhada: Baseado só no meu sentimentalismo suponho que é no Oriente (Russia China...) que se está preparando a futura "DEMOCRACIA". O "HOMEM PERFEITO" se alguma vez fôr possível no Mundo, é dali que virá. Os extremos tocam-se. O caso português é especial e só nosso. Se fôr possível vence-lo tanto melhor, mas... duvido.

Isto foi escrito "ao correr da pena"; por essa razão e ainda por outras, ainda mais graves, deve ir por aqui muito "gato", tanto gramatical como gráfico; deixo à sua Amizade o favor de corrigir, se tiver pachorra para isso, o que desde já agradeço.

Por cá um mau tempo terrível; chuva e frio! Saude boa, o diabo seja surdo!

Afectuosos cumprimentos nossos para Senhora D. Pilar para si e para seu Filhos. na próxima quinta feira.

Abraça-o o seu muito grato Amigo

António (António) Silva

## Breve caracterização de catorze museus dedicados a artistas em Portugal

### Casa Dorita de Castel-Branco

Natural de Lisboa, Maria das Dores Caldeira Castel-Branco (1936-1996) frequentou a Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, a École Supérieur de Beaux-Arts e a Académie du Feu de Paris. Em 1965 iniciou as exposições individuais e destacou-se em escultura, medalhística, numismática, tapeçaria e desenho. Os seus trabalhos espalham-se por vários países, espaços públicos e museus.

Em 1995, na sequência da exposição individual efectuada pela Câmara Municipal de Sintra, na Galeria de Arte de Fitares, na Rinchoa, a artista faz doação ao Município da obra exposta. Esta decisão está directamente relacionada com a amizade que ligava a Doutora Edite Estrela, então Presidente da Câmara de Sintra e a artista, ainda que não nos tenha sido possível confirmar se a doação foi proposta pela edilidade ou pela escultora, que à época já se encontrava bastante debilitada fisicamente.

O contrato de doação entre as duas partes concretiza-se no ano seguinte, ficando a Câmara com a incumbência de ter em exposição permanente, no perímetro da vila de Sintra, com o acervo entregue<sup>1</sup> pela artista.

Numa primeira fase, foi decidido expor as peças doadas, que constituem apenas uma pequena parte da obra da artista, no Palácio da Regaleira, onde esteve até recentemente. Actualmente, a colecção aguarda o restauro e adaptação a museu de uma das casas de habitação pombalinas, já adquiridas pela edilidade e que se situa perto do Museu Anjos Teixeira, na área do Rio do Porto, próximo da Volta do Duche.

Com a abertura de mais um núcleo museológico na Azinhaga das Sardinha, a Câmara Municipal de Sintra além de aumentar a oferta de equipamentos culturais, dinamiza uma zona de grande beleza paisagística, que tem passado um pouco despercebida e valoriza ainda mais Sintra, enquanto património mundial.

---

<sup>1</sup> No Artigo 6º do contrato ficou definido que a Câmara se obriga a "...expor o acervo de bens que integram a presente doação e outros que, eventualmente, no futuro, a doadora lhe venha a fazer, num imóvel sito em Sintra, que reúna condições não só de dignidade histórico-cultural, como de aptidão física, estética e de espaço. Tal imóvel terá a denominação Casa da Dorita."

### **Casa-Museu Abel Salazar**

Abel Salazar (1889-1946) destacou-se não como médico, cientista, pedagogo pintor e escultor.

Durante mais de 30 anos viveu em São Mamede de Infesta, no concelho de Matosinhos, na casa que abriu ao público em 1950 com exposição das suas obras de arte. Este facto deveu-se à criação da Fundação Abel Salazar em 1946, de iniciativa de um grupo de amigos liderados pelo Prof. Alberto Saavedra, como forma de homenagear e evocar a sua memória.

Em 1965, pós a morte da esposa de Abel Salazar, a casa e o recheio foi adquirido pela Fundação Calouste Gulbenkian, o mesmo acontecendo em 1971 à colecção de obras do artista, propriedade da irmã, entretanto são feitas obras de restauro e remodelação do conjunto edificado de forma a adaptá-la a casa-museu, organizando-a em duas áreas:

- No primeiro andar da casa de habitação é mantido o ambiente vivido pelo artista homenageado, em algumas salas;
- Nas galerias de exposição no rés-do-chão da habitação e em edificio anexo, construído pela F.C.G. figuram as obras do artista.

Em 1975 é efectuada doação do conjunto à Universidade do Porto, ano em que a casa-museu reabre ao público totalmente remodelada.

### **Casa-Museu Francisco dos Santos**

Francisco dos Santos (1878-1930) frequentou em a École des Beaux-Arts, antes de estagiar em Roma e depois de fazer o curso da Escola de Belas Artes de Lisboa. Destacou-se desde cedo pelas suas qualidades e no início do século XX tornou-se um dos maiores artistas portugueses, com especial destaque na estatuária, a quem deu um acento de modernidade. São numerosas as obras de sua autoria dispersas por praças e jardins de Portugal, bem como em museus e colecções particulares. Este artista, que começou nas escolas da Casa Pia de Lisboa<sup>2</sup>, para além da escultura também se dedicou à pintura onde foi influenciado pelos impressionistas.

A ideia de criar uma casa-museu dedicada a Francisco Franco surge pela mão da Junta de Freguesia de Rio de Mouro, no ano de 2000, uma vez que na localidade de Paiões ainda

---

<sup>2</sup> Por incapacidade económica da mãe, viúva, para continuar a proporcionar estudos ao filho, em finais de 1885, solicita através do prior local que o filho seja aceite na Casa Pia.

hoje existe, apesar do abandono em que se encontra, a humilde habitação onde o artista nasceu e viveu até aos sete anos.

Considerando que, a exemplo do que aconteceu com outras personalidades da cultura nacional no concelho de Sintra, se deveria recuperar a memória deste artista, a Junta de Freguesia manifestou o seu interesse e preocupação, face ao avançado estado de degradação da pequena habitação, e propôs em a sua recuperação<sup>3</sup>.

Actualmente o projecto está a cargo do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Sintra.

Este é um dos exemplos de novos espaços musealizados que estão em andamento com o objectivo de homenagear mais um dos nossos artistas e que proporciona existência de um novo pólo de dinamização cultural.

### **Casa-Museu Leal da Câmara**

Tomás Júlio Leal da Câmara (1876-1948) nasceu em Pangin, Vila Nova de Gaia, na segunda metade do século XIX e iniciou-se aos 19 anos no jornalismo como colaborador em diversos jornais e revistas, onde se destaca pelos desenhos que ridicularizavam as figuras públicas da época, críticas que o levaram ao exílio<sup>4</sup>, primeiro em Madrid<sup>5</sup> e depois a Paris, por altura da Exposição Universal. Cidade onde desenvolverá as suas capacidades e consegue conquistar um lugar especial no meio artístico<sup>6</sup>.

Republicano por convicção, regressa a Portugal, depois da implantação da República mas, depressa se desilude com a situação que se vive e em 1913 volta para Paris, onde permanecerá cerca de três anos quando, na sequência da Guerra, decide fixar-se em Leça da Palmeira e leccionar nas escolas nortenhas de Desenho Industrial, além colaborar em vários periódicos, bem como publicar um livro, entre outras.

Em 1920 transfere-se para Lisboa, onde continua a ensinar, na Escola Industrial de Fonseca Benevides e a colaborar em várias revistas e jornais. Para a Exposição Internacional do Rio de Janeiro, em 1922, é incumbido de organizar e decorar o Pavilhão de Portugal.

---

<sup>3</sup> ALVES, Teresa Marques, 2001, Um dos maiores artistas portugueses do início do século XX: Francisco dos Santos, in Cantinho da Região, Jornal da Região – Sintra Ocidental, 8/5/2001.

<sup>4</sup> Esteve ausente, fugido a um mandato de captura entre 1898 e 1910.

<sup>5</sup> Entre 1898 e 1900 ali vive e trabalha para várias revistas.

<sup>6</sup> A sua actuação foi multifacetada pois, para além colaborar em diversos periódicos, com desenhos e caricaturas expôs em diversas galerias.

Data de 1923, na sequência de passeio «fora de portas»<sup>7</sup>, a aquisição na Rinchoa de uma casa simples com pequeno quintal, que transformará e adaptará, «sem lhe roubar o ar saloio» e onde residirá nos últimos anos de vida, com a esposa, desde 1930, numa dedicação cada vez maior ao registo das vivências da população rural onde se insere.

A casa vai ser dividida em duas zonas distintas: área de residência, privada; área semi-pública onde tem o atelier, expõe as suas obras e convive com os amigos.

Em 1942, Câmara Leal, manda construir uma sala de grandes dimensões e anexos para exposição permanente de trabalhos seus e atelier. Na sequência de algumas exposições públicas sobre os “salaios” ao longo de 1943 e 44 decide abrir ao público o seu “Atelier-Museu”.

Efectivamente, em 1945 transforma, ele mesmo o espaço onde vive em atelier e museu (inaugurado a 16 de Setembro), como quem quer “...oferecer a todos a possibilidade de descobrirem e pensarem o mundo por ele visto e registado.”<sup>8</sup>. Desta forma permitia que, para além dos amigos, também a população local, os curiosos e os admiradores pudessem apreciar a sua obra.

A doação à Câmara Municipal de Sintra da casa e de grande parte do espólio, tem lugar, através de escrituras efectuadas em 1956 e 1965, por decisão de D. Júlia de Azevedo, viúva do artista.

O edifício que acolhe a casa-museu foi sucessivamente alterado, pelas várias ampliações e remodelações efectuadas, tanto pelo artista como pela Câmara Municipal de Sintra. Após obras de beneficiação o imóvel abria ao público em 1965. Aquando do centenário do nascimento de Câmara Leal (1976) sofre novas obras parciais de restauro e o acervo foi arrumado segundo uma concepção museológica, para facilitar a leitura do espaço. Entre 1991 e 93 encerrou para obras de restauro integral do edifício e adaptação dos espaços, assumindo desde então a estrutura actual.

Para além de divulgar a obra de Leal da Câmara a instituição pretende ser um pólo de dinamização cultural na região num contexto museológico que se quer “vivo” e inclua o espaço envolvente ao museu nas diversas actividades lúdico-culturais que desenvolve.

### **Casa-Museu Manuel Ribeiro de Pavia**

O pintor Manuel Ribeiro de Pavia (1910-1957), que se distinguiu no movimento pós-modernista, tem uma casa museu dedicada à sua obra na vila alentejana onde nasceu, Pavia,

---

<sup>7</sup> RIBEIRO, Aquilino, 1950, Leal da Câmara: vida e obra, Lisboa, Bertrand, p.108.

<sup>8</sup> Elvio de Sousa, 20??, Casa-Museu de Leal da Câmara, .

no concelho de Mora. Esta encontra-se instalada num edifício de arquitectura tradicional na região, semelhante e próximo daquela onde nasceu.

Neste espaço encontram-se peças de artesanato local, originais e reproduções de pinturas e desenhos do artista, além de exemplares dos muitos livros que ilustrou.

A Casa Museu Manuel Ribeiro de Pavia foi inaugurada em 1984, depois de obras para adaptação do edifício à nova função, com o apoio da Câmara Municipal de Mora, Junta de Freguesia de Pavia e a colaboração de amigos do pintor com o objectivo de “perpetuar” o espólio artístico na terra natal e divulgar a sua obra com exposições, publicações, conferências e dinamização de iniciativas ligadas às artes. Para isso criou três núcleos: a Biblioteca com obras referentes ao artista, a Documentação (com reproduções de obras e tratamento de toda a informação sobre o pintor) e o Museu que expõe o acervo e peças cedidas temporariamente.

### **Casa-Museu Roque Gameiro**

Nos anos 60 do século XX a Câmara Municipal da Amadora adquiriu o edifício na sede de concelho onde tinha residido o pintor Alfredo Roque Gameiro (1864-1935), na sequência da pressão da opinião pública pelo interesse na salvaguarda do edifício, que devido ao crescimento urbano se podia perder.

Este abriu ao público após a aquisição como núcleo museológico de arqueologia, encerrando pouco depois para reabrir em 1974 como espaço de “evocação do pintor” e com a designação de Casa-Museu Roque Gameiro e exposição de algumas ilustrações do pintor e obras de outros artistas.

Encerrou de novo para reabrir com galeria de exposições temporária e evocação do pintor.

### **Casa-Museu Teixeira Lopes**

António Teixeira Lopes (1866-1942) frequentou a Academia de Belas Artes no Porto e concluiu os seus estudos em Paris, onde obtém vários prémios no Salon e na Exposição Universal de 1900. De regresso é nomeado professor de escultura na Academia onde fora aluno e torna-se num dos mais importantes artistas portugueses.

Em finais do século XIX inicia a construção da sua casa e atelier em Vila Nova de Gaia (sede do concelho onde nascera), com o projecto de autoria de seu irmão, José Teixeira Lopes. É neste local que residirá entre 1909 e os inícios da década de 30.



Em 18 de Março de 1933, aos 67 anos o mestre escultor Teixeira Lopes doa a sua residência, local de trabalho e respectivo recheio à Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, na condição das colecções não serem alienadas,<sup>9</sup>. O acervo era constituído por quase todos os originais da sua obra (em gesso, mármore, bronze e desenhos) e importante colecção de pintura com obras de Rodin, Gustavo Dure, Jean Pilleman, Vieira Portuense, Domingos Sequeira, Malhoa, Veloso Salgado, António Carneiro, Acácio Lino, entre outros, além de faiança, tapeçaria e mobiliário.

Abre ao público em 1942 com o objectivo de «dar a conhecer o nome de Teixeira Lopes e de artistas seus contemporâneos»<sup>10</sup>

O conjunto Arquitectónico já tinha sido edificado com o objectivo de constituir casa-museu e está organizada em duas áreas:

- Casa de residência onde se evoca a vivência doméstica e privada;
- Galeria de arte, em edifício anexo onde se apresentam obras do autor.

Em 1975 junta-se neste espaço a colecção<sup>11</sup> do escultor, museólogo, crítico e historiador de arte Diogo de Macedo, adquirida pela Câmara Municipal em 1971 e exposta nas galerias.

Esta instituição desenvolve igualmente animação cultural, divulga jovens artistas, faz exposições sobre artistas contemporâneos do escultor, apoia e colabora com associações que a contactem.

### **Casa-Oficina António Carneiro**

António Carneiro (1872-1930) nasceu em Amarante, mas foi um dos pintores do Porto, além de professor da Escola de Belas Artes daquela cidade e director artístico da revista *A Águia*.

Na sequência da aquisição aos herdeiros dos edifícios e de parte do espólio do artista, entre meados da década de 60 e 1973, a Câmara Municipal do Porto abriu ao público o espaço dedicado a António Carneiro com a exposição de alguns materiais no seu atelier, objectos

---

<sup>9</sup> “o que poderá revelar a vontade que Teixeira Lopes tinha em perpetuar a sua memória num património indiviso”, uma vez que o escultor não tinha descendentes directos. MARTINS, Ana Margarida de Castro Lopes, 1997, *Casa museu em Portugal: modelos de organização e conceito*, Dissertação de Mestrado em Museologia e Património, Universidade Nova de Lisboa, p.27.

<sup>10</sup> SANTOS, Alice, jornal *o Público* de 3 de Dezembro de 1996, p.46.

<sup>11</sup> Constituída essencialmente por pintura e escultura modernista, além da obra em escultura, desenhos, aguarelas e guaches do artista. In *Casa Museu Teixeira Lopes, Galerias Diogo de Macedo*, folheto, s.d., s.l.

personais e grande parte do seu trabalho que tinha sido feito naquele espaço, de que se destacam os desenhos, óleos, aguarelas e sanguíneas.

O interesse da Câmara por este espólio surge na sequência de um movimento que se fazia sentir na cidade do Porto na década de 40 para a musealização de espaços e por referência directa do pintor Joaquim Lopes sobre o interesse de musealizar o atelier do pintor.

Em 1991 o neto do artista, o músico Cláudio Carneiro doa mais espólio do avô e pretende-se reconstituir os ateliers de António Carneiro, Carlos Carneiro e fazer referência ao músico.

Entretanto encerrou para obras de remodelação, reabrindo temporariamente entre Abril e Dezembro de 2001.

### **Museu Anjos Teixeira<sup>12</sup>**

Pedro Augusto Franco dos Anjos Teixeira (1908-1997) faz doação, em 24 de Setembro de 1974<sup>13</sup>, de todo o seu espólio e ainda de boa parte das obras de seu pai, Artur Gaspar dos Anjos Teixeira (1880-1935).

O conceituado escultor, que também foi desenhador, aguarelista, caricaturista, ilustrador e músico, fez esta doação à Câmara Municipal de Sintra, com a finalidade de ser criado um museu dos escultores, homenageando as suas memórias e garantindo a preservação do espólio daqueles artistas, cujos percursos de vida estiveram ligados ao concelho.

A Câmara Municipal de Sintra, ficara assim com a incumbência de “...zelar e perpetuar a imagem e a obra dos dois escultores, assegurando, a partir daí a correcta conservação e necessária divulgação dos espólios que passou a tutelar.”<sup>14</sup>

Em 27 de Agosto de 1977 abre ao público com exposição de obras e documentação dos escultores, Anjos Teixeira (Pai) e Anjos Teixeira (Filho)<sup>15</sup>, um edifício da Câmara Municipal, sito na Azinhaga das Sardinhas (perto da Volta do Duche), que no início do século XX fora um azenha e mais tarde serração de pedra (aproveitando as águas do Rio do Porto).

Entre 1982 e 1985 encerra para obras de restauro, remodelação e ampliação que permitissem cumprir uma das cláusulas definidas aquando da doação, segundo a qual o Mestre Anjos Teixeira (Filho) devia ter a sua habitação e atelier vitalício naquele espaço<sup>16</sup>.

<sup>12</sup> Entre 1976 e 1997 teve a denominação de Casa-Museu Atelier Anjos Teixeira.

<sup>13</sup> Pedro Anjos Teixeira e seus irmãos doaram, posteriormente, pequenos acervos documentais.

<sup>14</sup> SOUSA, Elvio de, [1997], ?, p.2.

<sup>15</sup> Além de escultor, destacou-se ainda como professor, músico e jornalista.

<sup>16</sup> Entre 1982 e 1997 (data da sua morte), viveu no primeiro andar do edifício numa área que incluía sala, quarto, cozinha e W.C.

Entre meados da década de 80 e 1997 ali viveu, trabalhou e leccionou aulas de escultura, além de acompanhar os visitantes na descoberta da sua obra e de seu pai, actividade que dinamizou este espaço museológico, tornando-o vivo e de excepcional interesse para todos os que apreciavam a escultura contemporânea.

À data da sua morte era visível uma concepção museal "...muito pesada, por completo preenchida, em que todos os espaços, por mais exíguos que sejam, são aproveitados para exposição de obras. O artista ficava rodeado, na prática, pela quase "totalidade" dos seus trabalhos – entre mármore, bronzes, gessos (modelos) e/ou respectivos esboços, desenhos e estudos. As peças, por seu lado, espalham-se ainda ordenadamente, diga-se, pelas paredes, peanhas, vãos, recantos e vitrinas, levando a que muito pouca área sobeje para a circulação e admiração adequada das obras expostas."<sup>17</sup>

Actualmente, a responsável pelo Museu, Dr<sup>a</sup> Isabel de Lima, que luta com manifesta exiguidade do espaço para expor e para depósitos, procura conciliar o acervo com as dimensões do edifício, ao mesmo tempo que cuida da valorização do seu enquadramento paisagístico e da maior divulgação do museu que se encontra num contexto privilegiado porquanto este se integra numa área considerada Património Mundial.

### **Museu Arpad Szenes - Vieira da Silva**

Este museu está localizado na Praça das Amoreiras, 56-58, em zona histórica de Lisboa (perto da casa em que o casal tinha), junto ao Reservatório da Mãe de Água do aqueduto de Lisboa e é tutelado pela fundação criada em 1990 para "...promover a divulgação e o estudo da obra de Arpad-Szenes e de Maria Helena Vieira da Silva..."<sup>18</sup>. A ideia começa a ser delineada pela pintora e algumas personalidades da cultura portuguesa em 1985.

O museu, que apresenta exposições em sistema de planta aberta e de salas tradicionais, encontra-se instalado num edifício dos séculos XVIII-XIX, onde funcionou a Real Fábrica de Tecidos de Seda, o qual foi recuperado e adaptado com base no projecto dos arquitectos José Sommer Ribeiro e Richard Clarke, entre 1990 e 1991.

Para homenagear o casal de artistas a Fundação criou o museu e um centro de documentação e investigação sobre o seu trabalho. Além de efectuar exposições, cursos,

---

<sup>17</sup> Idem, *Ibidem*, p.6.

<sup>18</sup> BARRANHA, Helena Silva, 2001, *Museus e arte moderna*, idem, Anexo 18.

colóquios, conferências, publicações e outras manifestações que contribuam para o desenvolvimento da arte contemporânea, da cultura e da educação artística.

A colecção permanente abrange um período significativo dos artistas. De 1911 a 1985 para Arpad Szenes e de 1926 a 1986 no que diz respeito a Maria Helena Vieira da Silva.

Para além da doação efectuada pela artista acrescentaram-se ao acervo as obras adquiridas pela Associação dos Amigos da Fundação, bem como os depósitos de obras efectuados por parte da C.A.M.J.A.P., pelo Metropolitano de Lisboa e por coleccionadores particulares.

Além das obras expostas permanentemente (70 a 80), e que constituem apenas 5% do acervo, são efectuadas exposições temporárias e temáticas para mostrar os restantes trabalhos. A exposição “permanente” é alterada todos os anos, variando o local de exposição da maior parte das obras e substituindo-se algumas das peças.

Nas exposições temporárias são apresentados trabalhos de artistas que conviveram com os homenageados.

### **Museu Joaquim Correia**

Joaquim Correia, escultor, professor e director da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa e mais tarde na Universidade Autónoma de Lisboa, além de organizador do Museu Nacional do Vidro, nasceu na Marinha Grande em 1920 onde foi criado um museu que, desde 1997<sup>19</sup>, expõe uma parte da sua obra.

A ideia partiu do presidente da Câmara, Álvaro Neto Órfão, na sequência de uma exposição em homenagem ao artista, que ocorreu na Marinha Grande em 1996, com uma mostra da sua obra e inauguração do *Orfeu*, em bronze. No ano seguinte era inaugurado o Museu Joaquim Correia como forma do concelho “perenizar...o Homem e o Artista.”<sup>20</sup>, filho da terra que a ela continua ligado por fortes laços. Para isso muito contribuiu o Mestre e a sua família com a doação das peças que constituem o acervo do museu: cento e catorze peças entre esculturas, desenhos e aquarelas, baixos-relevos, maquetas de estátuas, medalhas, gravuras, litografias e bustos (retratos).

O museu foi instalado num edifício do século XIX, construído pela família de um industrial vidreiro, Santos Barbosa, constituído por rés-do-chão e primeiro andar (espaço

---

<sup>19</sup> Poucos meses após a inauguração encerrou para obras urgentes devido aos estragos provocados pelo Inverno, reabrindo em 1998.

<sup>20</sup> ORFÃO, Álvaro Neto, [1997], Museu Joaquim Correia, folheto de divulgação, s.l., s.n..

destinado a exposição). As adaptações necessárias às novas funções foram feitas por um arquitecto da Câmara Municipal e actualmente o espaço de exposição tende a crescer para o pátio existente, assim que se faça um bloco para depósito de peças e o arranjo paisagístico.

### **Museu de José Malhoa**

Este museu, criado em 1934 e fundado em Agosto de 1940 por António Montês, com base numa colecção iniciada em 1924 com o pedido de um quadro ao pintor José Malhoa para a sua terra natal, Caldas da Rainha. A esta doação sucedem-se outras pelo mesmo artista, familiares, amigos e outras personalidades. Com a criação da Liga de Amigos do Museu, em 1927, são adquiridas mais obras e junta-se o dinheiro para a construção do edifício. Entretanto, outros artistas, naturalistas e modernistas, contribuem com a oferta de obras de sua autoria como forma de apoio desta iniciativa.

Assim, o acervo é constituído por secções de Pintura, onde se destacam as obras de José Malhoa; de Escultura do ultimo quartel do século XIX e estatuária oficial do século XX, além de cerâmica (sobretudo de Rafael Bordalo Pinheiro), bem como de desenho e Medalhística. As primeiras instalações do museu tiveram lugar num edifício de arrumos de barcos, junto ao lago do Parque D. Carlos I, com a designação de Pavilhão Rainha Dona Leonor e a exposição foi inaugurada em Abril de 1934, após remodelação e ampliação do edifício. Mas, a estrutura actual remonta à ampliação efectuada entre 1950-1955 na sequência de projecto dos arquitectos Paulino Montês e Eugénio Correia

A exposição espalha-se pelas catorze salas do museu, organizadas tematicamente, na cave apresenta a colecção de cerâmica e no parque onde se enquadra encontram-se dispostas diversas esculturas

António Montês procurou criar um pólo de dinamização cultural e artístico na cidade de Caldas da Rainha, a qual funcionava como aglutinador da tradição popular de cerâmica na região, que por si já justificava a existência de um museu.

### **Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso**

Inaugurado em 1947 com a denominação de Biblioteca-Museu Municipal de Amarante, este museu tem como objectivo reunir acervo sobre artistas e escritores nascidos no

concelho, designadamente Amadeo de Souza-Cardos, António Carneiro, Acácio Lino, Teixeira de Pascoais, Agustina Bessa Luís, entre outros. Após obras de remodelação e ampliação reabriu ao público em 1988.

É uma instituição de enquadramento local com núcleos diversificados, em que se destacam as colecções de arte portuguesa do século XX (moderna e contemporânea), além da colecção de História local e arqueologia.

O edifício onde o museu se encontra instalado, Convento Dominicano de São Gonçalo de Amarante, construído entre os séculos XVI e XVIII<sup>21</sup>, foi sendo adaptado às novas funções. Entre 1977 e 1988 foi sujeito a requalificação do conjunto, sob a direcção do arquitecto Alcino Soutinho.

Para além das obras de conservação e restauro das estruturas antigas, adaptação dos interiores às diversas actividades do museu, o museu foi ampliado com a construção de um corpo que separava os claustros, no espaço onde existira antes de ser derrubado no século XIX.

No âmbito da arte portuguesa tem especial destaque Amadeo de Souza-Cardoso e António Carneiro, para além de artistas como Sarah Afonso, Vieira da Silva, Manuel Cargaleiro, entre outros, procurando-se dar uma visão, das diversas gerações de escultores e pintores portugueses que marcaram a vanguarda na arte portuguesa no século XX.

As lacunas existentes neste enquadramento são colmatadas através das exposições temporárias monográficas ou temáticas sobre artistas contemporâneos em actividade, periodicamente apresentadas.

Apesar de ter um núcleo significativo, constituído pelas obras do pintor Amadeo de Souza-Cardoso, não o podemos inserir nos museus monográficos pois, não existiu uma definição prévia do acervo pretendido, e foram sendo aceites as diversas doações, efectuadas ao longo dos anos para além do próprio museu assumir como orientação temática a história local e a arte portuguesa moderna e contemporânea.

A exposição permanente, reorganizada de dois em dois anos, encontra-se no primeiro piso, num espaço de planta aberta, onde painéis amovíveis dividem alguns espaços e servem de expositores de quadros, além de salas de menores dimensões.

O número de peças expostas é elevado<sup>22</sup>, o que provoca alguma interferência na leitura de cada uma delas. As janelas que permitem apreciar o espaço exterior do claustro e da praça são um elemento a juntar à exposição e que em alguns casos podem perturbar a visita ou,

---

<sup>21</sup> A igreja e o claustro estão classificados como Monumento Nacional desde 1910.

<sup>22</sup> Embora apenas esteja exposto cerca de 30% do acervo.

beneficiá-la, isto em função do tipo de visitante, até porque algumas obras estão expostas em espaços exteriores (claustro e em áreas de circulação).

### **Museu Rafael Bordalo Pinheiro**

Este museu teve origem na recolha que, de passatempo passou a aquisição metódica, e se transformou em grande colecção. O poeta Artur Ernesto de Santa Cruz Magalhães, grande admirador de Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905), e responsável por estas aquisições decide mostrá-la e, em 1913, quando constrói a sua vivenda no Campo Grande reserva, desde logo, três salas para expor a colecção aos amigos.

Ao aumento da colecção e das salas de exposição juntou-se, em 1920, o *Grupo de Amigos e defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro*, grande responsável pela criação de um museu público, com a doação do acervo e da casa à Câmara Municipal de Lisboa em 2 de Julho de 1924<sup>23</sup>.

A inauguração decorreu nesse mesmo mês, no dia 26, embora tenha encerrado pouco tempo depois para obras de remodelação e elaboração de catálogo, reabrindo em Abril de 1926.

O acervo do museu foi crescendo e diversificando-se com as doações de amigos e familiares e, entretanto, foi criada uma sala dedicada a Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, filho e continuador do artista.

No início dos anos noventa, depois do edifício ter sido sujeito a obras de beneficiação foi montada uma nova exposição, com as peças organizadas pelas diferentes áreas artísticas a que Rafael Bordalo Pinheiro se dedicou: Aguarelas, desenhos e óleos; caricaturas do quotidiano artístico, político e social; produção de cerâmica da Fábrica de Faiança das Caldas da Rainha<sup>24</sup>.

Actualmente o Museu encontra-se encerrado para obras de restauro.

---

<sup>23</sup> A primeira versão de proposta de doação é de Março de 1922. MOITA, Irisalva, [1991], Guia do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, Lisboa, C.M.L., p.3.

<sup>24</sup> Idem, ibidem, p.8.

# Na Casa-Museu Mestre João da Silva aconteceu                      acontece                      acontecerá

Rua Tenente Raul Cascais, 11 R/c 1250 Lisboa T. 3961396 Ano 1 nº2 12/98

Museu                      Galeria de Exposições                      Biblioteca                      Jardim

Todos os dias das 14.00 horas às 18.00 horas                      Encerrado 5ª Feiras

“ Se servistes a Pátria, que vos foi ingrata, vos fizestes o que deviés, ela, o que costuma.”

Pc. António  
Vieira

Não custa dar um pouco de nós mesmos, para ajudarmos o próximo.

A Biblioteca do Museu, continua a funcionar, e com frequência, ao Sábado e Domingo.

Os leitores aproveitam, adiantam os trabalhos, as Teses, os Mestrados, nós, por nós, também.

Aproveitamos para ajudar principalmente os trabalhadores estudantes, que durante a semana não o podem fazer.

José de  
Quintanilha  
Mantas  
( Conservador  
do Museu )

Na sua estadia em Paris, ao longo dos 36 anos que por lá trabalhou, conviveu com outros grandes da época, portugueses como Amadeu de Sousa Cardoso, João Abel Manta, Henrique Medina, Veloso Salgado, Dórdio Gomes, Carlos Bonvalot, José Joaquim Ramos, Portela Junior, Mestre João da Silva teve também o seu relacionamento com estrangeiros como René Lalique ( com quem ganhou um prémio, e trocou uma jóia ) Sandoz, Roger Bréval, Alphonse Mucha, etc.

Foi com obras destes e de outros consagrados artistas, que da Galeria de pintura, dos cerca de 80 quadros a óleo, desenhos, aguarelas, caricaturas, estiveram patentes no Verão passado, trinta e dois daqueles artistas com representações que foram vistos por cerca de 900 visitantes, entre os quais 270 estrangeiros.

Entre as expostas, a que se considera mais curiosa é um óleo com cerca de 1m2 de autoria de um pintor que faleceu muito novo, de nome Ruivo, Ricardo Ruivo Junior, cuja tela, segundo a memória de João da Silva, será 1/6 de um todo que existia no Atelier de Columbano, de quem foi aluno e “ protegido ”.

Columbano necessitou um dia do espaço e Ruivo, para tirar aquela grande tela, cortou-a em seis.

Segundo os registos, os restantes 5/6 pertencerão à colecção de Jorge de Brito.

À parte que aqui existe chamou-se “ A juventude e a Velhice ”.



Além da Biblioteca de Arte, o Museu possui consulta em CD-Rom, e à rectaguarda, se necessário, existe outra Biblioteca que, essencialmente composta por livros de arte, também tem de História, História de Lisboa, e outros temas que, por vezes, são necessários.

Tal como foi planeado em Outubro de 1997, a exposição permanente irá ter a sua rotação no final deste ano.

Haverá a substituição de parte das obras expostas por parte das que foram para a reserva.

Vai dar trabalho, mas é preciso que se mantenha a chama acesa.

E a vida continua, na Galeria !

Precisa de ajuda para trabalhar sobre algum artista ou sobre arte ? Sobre história ? Sobre história da medicina ?

No Museu existe uma base de dados com cerca de 6000 entradas que o/a pode ajudar .

Está a ser realizado um Banco de dados sobre localização de obras de arte desde o Séc. XIV até à actualidade. Pode servir, para algum aluno ou professor, na procura de uma iconografia ou outro dado consiga superar, não fotografando o original, na posse de entidade e possa avançar com o seu trabalho.

A quem interessar ?

Reproduções digitalizadas Cor/B&W  
Teses - Mestrado/Doutoramento  
Digitalização de fotografias antigas  
Port-folios - Exposições etc.

Algumas	Futuras	Exposições
<p>Pintura Luis Bussaco , João Figueiredo, Mariana Geraldès, Ana Soares ( em curso )</p> <p>Escultura - Manuel Dias</p> <p>Bibliográfica - Os números uns (1) na Imprensa Portuguesa desde o Século XIX ( acervo raro e curioso )</p>		<p>Escultura - Carmo Pereira</p> <p>Grande Exposição de Verão - Os 25 anos do 25 de Abril ( Através de muita documentação inédita e de colecção particular. )</p>

Biblioteca aberta aos  
Sábados e Domingos.

CD-Rom, Inter-Net,

*Pintura, Escultura, História,  
Arte, Ourivesaria.*

*Open Library at  
Saturday and Sunday*

*CR-Rom, Inter-net*

*Paintings, Sculpture, History,  
Art, Jewellery*

Bibliotécque ouverte  
Samedi et Dimanche

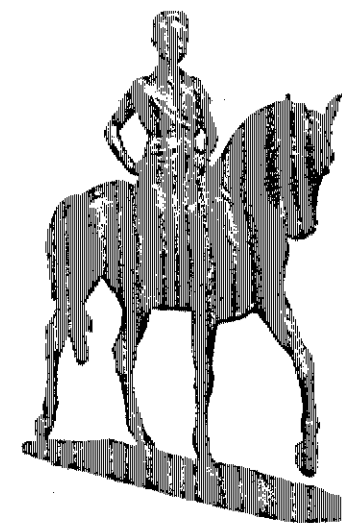
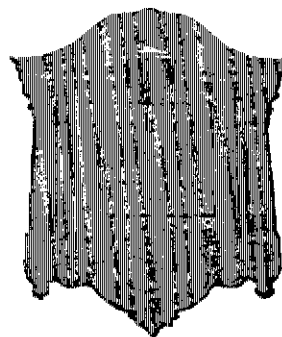
Cd-Rom, Inter-net

*Peinture, Sculpture, Histoire,  
Art, Orfèvrerie*

**A mais antiga Casa-Museu do País**  
Construída em 1930. Museu desde 1960.  
Remodelado em 1997. Reaberto em 1998.  
Museu, Galeria de Exposições,  
Atelier de Restauros, Jardim, Biblioteca  
Aberto todos os dias das 14.00 às 18.00.  
Encerra à 5ª Feira

**The oldest House-Museum in the Country**  
Built in 1930. Museum since 1960.  
Closed in 1997. Reopen in 1998  
Museum, Exhibitions Gallery,  
Restauration Atelier, Garden, Library  
Open all days since 14.00 p.m. to 18.00 p.m.  
Closed at Friday

**La plus ancienne Maison-Musée du Pays**  
Construite en 1930. Musée dès 1960.  
Fermée en 1997. Reouvert en 1998  
Musée, Galerie, Atelier de Restaurations,  
Jardin, Bibliotécque  
Ouvert tous les jours de 14.00 à 18.00  
Fermé Jeudi



## **Casa-Museu Mestre João da Silva**

Rua Tenente Raul Cascais, 11 R/c

1250 – 268 Lisboa Portugal

Phone: 213 961 396

Fax: 14.00/18.00: 213 961 396

Nasceu a 1/12/1880, Mestre João da Silva, deixou-nos uma obra ímpar na história da ourivesaria, escultura, numismática e medalhística portuguesa.

Em 1893, frequentou a Escola Industrial do Príncipe Real, com Cristofanetti e Casanova como Professores e, na Escola Afonso Domingues, como aluno de



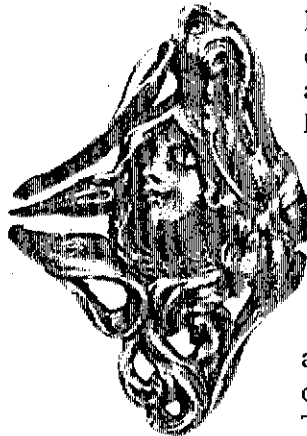
Fuller, tendo sido também ourives-cinzelador na Casa Leitão & Irmão, de onde saiu por desavença.

Em 1895 frequentou várias disciplinas na Escola de Belas Artes de Lisboa.

A sua ânsia de aprender foi mais forte. Parte para Paris aos dezanove anos, onde foi frequentar um atelier de

Cinzelagem, de Chaplain, cujo Curso de 5 anos tirou em dois. Conseguiu uma Bolsa de estudo, para três anos, na Escola de Artes Decorativas de Genève onde tirou o Curso de 5 anos apenas em 2. O seu trabalho de fim de Curso foi um prato cinzelado, hoje, um dos Diplomas da Escola.

Em Lisboa, tenta fundar uma Escola de ensino técnico profissional, mas não lho permitiram. Depois de idas e vindas, entre Lisboa e Paris, volta a Paris, onde viveu 36 anos, e onde ganhou todos os 1ºs ou 2ºs. prémios, todos os anos, em que concorreu em Exposições, excepto o "Prix de Rome" por não ser francês. Entre algumas das suas obras, conhecemos a Virgem do Carrapito, a menina da



Água do Luso, o Monumento a Augusto Gil, na Guarda e em Lisboa, ou a Júlio Diniz, no Porto.

A sua Casa-Museu, em Lisboa, de seu desenho e sua concepção, é hoje pequena para albergar o acervo que nos legou, num total de 5595 obras de arte. De entre os desenhos, gessos, galvanos, meda-lhas, porcelanas, esculturas, ourivesaria, mobiliário, são visíveis cerca de 300 obras de arte numa exposição rotativa de dois em dois anos.

Faleceu em 6 de Março de 1960, em pleno trabalho.

He was born the 1th December 1880. Jewellery, Medals, Coins, Sculpture, Porcelain, Draws. In 1893, he as the frequency in some technical Schools, and in the High Arts School. In 1899, in Paris, he became to the Atelier of Chaplain, and he did the Course of 5 years in 2. He went to Génève and he did the same in the High Superior Arts School. 1905, in Lisbon, he try to create a School of Technical Arts, but the Government don't let him. He stay, to live in Paris, for 36 years, with going and back, all time, and he win all 1st. and 2nd prices. Out side Portugal he have works in Spain, France, England, Canada, Brazil, and many private collections in France, Canada, Brazil and Japan.

His House Museum in Lisbon, draw by him, has 5595 works. In exhibition, the visitor can see about 300 hundred pieces, in a rotate system place by two years.

The medium of work is 69 pieces by year. He





**CASA MUSEU MESTRE JOÃO DA SILVA**

**Rua Tenente Raul Cascais, 11 R/c 1250-268 LISBOA**

**TEL./FAX: 213961396**

**[Info@casa-m-mestre-joao-silva.rcts.pt](mailto:Info@casa-m-mestre-joao-silva.rcts.pt)**

12



# Camara Municipal de Lisboa

2.ª Repartição - FAZENDA

LICENÇA N.º 1499

SENHA N.º

## OBRA NOVA

Local da obra Rua Nova de S.º António, M. P. 1.  
 Paróquia civil de S.ª Mariana 6.º Bairro.  
 Prazo da licença 3 dias ou meses, a findar em 16 de Dezembro de 1932.  
 Concedida a Maria do Pilar Fergio da Silva  
 para executar os seguintes trabalhos:

Responsabilidade N.º 2230

*Construir um atelier de pintura em seu terreno, situada no local acima indicado e de harmonia com o projecto que se deve alocar em sitio e tamanho bem mais o n.º 45.581 da obra.*

Sujeitando-se ás condições N.ºs 2 a 9 impostas no verso desta licença.

O processo a que diz respeito esta licença, foi submetido á apreciação das seguintes estações officiais:

- 1.º - Repartição de Engenharia, tendo obtido a informação N.º 2253.
- 2.º - Conselho de Arte e Architectura, tendo obtido a informação N.º .....
- 3.º - Repartição das Obras Particulares, tendo obtido a informação N.º 36085.
- 4.º - Repartição de Higiene, tendo obtido a informação N.º .....
- 5.º - Comando do Corpo de Bombeiros, tendo obtido a informação N.º .....
- 6.º - Direcção Geral dos Serviços Pecuários, tendo obtido a informação N.º .....
- 7.º - Secção do Contencioso, tendo obtido a informação N.º .....
- 8.º - Bolsa Agricola, tendo obtido a informação N.º .....

Data do despacho que concede a licença, 2 de Junho de 1932.

Processo N.º 964/32

O Director responsavel Jarg.º Pedro Barbosa, 102

**TEM FOLHA DE FISCALIZAÇÃO**

OBSERVAÇÃO—Esta licença fica sujeita ás disposições das leis, regulamentos e Posturas em vigor, de que o interessado não poderá alegar ignorancia.

# IMPOSTOS

Postura	Designação	Taxas	Emolumentos	Total
Postura n.º 5	..... <sup>ma</sup> de construção.....	\$	\$	\$
	..... <sup>ma</sup> de janelas de sacada ou varanda com de balanço.....	\$	\$	\$
	..... <sup>ma</sup> de alpendre com ..... de balanço.....	\$	\$	\$
	Art. 3.º ..... <sup>m</sup> de muros, grades ou vedações definitivas.....	\$	\$	\$
	..... <sup>m</sup> <i>ad. de 10</i>	-	\$	15,65
	123 <sup>ma</sup> Superfície	1412,10	\$	1412,10
	..... <sup>m</sup> <i>de 10</i>	15000	\$	15000
	Art. 4.º - Obras de <i>2</i> dias ou meses.....	6500	150	6650
	Art. 6.º Alterações de frentes, abertura, ampliação ou fechamento de vãos (..... <sup>ma</sup> ).....	\$	\$	\$
	Reforma ou alteração de fachadas (..... <sup>ma</sup> ).....	\$	\$	\$
Postura n.º 8 Artigo 1.º ( <i>3</i> ) dias ou meses.....	2000	150	2150	
	Impresso.....			2500
	Petição.....			-
	10 %/o.....			5
	Sóma.....			3995,60
	Fôlha de Fiscalização.....			250
	Sêlo fiscal.....			525,60
	Sêlo administrativo.....			250
	1 %/o Cofre Geral de Emolumentos.....			360
	Adicional 3 %/o Dec. 14027 (art. 11.º) 2-8-927.....			23
	Total.....			45233

CÂMARA DE SEGURANÇA PÚBLICA DE LISBOA  
SECÇÃO ADMINISTRATIVA

N.º sob o n.º 14999, 57  
 Em 22 de Junho de 1932  
 Em 15 de Junho de 1932  
*Ramos*

113807  
450842

## CONDIÇÕES

- 1.ª - Solicitar alinhamento e nivelamento na 3.ª Repartição.
  - 2.ª - Não encher os cavoucos, nem cobrir as canalizações de esgôto, sem prévio exame dos Serviços de Fiscalização Camarária.
  - 3.ª - Não empregar nos alicerces, materiais compressíveis ou que facilitem as infiltrações.
  - 4.ª - Não empregar taipal na construção das paredes.
  - 5.ª - Requerer, quando a obra concluída, a respectiva licença de habitação, sem a qual não pôde ser habitada, sob pena de procedimento ou de ocupação, nos termos da Postura de 27-9-928.
  - 6.ª - Juntar termo de responsabilidade de constructor inscrito.
  - 7.ª - Não alterar o projecto aprovado ou deixar de cumprir, integralmente, as condições da licença, sem autorização da Câmara.
  - 8.ª - As obras serão executadas, em todos os seus detalhes, em conformidade com as condições do Regulamento de Salubridade das Edificações Urbanas que lhes forem applicaveis e bem assim com o projecto aprovado, conservando-se este, a licença, a memoria descritiva e a Folha de Fiscalização no local da obra.
  - 9.ª - **Condição Geral:** - Se no local da obra existir qualquer edificação ou recinto occupado por inquilinos, não deve a obra ser iniciada sem prévio acordo com eles, por não appropiatar ao requerente o que dispõe o n.º 3 do Art. 21.º da Lei do Inquilinato.
- Nenhuma obra se poderá iniciar sem prévia autorização do proprietário do prédio.
- A falta de cumprimento de qualquer destas disposições implica na multa, indemnização e processo de demolição nos termos das Posturas vigentes.

17 JUNHO 1932

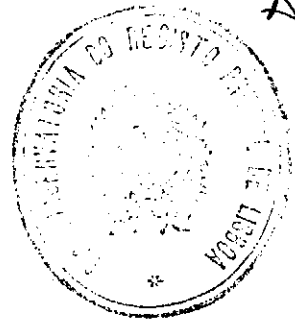
Contribuições Municipais, ..... de ..... de 19.....

O Chefe,

O proposto do tesoureiro,

*Ramos*

Fol. 254  
 Vol. 254  
 42457  
 42457



Rua Augusta, n.º 10, 1.º andar

ARTEUR COELHO DE CARVALHO,

ajudante do Conservador do Registo Predial na  
Sexta Conservatoria de Lisboa. — Certifica que

a folhas dezoito do livro B quinze, se efectuou o seguinte  
averbamento: —

Mil novecentos trinta e quatro - Agosto - vinte e quatro -  
um - Numero dois - A requerimento de Maria Pilar Sergio  
da Silva, casada sob o regimen de separação de bens com  
João da Silva, fica declarado que, o predio supra descrito  
sob o numero três mil quinhentos oitenta e sete, tem actu-  
almente os numeros onze e onze-A de policia, em substitui-  
ção das antigas letras M.P.S., e que ao prolongamento da  
Rua Nova de Santo Antonio foi dado o nome de Rua Tenente  
Raul Cascaes. —

Certidão passada em vinte de Agosto de mil novecentos trin-  
ta e quatro, na Secretaria da Camara Municipal de Lisboa,  
que archive com o requerimento no maço numero oito deste  
ano. Abel de Mesquita. —

E para constar se passou o presente certificado que, de-  
pois de revisto e concertado, assino. —

Sexta Conservatoria do Registo Predial de Lisboa, em vinte  
e quatro de Agosto de mil novecentos trinta e quatro.

O Ajudante do Conservador

*Artur Coelho de Carvalho*

ESTUDOS, PROJECTOS, ORÇAMENTOS  
E EXECUÇÃO DE:

TRABALHOS DE CONSTRUÇÃO CIVIL

OBRAS EM CIMENTO ARMADO

OBRAS DE SANEAMENTO

OBRAS MUNICIPALES

INSTALAÇÕES HIDRO-ELECTRICAS

OBRAS HYDRAULICAS

PESQUISAS E EXPLORAÇÃO DE MINAS

E AGUAS MINERAES

ARQUITETURA

DECORAÇÃO

## GABINETE D'ENGENHARIA, L.<sup>DA</sup>

(ENGENHEIROS CONSTRUTORES)

RUA DOS FANQUEIROS, 278, 3.º (ASCENSOR)

TELEFONE 2 7073

LISBOA, 13 de Julho de 1931

Ex.º Sr.  
Tenente-Coronel Pessoa

Lisboa

Exm.º Snr.

Tenho a honra de informar V. Ex.ª que para vedar o terreno da Rua de Santo Antonio pertencente ao snr. João da <sup>Silva</sup> ~~Beira~~ são precisos 750 escudos.

A madeira a aplicar nessa vedação fica em condições de se poder aproveitar para andaimes e outros serviços de construção.

Com a maior estima me subscrevo

DE V. Ex.ª

Att.º V.º





Devis Descriptif

- 1 -

CONDITIONS GENERALES

-----

Dans tout le cours du détail qui va suivre on a eu pour but d'indiquer le mode de construction des parties les plus importantes et non de prévoir tout ce qui peut faire l'objet des travaux.

L'entrepreneur général devra tenir compte d'une manière très rigoureuse, des clauses et conditions du marché qui sera joint au présent Devis descriptif .

L'entrepreneur général reconnaissant avoir pris connaissance de la généralité des travaux à exécuter, soit pour lui personnellement, soit par ses sous-traitants, s'engage à entretenir la propriété de tous les jeux quelconques et à faire les raccords nécessités par les dégradations résultant des tassements ou de toute autre cause, pendant l'année qui va suivre la réception provisoire des travaux, laquelle aura lieu à la prise de possession. La réception définitive devant avoir lieu un an après la dite prise de possession .

L'entrepreneur fera garder ses travaux et marchandises comme bon lui semblera .

Il sera responsable des vols ou détournements qui pourraient être commis à son préjudice .

Il devra établir à ses frais des Water-closets pour ses ouvriers .

-----

## II<sup>o</sup> Chapite

### Terrassement

Les travaux de terrasse comprennent :

1<sup>o</sup> Le déblai général du terrain à l'emplacement de la construction.

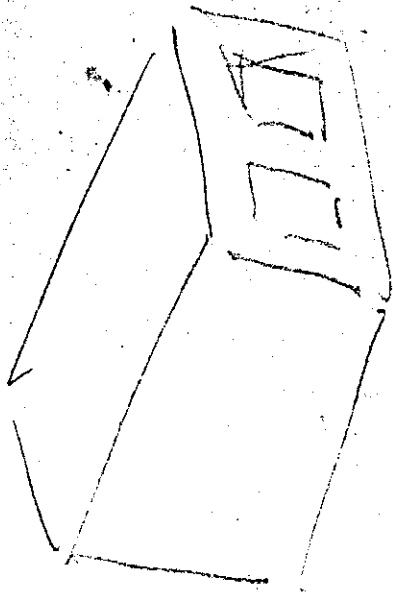
2<sup>o</sup> La fouille en excavation pour les caves indiquées aux plans et le nivellement du fond de ces fouilles.

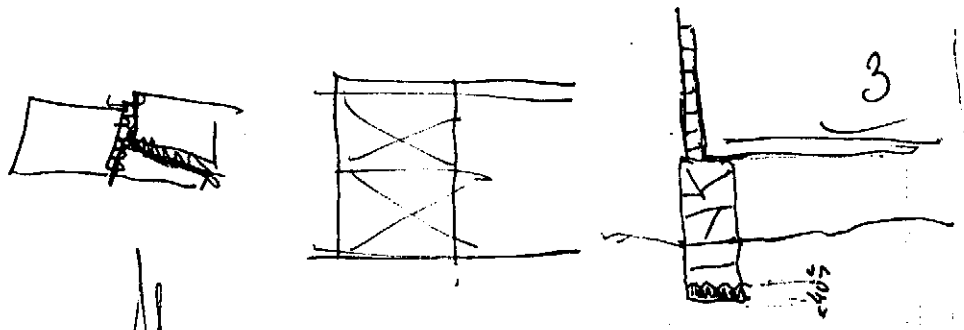
Les terres provenant des fouilles seront employées comme remblai ~~à proximité~~ pour l'Atelier la fabrique et l'Entée.

## III<sup>o</sup> Chap

Les fondations descendent jusqu'au bon sol :

Elles sont en béton de chaux hydraulique et pierre réemployée.





Macomerie

Les mortier à employer dans toute la construction sera composé de trois parties de sable de rivière d'une partie de chaux de Beffes ou équivalents

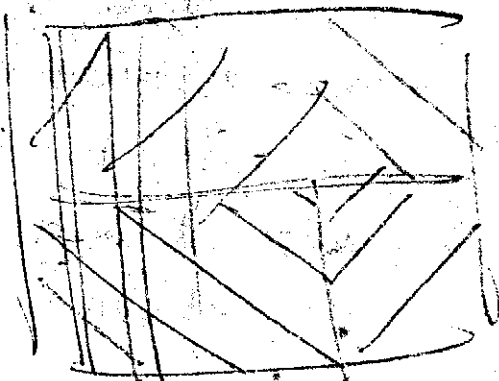
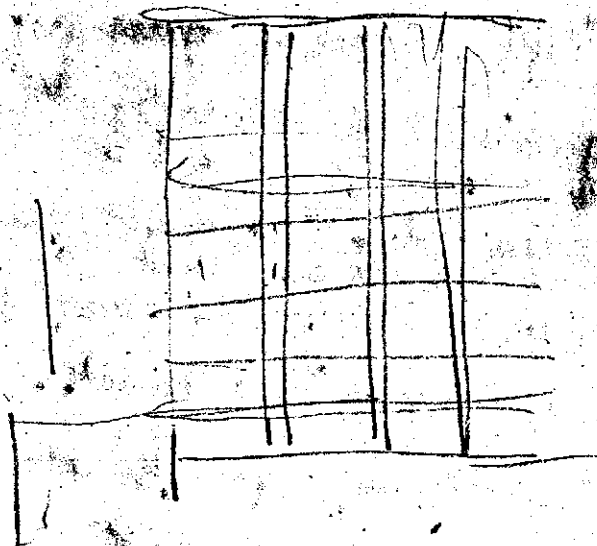
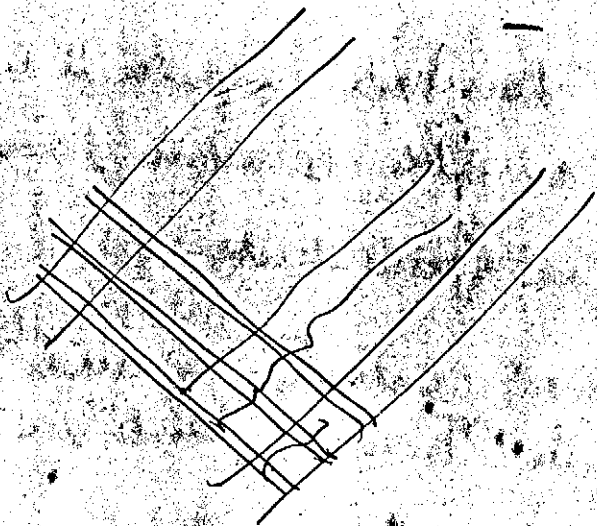
Os muros Caves - Les murs seront construits en maçonnerie, bien purgé de toute partie terreuse, hordé en ?  
 da fassada, Mortier de chaux -  
 diuun  
 sueriat  
 1, 1/2. aci  
 ma 60  
 solo.

Murs Toutes ~~gros~~ murs seront construits en gros murs de maçonnerie "Bloc de ciment"

Les cotés 0:20 sont en briques heures ?  
 Les autres cotés 0:08 sont en carreaux de plâtre  
 Tous les murs de cave sont fontoyés au mortier Cal e ciment ?  
 de chaux intérieurement.

Le plancher bas de la chambre sera hordé en ?  
 briques creuses de 56 mm hordées en ciment par la partie faisant appartement du locataire.

Le sol sera dallé en ciment sur forme en béton de gravillon et ciment de 0.08 d'épaisseur totale par les caves l'Entrée l'Attente la Galerie et l'Atelier.



Peintures VitreusesDebut des OuvragesVitreuses

- Vues semi-circulaires par l'Atelier et la Galerie d'exposition -
- Vues Cathedrales aux portes de l'Entree -



1499

964

ANEXO XXIV

Projecto de um atelier de escultura com uma galeria anexa, que a *snr. D. Barbara de Pilar Sergio da Silva*, pretende construir no seu terreno, situado junto da rua nova de Santo Antonio, freguesia de S.amede, 30 Bairro, no local assinalado a vermelho na planta topografica, Confrontando: pelo Norte com propriedade de Andrade; pelo Sul com *snr. José Affonso Soares de Aguiar*; pelo Oriente com a rua nova de Santo Antonio; e, pelo Poente com uma muralha.

A elaboração deste projecto, obedeceu a um principio economico, em vista <sup>de que</sup> se destina esta edificação, em estudo de preservar a estabilidade. É estabilizada pelas pilares indicados nas peças graficas juntas, construidos em tijolo maciço e argamassa de cal hidraulica, unidos por muros construidos em tijolo furado e tambem em argamassa hidraulica, ficando em boas condições de segurança, por se suportarem o peso das coberturas, que são de fibrocimento e em parte emvidraçadas, portanto muito leves. Ainda para maior segurança, os pilares e muros, são ligados superiormente, entre si, por meio de uma placa de betão armado, sob a linha das rasmas e em toda a extensão e lados.

Pressão sobre o terreno: Formamos para base, um pilar da "Atelier", que são os que suportam maior carga, sobre o qual assenta o hotel que suporta a asma Shed.

Sapata que suporta ir a profundidade de  $l = 1 \times 0,70 \times 0,70 = 0,490 \text{ m}^3$   
Paredes desde a sapata até ao pavimento:  $1 \times 0,50 \times 0,50 = 0,250 \text{ m}^3$

estas madres dos túpos em os raios de 1,50, afastados 0,08 ciro a ciro,  
 temos: Carga e sobrecarga em cada uma:  $1,08 \times 1,50 \times 65 \text{ kg} = 105 \text{ kg}$ .  
 $\frac{1}{4} = \frac{M}{R} = \frac{1959}{8} = 244,875 \text{ m}^3$  empregamos vigas de pinho de  $0,08 \times 0,08$  cujo  
 momento neste raio é de  $80 \frac{\text{m}^3}{7,33}$ .

Lanterimim: Tês para suporte dos vidros, afastados  $0,40$  ciro  
 a ciro:  $\frac{3,75}{0,40} = 9$  Tês. Estes tês apoiam na Centra sobre uma ma-  
 dre de Cantoneira de  $80 \times 80 \times 12$ , ficando em metade do raio que  
 é de  $2,55$ ,  $\frac{2,55}{2} = 1,275$  carga e sobrecarga em cada um:  $1,275 \times 0,40 \times 58 = 29,7$   
 $30 \text{ kg}$ ;  $\frac{1}{4} = \frac{M}{R} = \frac{4782}{8} = 597,75 \text{ m}^3$ . empregamos Tês de  $30 \times 30 \times 4$ , cujo  
 momento é de  $800 \text{ m}^3$  maior que  $597,75 \text{ m}^3$ .

Cantoneiras para suporte dos tês e envidraçado.  
 A cantoneira central suporta metade do Lanterimim:  $\frac{9 \times 2,55 \times 2 \text{ kg}}{2}$   
 $\frac{3,75 \times 2,55 \times 58 \text{ kg}}{2} = 280 \text{ kg}$ . As cantoneiras das madres dos extremos,  
 suportam  $\frac{300}{2} = 150 \text{ kg}$ , uniformemente distribuidos.  
 Cantoneira da madre central:  $\frac{1}{4} = \frac{M}{R} = \frac{140620}{8} = 17577,5 \text{ m}^3$ .  
 empregamos 1 Cantoneira de  $80 \times 80 \times 12$ , cujo momento é  
 de  $18200 \text{ m}^3 > 17577,5 \text{ m}^3$ .

estas cantoneiras dos extremos temos:  $\frac{1}{4} = \frac{M}{R} = \frac{70312}{8} = 8789 \text{ m}^3$ .  
 empregamos cantoneiras de  $65 \times 65 \times 9$ , cujo momento é de  $9000 > 8789 \text{ m}^3$ .

Calculo para achar as secções das diferentes peças de madei-  
 ra de pinho das donas da galeria:

consideramos a madre que fica ao centro que é  
 a que suporta maior carga.

Superfície do Lanterimim:  $3,75 \times 2,55 = 9,5625$ , que arredonda  
 mos para  $10 \text{ m}^2$ ; Superfície em fibrocimento:  $0,84 \times 4 + 1 \times 4 = \frac{7,36}{2} \text{ m}^2$ .



11  
964

as asnas, não sendo necessarios a varêdo e o ripado como nos telhados ordinarios.

O Atelier tem um lanternim emvidraçada do lado da arte e a galéria um lanternim central como se indica nas respectivas peças graficas.

Calculos dos telhados:

Da galéria: Pesos medios dos materiaes: fibrocimento, por  $m^2$ , 15 kg.; vidraça por  $m^2$ , 8 kg.; Cargas accidentaes e as devidas ao vento e chuvas, por  $m^2$ , 50 kg.; Cargas e sobre-cargas da Cobertura de fibra cimento, 55 kg.

Sobre as asnas assentam na parte central 2 madres, um ferebral e o lanternim emvidraçado, paralelos ás paredes longitudinaes como se vê nos desenhos e sobre as e dos extremos, assentam madres com vão de  $1,50$ , afastados de  $1,08$  eixo a eixo.

As madres de madeira de fôrmo suportam as chapas onduladas de fibra cimento e o lanternim por madres de ferro em Cantoneiras. Vãos entre as asnas do centro,  $3,75$  e entre as dos extremos e as paredes,  $1,50$ .

Sobre a madre fôrmo da parede mais alta: Carga e sobre carga:

$\frac{7 \times 3,75}{2} = \frac{2625}{2} = 1312,5$  kg., porque metade é suportada pelo ferebral, em estada á parede,  $\frac{1}{4} = \frac{1}{2} = \frac{5730}{60} = 95$   $m^3$ . Supozemos uma madre de  $0,10 \times 0,08$ , eufamente e de  $128$   $m^3$ ; as restantes madres das mãs centrais damos as mesmas secções embora suportem cargas inferiores

estas madres dos túneis em os raios de 1,50, afastados 0,08 acima a es  
 temos: Carga e sobrecarga em cada uma:  $1,08 \times 1,50 \times 0,5 \text{ t} = 1,05 \text{ t}$   
 $\frac{1}{4} = \frac{M}{R} = \frac{1969}{8} = 246,125 \text{ m}^3$  empregamos vigas de ferro de 0,08 x 0,18 e  
 momento neste vão é de  $80 \frac{\text{m}^3}{7,33}$ .

Lanterna: Tês para suporte dos vidros, afastados 0,40 e  
 a eixo:  $\frac{3,75}{0,40} = 9 \text{ Tês}$ . Estes tês apoiam-se sobre uma  
 tre de Cantoneira de  $80 \times 80 \times 12$ , ficando em metade do vão,  
 e' de 2,55,  $\frac{2,55}{2} = 1,275$  - carga e sobrecarga em cada um:  $1,275 \times 0,40$   
 $30 \text{ t}$ ;  $\frac{1}{4} = \frac{M}{R} = \frac{4782}{8} = 597,75 \text{ m}^3$  empregamos tês de  $30 \times 30 \times 4$ , cujo  
 momento é de  $800 \text{ m}^3$  maior que  $597,75 \text{ m}^3$ .

Cantoneiras para suporte dos tês e envidraçada.

A cantoneira central suporta metade do lanternim:  $\frac{3,75 \times 3,55 \times 0,8 \text{ t}}{2} = 300 \text{ t}$ . As cantoneiras das madres dos extremos  
 suportam  $\frac{300}{2} = 150 \text{ t}$ , uniformemente distribuídas.

Cantoneira da madre central:  $\frac{1}{4} = \frac{M}{R} = \frac{140620}{8} = 17578 \text{ m}^3$   
 empregamos 1 Cantoneira de  $80 \times 80 \times 12$ , cujo momento  
 de  $18200 \text{ m}^3 > 17578 \text{ m}^3$ .

As cantoneiras dos extremos temos:  $\frac{1}{4} = \frac{M}{R} = \frac{70312}{8} = 8789 \text{ m}^3$   
 empregamos cantoneiras de  $65 \times 65 \times 9$ , cujo momento é de  $9000 > 8789 \text{ m}^3$ .

Cálculo para achar as seções das diferentes peças de om  
 ra de ferro das obras da galeria:

Consideramos a madre que fica ao centro que é  
 a que suporta maior carga.

Superfície do lanternim:  $3,75 \times 2,55 = 9,5625 \text{ m}^2$ , que arredonda  
 mos para 10; Superfície em fibrocimento:  $0,84 \times 4 + 1 \times 4 = \frac{7,36}{2}$ .

12  
964

Cargas e sobre cargas:

Envidraçada; Vidros:  $10 \times 8 =$

80 kg.

Tês:  $9 \times 2,55 = 24 \times 2 \frac{1}{2} =$

48 kg.

1. Cantoneira Central:  $4 \times 14 \frac{1}{2} =$

58 kg.

2. Cantoneiras laterais -  $2 \times 4 \times 9 \frac{1}{2} =$

72 kg.

3. Madres de madeira:  $3 \times 4 \times 9,10 \times 9,08 = 9,096 \times 700 \text{ kg} =$

70 kg.

Cobertura de fibrocimento:  $(0,84 \times 4 + 1 \times 4) \times 15 \text{ kg} =$

110 kg.

Peso próprio da arma

200 kg.

Sobre carga devida ao vento etc:  $4,39 \times 3,75 \times 50 \text{ kg} =$

824 kg.

*Soma*

1.400 kg.

Carga ao centro da arma sobre o pivô:  $\frac{1400}{2} = 700 \text{ kg}.$

A escala do grafico para achar a seção das diferentes peças que constituem as armas é de 40 kg por  $\frac{\text{cm}^2}{\text{m}^2}$ .

Peças e resultados do grafico	Esforço em kg.	Seção dada em $\text{cm}^2$ $R = 60 \text{ kg}.$	Aumento de seção devido ao esforço de flexão propriamente dita da arma	Total da seção em $\text{cm}^2$	Seções que se adotam.
Perna 1 = $120 \frac{\text{cm}}{m} \times 40$	4.800	80 $\text{cm}^2$	64 $\text{cm}^2$	144 $\text{cm}^2$	$0,15 \times 0,10 = 150 \text{ cm}^2$
" 2 = $80 \times 40$	3.200	54 $\text{cm}^2$	64 $\text{cm}^2$	118 $\text{cm}^2$	$0,15 \times 0,10 = 150 \text{ cm}^2$
Brasa 3 = $40 \times 40$	1.600	27 $\text{cm}^2$		27 $\text{cm}^2$	$0,10 \times 0,10 = 100 \text{ cm}^2$
" 4 = $20 \times 40$	800	14 $\text{cm}^2$		14 $\text{cm}^2$	$0,10 \times 0,10 = 100 \text{ cm}^2$
Linha 5 = $118 \times 40$	4.720	79 $\text{cm}^2$		79 $\text{cm}^2$	$0,15 \times 0,10 = 150 \text{ cm}^2$

Flexão da fôrma "2", devido a carga da madre sobre o pivô, isto é, entre o nó e a parede:  $\frac{4,39}{4} = 1,10 \text{ m}.$

Peso do lanternim:  $\frac{300}{4} = 75 \text{ kg}.$ ; Cobertura, fibrocimento e sobre-

carga:  $\frac{1 \times 4 \times 65 \text{ kg}}{2} = 135 \text{ kg}.$ ; Soma 210 kg., que arredondamos para

220 kg.:  $M = \frac{Pl}{4} = \frac{220 \times 110}{4} = 6050 \text{ kg/cm}.$ ;  $\frac{1}{4} = \frac{M}{R} = \frac{6050}{60} = 100 \text{ cm}^2$



que corresponde a um aumento de secção de,  $9,10 \times 0,04$  em um momento de  $100 \text{ cm}^2$ , no são consideradas.

Calculo da arma tipo shed, ao centro do "Atelier" para suporte da cobertura.

Area da superficie que pressa sobre a arma:  $3,25 \times 5 = 16,25$ .

Carga e sobrecarga a considerar por  $\text{m}^2$ :  $130 \text{ kg}$ . carga total:  $16,25 \times 130 \text{ kg} = 2100 \text{ kg}$ .

Resultado do Calculo grafico, sendo a cresta de  $20 \text{ kg}$  por  $\text{cm}$ .

Pecas e resultados do grafico	Esforço em $\text{kg}$	Secção dada sendo $R = 50 \text{ kg}$	Secções que se adoptam
Perna Y1 - $152 \text{ cm} \times 20 \text{ kg}$	3.040	$51 \text{ cm}^2$	$9,16 \times 9,10 = 160 \text{ cm}^2$
" Y2 - $45 \times 20$	900	$15 \text{ cm}^2$	$9,16 \times 9,10 = 160 \text{ cm}^2$
Brecha Y3 - $60 \times 20$	1.200	$20 \text{ cm}^2$	$9,10 \times 9,10 = 100 \text{ cm}^2$
" Y4 - $110 \times 20$	2.200	$37 \text{ cm}^2$	$9,10 \times 9,10 = 100 \text{ cm}^2$
Beirao Y5 - $150 \times 20$	3.000	$50 \text{ cm}^2$	$9,16 \times 9,10 = 160 \text{ cm}^2$

Empregamos peças de madeira de fenecho, em as secções 3 vezes maiores do que o necessario, e que dispõem mais o calculo do esforço de flexão devido as madeiras apoiadas fora dos nós, ficando portanto a trabalhar em condições de absoluta segurança.

Calculo do lintel apoiado sobre os pilares, para suporte da arma num dos extremos:

O lintel tem 2 secções que apoiam nos pilares, constituídas cada uma por 2 cantoneiras de  $60 \times 60 \times 6$ , ficando por isso, somente um vão de 3 metros a considerar.

dever sujeito ao esforço de flexão.

Cargas e sobre cargas aplicadas a meio, 1900 kg.

$$M = \frac{Pl^2}{4} = \frac{1900 \times 3000}{4} = 1425000 \text{ kg/m}; \quad \frac{l}{\sqrt{R}} = \frac{M}{R} = \frac{1425000}{8} = 178125 \text{ cm}^3$$

Empregamos 2 ferros I de  $\frac{150 \times 70}{9 \times 6}$ , e mesmo tamanho a cada um  $\frac{1}{2} = 97900 \text{ cm}^3$ , dando os 2 = 195800  $\frac{1}{2} 178125 \text{ cm}^3$ , ficando portanto a trabalhar em muito boas condições de segurança.

Esta edificação fica em a seu flanco esquerdo, afastada do alinhamento marginal da rua Nova de Santa Antónia, 3,40 que, constitui a largura de uma faixa de terreno, que o proprietário d'este projecto reserva para muito brevemente (talvez simultaneamente com os trabalhos d'esta edificação) construir ali uma casa em dois pisos (2.º e 1.º andar), ligada com o superior do flanco esquerdo d'este projecto.

E para finalizar se declara que, em tudo o que nesta memoria descritiva e justificativa foi omitido, se procederá em harmonia com os regulamentos e posturas da Camara Municipal de Lisboa em vigor, applicadas a estas construcções.

Lisboa 23 de Abril de 1932 "OBRAS"

REGISTO N.º 4482

Jaquim Pedro Barboza 13-6-1932

Costureira Lúcia A. A. 62

"OBRAS"  
REGISTO N.º 3502

18-5-1932

Projecto da construção de uma casa de habitação para dois inquilinos que a Sr.<sup>ma</sup> D. Maria da Pilar Sergio da Silva, pretende realizar no seu terreno, sito na Rua Nova de Santa Antonia, freguesia de S.º Namide, 3.º Bairro de Lousada, Confrontando: pelo Norte com José Lucio de Andrade; pelo Sul com José Afonso Soares de Aguiar; pelo Nascente com a Rua Nova de Santa Antonia; e, pelo Poente com uma muralha.

Memoria descriptiva e justificativa  
A elaboração deste projecto, obedeceu a um principio economico, attendendo-se sobretudo a sua estabilidade e emorticidade dos seus futuros habitantes.

A casa deste projecto encosta e liga pelo Poente, com a empresa esquerda da fabrica anexa ao "Stelier", constante do projecto entregue com o requerimento em 25 de abril de corrente anno, de qual corre o n.º 964 de processo.

Materiaes a empregar:

Os materiaes a empregar nesta construção, ficam a trabalhar com uma carga muito inferior a de segurança e, todos satisfarão as condições estabelecidas no capitulo IV do Regulamento da Construção Urbana para a Cidade de Lousada.

Os alicerces, as paredes da Cova e em geral todas até ao nível do furo do rez. do chão, serão construídas com pedra rija e argamassa de cal hidráulica. As paredes mestras serão construídas em pedra de melhor qualidade, em argamassa de cal hidráulica, ou ordinaria nos traços em seguida indicados e, conforme o estabelecido na Secção II, do Capítulo V, do supracitado regulamento.

### Argamassas:

Sua Composição: - Para as alvenarias desde as fundações até ao furo do rez. do chão, 1 parte de cal hidráulica para 3 partes de areia, e, para as restantes alvenarias, a mesma argamassa hidráulica, ou a argamassa ordinaria no traço de 1 parte de cal em pó para 2 partes de areia.

Parêdes divisorias: - As paredes divisorias terão as espessuras indicadas nas peças graficas juntas e, serão construídas em alvenaria de tijolo e argamassa hidráulica ou ordinaria igual a empregada nas paredes supracitadas.

Argamassas para entões e rebôcos. Serão feitas em cal ordinaria, cozida a fogo, na proporção de 1 parte de cal para 2 partes de areia.

As espessuras das paredes são as indi-

Cada nos respectivas peças graficas juntas, con- sideradas mais que insufficientes e de fora das regras estabelecidas no capitulo 1 do Regulamento geral da Com. Municipal para a Cidade de Lisboa.

Pés direitos - Da cave destinada a arrecadação, <sup>m</sup> 2; e da rez. do chão e 1.º andar <sup>m</sup> 3,25.

Pressão sobre o terreno:

Para o calculo, supõe-se que a sapata ficará a <sup>m</sup> 2,50, abaixo do furo do rez. do chão.

Consideramos a carga sobre a fachada principal, a mais carregada, em o comprimento de 15<sup>m</sup>.

- Sapata -  $15 \times 1,20 \times 0,50 = 9 \times 2,50 \text{ t/m} = 22.500 \text{ kg}$
- " -  $15 \times 0,90 \times 0,50 = 6,750 \times 2,50 \text{ t/m} = 16.875$
- Paredes da sapata do r/c -  $15 \times 1,00 \times 1,50 = 22,500 \times 2,50 = 56.250$
- " do r/c -  $15 \times 0,50 \times 3,50 = 52,500 \times 2,50 = 131.250$
- " do 1.º andar -  $15 \times 0,40 \times 3,50 = 52,500 \times 2,50 = 131.250$

Pavimentos - Consideramos os rões de 3,70 -

- em as cargas e sobre-cargas de 800 kg. por  $\text{m}^2$  -:
- r/c -  $\frac{15 \times 3,70}{2} \times 800 = 8.350$
- 1.º andar -  $\frac{15 \times 3,70}{2} \times 800 = 8.350$

Consideramos para o tecto do 1.º andar e para a cobertura, as cargas e sobre-cargas de 150 kg. por  $\text{m}^2$ .

- Tecto -  $\frac{15 \times 3,70}{2} \times 150 = 4.275$
- Cobertura -  $\frac{15 \times 3,70}{2} \times 150 = 4.275$





Superfície da sapata -  $15 \times 1,20 = 180.000 \text{ cm}^2$ .

Prestão sobre o terreno por  $\text{cm}^2$   $\frac{216.570}{180.000} = 1,200$ ,

carga que a terra vegetal suporta em segurança, e aquela sobre que vai assentar esta edificação, é de natureza a suportar 4 kg. por  $\text{cm}^2$ .

Tarimentos e vigamentos:

Os dos combrás, caras de lanchos e retratos obedecerão aos preceitos estabelecidos na antiga 51.ª de Regulamentos Supracitada; e, os restantes serão soalhados e os vigamentos de madeira, vigotas em as secções de  $0,16 \times 0,08$  e o afastamento de  $0,40$  de eixo a eixo.

Calculo - Consideramos o maior vão que é de  $3,70$ , e a carga e sobre-carga de  $500$  kg. por  $\text{m}^2$ .

$f = \frac{M}{R} = \frac{20535 \text{ kgm}}{60} = 342 \text{ cm}^2$ ; consultando a tabela respectiva, vê-se que o momento flexor desta secção é de  $344 > 342$ .

Vigamento dos tectos - Consideramos o maior vão que é de  $3,70$ , o afastamento de  $0,40$  eixo a eixo e a carga e sobre-carga de  $150$  kg. por  $\text{m}^2$ :

$f = \frac{M}{R} = \frac{10528}{60} = 172 \text{ cm}^2$ ; empregamos vigotas em a secção de  $0,12 \times 0,08$ , cujo momento é de  $192 > 172$ .

Os tabiques das divisórias do 1.º andar junto à fachada principal, em a espessura de  $0,10$ , não correspondem com os do rez. do chão, sendo por esse facto construídos em madeira, revestidos a

+ Continúa no verso do folio 5

ortafe, ao abrigo do artigo 48.º do Regulamento da C. M. para a C. de Lisboa e sustentados por um lintel, formado por uma viga de ferro I.

Cálculo do lintel.

Consideramos os vãos com 3,70, a altura (pé direito) de 3,50 e o peso do tabique de 150 kg. por m<sup>2</sup>, que dá a carga de:  $3,70 \times 3,50 \times 150 \text{ kg.} = 1942 \text{ kg.}$  que arredondamos p<sup>o</sup> 1950.

$$\frac{1}{8} = \frac{M}{R} = \frac{903540}{8} = 112943 \frac{\text{cm}^3}{\text{m}^3}$$

Consultando a respectiva tabela, encontramos a viga I de  $\frac{100 \times 74}{6,3 \times 9,5}$  com o momento de  $117000 \frac{\text{cm}^3}{\text{m}^3} > 112943$ , que empregamos, ficando portanto a trabalhar em muito boas condições de segurança.

Orgotos - Os orgotos far-se-hão em tubos de grés cerâmico, tendo os de queda o diâmetro de 9,08 e os de ligação ao colector que passa no eixo da rua, 6,12 de diâmetro, internos.

Canalizações para água e gás: Serão executadas em harmonia com as fraturas e regularidades a que se subordinam as respectivas emfrazias.

Reforços dos vãos exteriores - As cantarias são substituídas por alvenaria hidráulica e reboco de cimento.

O jardim interior é limitado pelo Poente em um pequeno muro de suporte em



e encrocamento ao nível do terreno, atravessada por uma creada de atenuaria para a accessão e esfirmada emme indice a fantasia.

Vigamentos de sobrados - : do pavimento sobre o vestibulo e da sala de jantar do 1.º andar, Antigua, empregamos vigamentos diferentes das das outras dependencias, por terem maiores vãos e tambem porque, são salas frequenas de recepção, para o que temos de contar com 850 kg. por m<sup>2</sup>. (carga e sobrecarga). Consideramos para o caso, o vão maior (3,90), com os vigotes afastados de 0,38 eixo a eixo:  $\frac{1}{V} = \frac{H}{R} = \frac{25350}{60} = 423 \text{ cm}^3$ . Consultando a respectiva tabela encontramos a vigota de 0,16 x 0,10, com o momento de 430 > 423, que empregamos nos referidos dois vãos. Nos outros vãos das dependencias empregamos vigotes iguaes ás das outras dependencias, com o afastamento de 0,38 eixo a eixo, que satisfazem, visto que, achando-se o momento flexor de 10823 kg/cm. temos:  $\frac{1}{V} = \frac{10823}{60} = 184 \text{ cm}^3$ , menor do que o momento da vigota de 0,12 x 0,08, considerada, que é de 192 cm<sup>3</sup>, como atraz se disse.

E, firmitamente, em tudo o que esta memoria descriptiva e justificativa for omitta, se procedera de harmonia com os Regulamentoes e posturas da Camara Municipal em vigor.

Lisboa 15 de Maio de 1932.

Joaquim Pedro Barbadé  
Contractor Licit. N.º 162



Alterações ao projecto da processo n.º 904/32 Licença n.º 1497, passada para a construção em 7 de corrente mês.

Aditamento a Memoria descriptiva - Foi julgada a conveniencia de fazer neste projecto algumas alterações, modificando as linhas do alçado e outras da frente principal (Sul), acrescentando alguns detalhes e substituindo no atelie para o exterior, a esna tipo Shed e as Madres de madeira, do suporte da Cobertura, por simples Madres de ferro I, como vai indicado nos novos desenhos, apoiadas nas esnaças, reforçadas com pilares, ficando a entidade esta edificação, em as dimensões exteriores primitivamente projectadas. Cálculo dos ferros para as Madres, para o suporte da Cobertura do atelie:

Cobertura - Chapa ondulada de fibrocimento e vidrada. Pêlo medio do fibrocimento por m<sup>2</sup>, 20 kg.; da vidraça, 8 kg. Madres para o suporte do fibrocimento (apoiado do lado Sul). Afestamento, 1<sup>a</sup> vigia a vigia; vão 6,50; sobre-carga por m<sup>2</sup> de vida do vento etc. 50 kg.; carga e sobre-carga uniformemente distribuida em cada vigia:  $6,50 \times 1 \times 70 kg = 455 kg$ ; que arredondamos para 500 kg.

$\frac{1}{4} = \frac{M}{\pi} = \frac{405250}{8} = 50782 \frac{m^3}{m}$ . Procurando na tabela respectiva, encontramos a vigia de ferro I, de  $\frac{120 \times 50}{5,1 \times 7,7}$  com o momento

02681

de  $54500 \frac{m^3}{m}$ , maior do que o dado pelo calculo, ficando portanto esta vigia, a trabalhar em muito boas condições de segurança.

Calculo das vigas I de suporte da envidraçada da armada ou caixilho de ferro T, na agua da lade oeste:  
Vão da vigia  $3,50$ ; afastament  $2,50$ ; peso da vidraça por  $m^2$   $8 \text{ kg}$ ;  
Sobre-carga devida ao vento,  $40 \text{ kg}$  por  $m^2$ ;  
Sobre as rodas de encanem. de ferro T, uniformemente distribuidos para suporte dos vidros.

Carga sobre a roda: 17 ferros em T de  $40 \times 40 \times 5$  com  $2,50 \times 17 \times 2,35 = 128 \text{ kg}$ .  
Vidraça  $2,50 \times 6,50 \times 8 \text{ kg} = 130 \text{ kg}$   
Sobre-carga devida ao vento  $2,50 \times 6,50 \times 40 \text{ kg} = 650 \text{ kg}$   
Soma  $908 \text{ kg}$ . que arredondam para  $950 \text{ kg}$ .

$\frac{1}{V} = \frac{M}{R} = \frac{771875}{8} = 96484 \frac{m^3}{m}$  - comprimento desta agua, 2 vigas I de  $150 \times 70$ , com o increment de  $97900 \frac{m^3}{m}$ , maior do que o dado pelo calculo, ficando portanto a trabalhar em muito boas condições de segurança.

Calculo dos ferros em T para suporte da envidraçada:  
Vãos  $2,50$ ; afastament viga a viga  $0,35$ ; peso do vidro por  $m^2$   $8 \text{ kg}$ ; sobre-carga devida ao vent  $40 \text{ kg}$  por  $m^2$ ; total  $48 \text{ kg}$  que arredondam para  $50 \text{ kg}$ . - carga e sobre-carga uniformemente distribuida sobre cada  $m^2$ :  $2,50 \times 0,35 \times 50 \text{ kg} = 44 \text{ kg}$  que arredondamos para  $50 \text{ kg}$ . -  $\frac{1}{V} = \frac{M}{R} = \frac{13750}{8} = 17187 \frac{m^3}{m}$  - comprimento ferros T de  $40 \times 40 \times 5$  com o increment de  $1840 \frac{m^3}{m}$ , maior do que o dado pelo calculo.  
Lista 20 de ferro de 1932.

Joaquim Pedro Barbosa Cortezano Eng. 1762

## MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA



da AMPLIAÇÃO que o escultor Exm<sup>o</sup> Snr. João da Silva pretende fazer no seu atelier (proc.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> 964/82, organizado por requerimento da esposa do proprietário D. Maria do Pilar Sérgio da Silva) na rua Tenente Raul Cascaes n.<sup>o</sup> 11.

Consiste essa ampliação na construção de um atelier destinado ao trabalho de marmores e outro para a formação dos gessos, no r/c e sala de desenho e ampliação, arquivo de modelos, sala de receber, escritório, lavabos, etc. no 1.<sup>o</sup> andar. No piso do 1.<sup>o</sup> andar existirá ainda uma galeria, aberta sobre o atelier primitivo.

Atendendo ao fim da construção e a que já existe, projecta-se esta ampliação em alvenaria de teijolo a uma vez nas paredes exteriores e meia-vez nas divisórias, alvenaria executada com argamassa de cimento a 1:4. No r/c empregar-se ha teijolo maciço e no 1.<sup>o</sup> andar teijolo furado e maciço, reservando-se para os teijolos colocados de topo. Adiante se apresentam calculos justificativos.

O pavimento do 1.<sup>o</sup> andar é em placa de betão armado, e, como não ha concordância entre as prumadas de parte das paredes do r/c e 1.<sup>o</sup> andar, este pavimento comporta ainda um sistema de vigas cujo calculo tambem adiante se indica. Para melhor distribuição das cargas ha pilares de betão armado embebidos na parede, onde se apoiam e descarregam algumas destas vigas.

As fundações das paredes de alvenaria de teijolo serão executadas em betão de traço 1:3:6.

O pavimento do atelier de marmore será em betonilha colorida, os dos lavabos e hall do principio da escada em mosaico, os pavimentos das restantes divisões do 1.<sup>o</sup> andar em tábuas de solho a inglaterra.

No exterior mantem-se a expressão architectónica da moradia que existe anexa ao atelier, conservando-se o mesmo tipo de janelas, caixilhos, cimalthas, etc.

As colunas que dominam a entrada do atelier serão de cantaria.

O telhado será de telha tipo Marselha excepto o beirado que será de telha de canudo. O escritorio e corredor de ligação serão cobertos a fibro-cimento.

-Na galeria de exposições anexa ao atelier será substituída a cobertura de fibro-cimento que actualmente existe por uma placa de betão armado conservando-se a claraboia de iluminação.

### CALCULOS JUSTIFICATIVOS

#### A) Descrição pelo que se refere á estabilidade

##### I) Cobertura

O telhado que se projecta substitui a cobertura de fibro-cimento do atelier existente e, em virtude das paredes deste serem de teijolo furado e só de 20 cm. de espessura, faz-se com que ele descarregue apenas nos pilares que são de teijolo maciço reforçados com armaduras de ferro. Para isso construir-se ha uma cinta de betão armado da largura dos pilares ao nível dos frechais. Faz-se o travamento desta cinta ao suporte da tacanica que dá para a parte envidraçada do atelier por uma viga em betão armado vencendo o vão de 6,5 m.

##### II) 1.<sup>o</sup> andar

O pavimento deste andar nas fachadas Sul e Poente prolonga-se por sobre as paredes do r/c e forma saliente. Na sala de receber a parte saliente está apoiada numa viga que assenta nas colunas de cantaria. Na sala de desenho e ampliações, para suportar a parte saliente estabeleceu-se um sistema de vigas cruzadas e prolongando-se em consola; nas extremidades livres dessas consolas apoia-se uma viga sobre a qual se levanta a parede exterior.

O conjunto das vigas cruzadas que se adopta foi escolhido de modo a formar no tecto do atelier de marmore um apainelado. Uma destas vigas tem ainda a missao de suportar a parede divisória entre a sala de desenho e a sala de receber. Para as outras paredes divisorias que não estão nas prumadas das do r/c calcular-se hão também vigas.

III) Rez-do-chão

Embebidos nas paredes do r/c e formando os cunhais haverá pilares recebendo a carga das vigas que se prolongam em consola. As cargas mais importantes ficam assim concentradas.

IV) Anexos

No atelier de formação e no escriptório construidos sobre o anexo já existente o pavimento será em betão armado e calcular-se ha como laje quadrada para se obter uma melhor distribuição de cargas.

B) CALCULOS DE BETÃO ARMADO

I) Cobertura

1- Determinação das cargas

Atendendo aos pequenos vãos que ha a vencer apenas será necessário colocar uma asna no atelier. O resto do telhado será suportado por prumos e escoras descarregando nas paredes divisorias.

Nestas condições ha a considerar separadamente o peso transmitido às paredes pela asna, e a carga uniformemente distribuida correspondente ao restante telhado.

a) Carga uniforme sobre as paredes

O peso por m<sup>2</sup> de telhado é 145 kg/m<sup>2</sup> e, no caso mais desfavoravel, a carga por ml de parede é:

$p = 2,09 \times 145 = 303 \text{ kg/ml}$

b) Carga concentrada devida a meia asna

Superficie que descarrega a perna da asna:

$S = 3,5 \times 2,25 = 7,875 \text{ m}^2$

Carga:

$P = S \times 145 \text{ kg/m}^2 = 1142 \text{ Kg}$

c) Carga uniforme devida à tacanica de tardo

Caso mais desfavoravel:

$q = 319 \text{ kg/ml}$



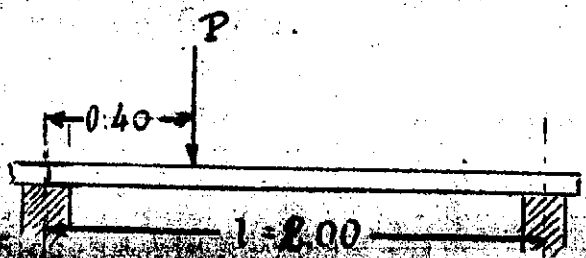
2) Calculos

a) Cinta descarregando nos pilares

Os 2 casos mais desfavoraveis são: 1º - carga uniforme, carga concentrada da asna e vão 2 metros; 2º - só carga uniforme e vão 2,5 metros.

Para o 1º caso temos:

- H = 15cm
- b = 40 "
- l<sub>1</sub> = 0,40
- l<sub>2</sub> = 1,60
- l = 2,00



Pressão da fundação sobre o terreno

Supondo uma fundação com 0,50 de espessura e 0,80 de altura em betão, temos:

Cargas:

Paredes.....3894

Fundação////... 960

P = 4894 Kg/ml.

$C = P / S = 0,96 \text{ Kg/cm}^2$



IV) Anexos

Laje para o atelier de formação e escritório

Espessura .....0,10 m.

Sobrecarga ....200 Kg/ml

Vãos.....13,40 m.

Peso próprio...240

13,85 m.

P = 440 Kg/ml

Considerando a laje apoiada simplesmente, temos

$a = l/n = 1,132$  donde  $n = 0,596$  e portanto

$q_1 = 274 \text{ Kg/ml}$

$q_2 = 166$  " e os momentos respectivos são:

$M_1 = 23.597 \text{ kgcm}$

$M_2 = 18.331$  "

A armadura calculada para o maior momento dava apenas 5 Ø 3/8" mas para que a malha seja de 15 cm. ha que adotar:

As fadigas a que a placa fica sujeita são: 6 Ø 3/8" p.ml.

$t'a = 922 \text{ Kg/cm}^2$

$t'b = 37$  "

A laje é, portanto, armada nas duas direcções com varões de 3/8"

Galeria de exposições

A substituição da cobertura de fibro-cimento, que se pretende fazer, por uma laje de betão armado, conservando a claraboia, exige que esta fique apoiada em paredes de tijolo a 1/4 de vez, paredes que por sua vez se apoiam em vigas dispostas como se indica no esquema junto.

Lajes

Por se tratar de uma cobertura a espessura da laje que adopto é 0,05 e a carga a que está sujeita é

Sobrecarga.....100

Peso próprio.....120

Considerando semi-encastramento e 220 Kg/m2

$M = 4.950 \text{ Kgcm}$

Armadura exigida 6 Ø 1/4" por ml.

Fadigas  $t'a = 984 \text{ Kg/cm}^2$



Vigas-

- Viga longitudinal, aa' -

l = 7,5 m.  
 H = 0,30  
 H' = 0,27  
 b = 0,15

Cargas:

Placa.....150  
 Vidro e armação inf.. 33  
 Idem claraboia..... 40  
 Parede.....162  
 Peso próprio.....108

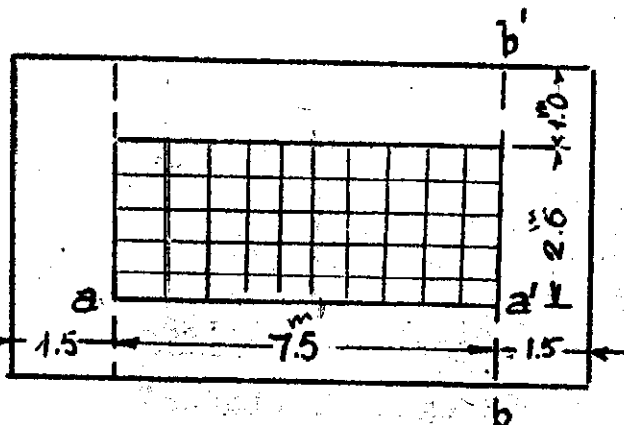
p =  $\frac{493}{500}$  Kg/ml.

Considerando semi-encastramento  
 temos:

M = 281.250 Kgc m

Armaduras: 3 Ø 3/4" Seção 10 cm<sup>2</sup>  
 2 Ø 3/8"

Fadigas: t'a = 1163 Kg/cm<sup>2</sup>  
 t'b = 35 "



Reação no apoio; R = 1875 Kg

Estribos:

O esforço transversal máximo é: T<sub>max.</sub> = 1875 Kg  
 A seção absorve T' = 1451 "  
 Basta empregar  
 13 estribos de 2r Ø 3/8" afast. 0,57

-Vigas transversais, bb'-

l = 4,6 m.  
 l' = 1,00 m.

Carga uniforme:

Placa..... 225  
 Peso próprio..... 108  
 P = 333 Kg/ml.

Carga concentrada:

P =  $\frac{2363}{1875}$  Kg

Momentos:

Carga uniforme..... M<sub>1</sub> = 88.078 kgc m  
 Cargas concentradas M<sub>2</sub> = 187.500 "  
 TOTAL ..... M = 275.578 "

Reforços transversos:

Respectivamente.... T<sub>1</sub> = 765,9 KG  
 T<sub>2</sub> = 1875 " T = 2641 Kg

Armaduras:

Empregaremos a mesma calculada para a viga anterior  
 visto o momento ser inferior/: 3 Ø 3/4" e 2 Ø 3/8"

Estribos:

OBS.- Sendo a construção em tejo furado, nas paredes do 1º andar, importa saber se esse tejo resiste ás cargas que lhe são applicadas.

Igualmente sendo a viga EE' a mais carregada e estando apoiada na parede de tejo maciço do r/c, importa verificar a solidez dos seus apoios/.

-Pressão sobre a ultima camada de tejo da parede do 1º andar-

Cargas:

Telhado .....303

Parede .....1353

$p = 1656 = 1700 \text{ Kg/ml}$

$C = p/s = \frac{1700}{2500} = 0,68 \text{ Kg/cm}^2$

-Solidez do apoio E2-

Suponho a carga máxima 5640 Kg descarregando apenas por uma superficie de 25 25 cm. o que realmente não succede em virtude da viga que serve de cinta,mas colocamo-nos assim em optimas condições de segurança/.

$C = \frac{5640}{625} = 9,02 \text{ Kg/cm}^2$  inferior a 10 Kg/cm2, carga de segurança para a alvenaria de tejo e cimento/.

-Solidez do apoio E' -

Reacção no apoio ..... R = 1750 Kg

A viga não assenta directamentê na parede a meia vez de tejo maciço,mas sim por intermédio de uma cinta de betão armado. Entrando, no entanto, para maior segurança, em consideração apenas com a superficie correspondente á largura da viga temos:

$C = \frac{1750}{300} = 5,83 \text{ Kg/cm}^2 < 10 \text{ Kg/cm}^2$

Em tudo o que não estiver suficientemente detalhado ou previsto nesta memória descritiva e calculos seguir-se ha o Regulamento Geral da Construção Urbana para a cidade de Lisboa e o Regulamento de Betão Armado.

Lisboa, Maio de 1938

O Engenheiro nº 74:

*João de Figueiredo*



# J. DUCASSE

CONSTRUCTOR

## CIMENTO ARMADO E MADEIRAMENTOS

TEL. 6 1636  
Rua Tenente Raúl Cascaes, 9

Lisboa, 31 de Dezembro de 1938

O Ex.<sup>ma</sup> Sr. João da Silva, Rua Tenente Raúl Cascaes, N.º. 11 - Lisboa. Doc

Trabalhos Suplementares executados desde 24 de Agosto até 31 de Dezembro :				SALARIOS	MATERIAES
<u>Ampliação da Cisterna :</u>					
31	horas de pedreiro a	2\$125	65\$875		
4	" " " "	2\$50	10\$00		
23	" " servente "	1\$25	28\$75		
10	" " " "	1\$32	13\$20	117\$825	
203	tijolos 2 furos a	225\$00	45\$67		
185	Kgs. de cimento "	\$26	48\$10		
405	litros de areia "	25\$00	10\$12		
8	Kgs. de varão de 3/8" "	1\$40	11\$20		115\$09
<u>Demolição e reconstrução da parte inferior do anexo do atelier :</u>					
48	horas de pedreiro a	2\$125	102\$00		
6	" " " "	2\$50	15\$00		
28	" " servente "	1\$25	35\$00		
20	" " " "	1\$32	26\$40	178\$40	
910	tijolos 2 furos a	225\$00	204\$75		
75	Kgs. de cimento "	\$26	19\$70		
324	litros de areia "	25\$00	8\$10		232\$55
<u>Uma parede em tijolo 1/2 vez entre a galeria das exposições e o salão do 1.º Andar :</u>					
12	horas de pedreiro a	2\$125	25\$50		
1	" " " "	2\$50	2\$50		
12	" " servente "	1\$25	15\$00	43\$00	
60	Kgs. de cimento a	\$26	15\$60		
15	" " cal "	\$15	2\$25		
228	tijolos "	170\$00	38\$76		
300	litros de areia "	25\$00	7\$50		64\$11
A transportar Esc:...				339\$225	411\$75

# J. DUCASSE

CONSTRUCTOR

## CIMENTO ARMADO E MADEIRAMENTOS

CONVENIO Nº 12 DE 1938

TEL. 6 1636

Rua Tenente Raúl Cascaes, 9

Lisboa, 31 de Dezembro de 1938

O Sr. João da Silva,

Lisboa. D.

(3)

			Transporte Esc:...	708\$11	1.519\$4
94	tijolos	a	170\$00	15\$98	
50	Kgs. de cimento	"	\$26	13\$00	
100	litros de areia	"	25\$00	2\$50	31\$4
<u>Prolongamento da cimalha por cima do terraço da galeria das exposições :</u>					
2	horas de carpint <sup>o</sup>	a	2\$50	5\$00	
8	" " pedreiro	"	2\$125	17\$00	
1	" " "	"	2\$50	2\$50	
2	" " servente	"	1\$32	2\$64	27\$14
<u>moldagem .....</u>					
5	Kgs. de varão	a	1\$40	4\$20	3\$0
20	Kgs. de cimento	"	\$26	5\$20	
50	litros de areia	"	25\$00	1\$25	10\$6
<u>Rebocar e cair a empena poente da galeria das exposições :</u>					
32	horas de pedreiro	a	2\$125	68\$00	
4	" " "	"	2\$50	10\$00	
22	" " servente	"	1\$25	27\$50	
20	" " "	"	1\$32	26\$40	131\$90
120	Kgs. de cimento	a	\$26	31\$20	
270	litros de areia	"	25\$00	6\$75	
	Cal.....			2\$50	
	azul.....			8\$00	48\$4
<u>Modificação da caixa da escada :</u>					
9	horas de carpint <sup>o</sup>	a	2\$50	22\$50	
20	" " servente	"	1\$25	25\$00	
16	" " "	"	1\$32	21\$12	68\$68
16	Kgs. de varão	a	1\$40	22\$40	
35	" " cimento	"	\$26	9\$10	
140	litros de murraça de basalto	a	50\$00	7\$00	
70	" " areia	"	25\$00	1\$75	40\$6
			A transportar Esc:...	995\$72	1.653\$6





# J. DUCASSE

CONSTRUCTOR

## CIMENTO ARMADO E MADEIRAMENTOS

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

TEL. 8 1638

Rua Tenente Raúl Cascaes, 9

Lisboa, 18 de Fevereiro de 1939

O Sr. João da Silva.

Lisboa. De

(4)

+

		Transporte Esc:...		3.602\$19
1	Rêde ondulada : factura Luiz Bruno Duarte	450\$00		
	Vão de Gelosia.....	139\$50		
	Colocação de vidros : factura Gandara.	85\$00		
	Facturas Antonio Moreira Rato & Fls....	1.359\$80		
	Rust-Fox Clear (tinta anti-ferruginosa para a escada de ferro).....	30\$00		2.064\$30
	Administração : 10% s/ Esc. 2.064\$30			206\$42
	Azulejos para a cosinha :			
	11,345 M2. a	55\$00		623\$97
1	Porta de ferro para a galeria das exposições, incluindo a obra de C.A.....			1.900\$00
	Alterações conforme factura Vicente Joaquim Esteves.....			245\$00
			Esc:...	8.641\$89
				S. E. &



7. Santo  
emp. 7.123  
ANEXO XXIX

Fôlha	1
Proc.º	2736

Projecto das alterações a introduzir na obra que o Escultor Ex.<sup>mo</sup> Sr. João da Silva tem em construção na Rua Tenente Paul Cascais, n.º 11, (processo n.º 33338, obra n.º 45581).

As alterações que se deseja introduzir no projecto primitivo e que são apresentadas nos desenhos juntos, são as seguintes:

1.º - Eliminação do tabique de tijolo sob a escada de acesso às dependências do 2.º piso do atelier, o que dá à entrada um aspecto mais amplo.

2.º - Modificação da posição da chaminé do forno de aquecimento do atelier e chaminé, conforme se indica nos desenhos.

3.º - Alargamento da galeria de passagem, de modo a que a viga de bordadura respectiva venha descansar nos pilares existentes.

4.º - Abertura de uma janela na parede do escritório que deita para o envidracado do atelier, e estreitamento da existente no projecto e da que lhe corresponde no atelier de formação.

5.º - Mudança de posição de dois vãos de portas e alargamento doutro, todos no piso

superiores e nos locais indicados nos desenhos.

6º - Construção de uma carvoeira ou depósito de carvão para o fofo do atelier.

7º - Modificação da entrada principal da galeria de exposições devendo, no entanto, notar-se que a respectiva figura só será colocada mais tarde.

8º - Finalmente, e para satisfazer à condição imposta na respectiva licença, apresenta-se, juntamente com as plantas das coberturas do atelier e galeria de exposições, a localização das diferentes escadarias de acesso a essas coberturas e à Charnice, a posição das passadeiras no telhado, e da grade de protecção, do lado do telhado que deita para a parte envidraçada do atelier.

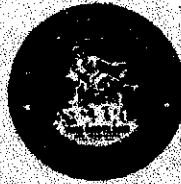
Lisboa, 14 de Janeiro de 1939

© Engenheiro:

Alexandre Volvedo Santos  
Emp. n.º 23.



FACTURA N.º 25635

**António Moreira Rato & Filhos, L.ª**AVENIDA 24 DE JULHO, 54-D e 54-H - LISBOA  
TELEFONE 6 0879 - TELEGRAMAS: RATOFILHOS - CÓDIGO: RIBEIRO 1920CANTARIAS  
MÁRMORESMATERIAIS  
DE  
CONSTRUÇÃO

DEPOSITÁRIOS GERAIS DO "CIMENTO TEJO"

PREMIADO NAS EXPOSIÇÕES DE: LISBOA 1932 - PORTO 1934 - SEVILHA 1929, ETC., ETC.

O Ilm.º Sr. J. Ducasse

Deve:

Rua Tenete Raul Cascais

1988 Nov.º.

5 7,5

dias de trabalho de canteiro a furar  
e cortar as 4 colunas  
✓ 8 pernes grandes em latão  
✓ 4 colunas em lioz, bases e capiteis,  
conforme n.º orçamento25/11/56 { 187\$50  
70\$004.620\$00

4.877\$50



Grande Prémio de Honra  
na Exposição Industrial  
Portuguesa de 1932

# António Moreira Rato & Filhos, L<sup>da</sup>

Deposítários Gerais do Cimento "TEJO"

Cantarias e outros materiais de construção

Endereço Telegráfico

NÚMERO TELEFÓNICO

RATOFILHOS

2 6000

AVENIDA 24 DE JULHO, 54-F

00479

Lisboa, 11 de Junho de 1938

Ilm<sup>o</sup>. Snr.  
J. Ducasse  
Lisboa

Amigo e Snr.

Conforme o s/pedido, que muito agradecemos, informamos V.<sup>sa</sup> que o preço das colunas, bases e capitais, em lioz bruni- do, conforme o croquis que nos forneceu, é de Esc: 4.620\$00 e o xadrez para pavimento, em lioz bruni- do, importa em Esc: 65\$00, cada metro quadrado.

Aguardando e agradecendo o favor das s/ordens, somos com estima e consideração

*2.7 x 0.5 x 0.82.50*  
*4.520.00*

*5.180.00*

Da V.<sup>sa</sup>.

At<sup>as</sup>. V.<sup>as</sup>. O.<sup>as</sup>.

*António Moreira Rato & Filhos*



Folia	2
Proc.	35914/942

MEMORIA DESCRITIVA das obras a executar na  
Rua Tenente Raul Cascais, n.º 11 - Freguesia de S. Mamede

Pretende o escultor Sr. João da Silva construir um pequeno anexo ao seu atelier, tal como vai figurado no projecto.

As paredes são em tejo a uma vez, como as da restante construção, e o pavimento é uma laje de betão armado devidamente revestida e cujo calculo abaixo se indica.

O anexo é coberto com uma laje identica, a qual servirá de terraço ao escritorio do 1.º andar.

As fundações serão em alvenaria hydraulica e limitam-se aos dois pequenos troços de parede a um e outro lado do arco, pois, que a parede de poente, que prolonga a já existente, assenta como ela sobre uma antiga muralha pombalina.

O arco, atendendo ao seu insignificante vão e à circunstância de ser de volta inteira, não foi calculado.

Pretende-se também transformar as duas janelas existentes neste corpo da construção em portas, uma para acesso ao atelier de formação e outra para acesso ao terraço do escritorio.

Far-se-hão também reparações e pinturas nas paredes e tectos do escritorio e nas paredes exteriores que estejam precisadas.

Calculo da laje:

Considera-se simplesmente apoiada com vão 2 ms. e com a espessura de 8 cms.

Sobrecarga.....250 Kg/m<sup>2</sup>

Peso proprio.....898

$p = \frac{442}{m^2}$  Kg/m<sup>2</sup> ou arredondando  $p = 450$  Kg/m<sup>2</sup>

$$M = pl^2/8 = 225 \text{ Kgm}$$

Para  $R_p = 35$  Kg/cm<sup>2</sup> é  $h = r\sqrt{M/b} = 0,457 \times 15 = 6,86$  cm

$$Fe = t\sqrt{Mb} = 0,203 \times 15 = 3,045 \text{ cm}^2$$

Adoptam-se:

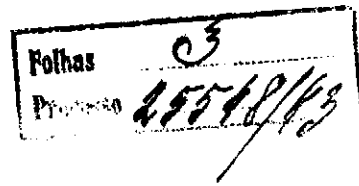
$3 \text{ } \phi \text{ } 3/8'' \dots\dots 2,13 \text{ cm}^2$   
 $4 \text{ } \phi \text{ } 1/4'' \dots\dots 1,26 \text{ cm}^2$  } por m.l.  
 Ad - 4  $\phi \text{ } 1/4''$  por m.l.

Em tempo, ressalva-se a emenda feita nos desenhos.

Lisboa, 22 de Agosto de 1942

O Engenheiro:

*Américo Calves de Mendonça*  
 G.º n.º 85



Alterações ao Proc. N.º 359/14/42.

Memória descritiva e justificativa.

○ presente projecto constitue alterações ao que faz parte do Proc. N.º 359/14/42, a qual consiste apenas em que o atelier de formação passará a ter a largura de 2.25<sup>m</sup>, que melhor satisfaz às necessidades do proprietário.

○ acesso far-se-há por uma porta que dará para o atelier. Com todos os elementos da construção seguiu-se-há o exposto na memória descritiva do projecto primitivo.

Calculo da laje.

Vão de calculo:  $l = 2.50$ <sup>m</sup>

Carga total por m<sup>2</sup> de laje:  $p = 500 \text{ Kg/m}^2$

Momento máximo:

$$M = \frac{pl^2}{10} = \frac{500 \times 2.50^2}{10} = 313 \text{ Kg} \times \text{m.}$$

Espessura:  $e = 10 \text{ cm.}$

$$\alpha = \sqrt{M} = \sqrt{313} = 17.7$$

$$\frac{h'}{\alpha} = \frac{8.5}{17.7} = 0.48$$

$$T_{\text{res}} = 33 \text{ Kg/cm}^2$$

$$f_s = 0.193 \times 17.7 = 3.42 \text{ cm}^2 = 7\Phi \frac{5}{16} \text{ p.m. } / 3.4$$

= 11  $\phi$   $\frac{1}{4}$ " p.m. (3.48)

Como armadura de distribuição emprega-se  $\phi$   $\frac{1}{4}$ " p.m.

Metade dos ferros da armadura principal serão dobrados para a parte superior, na zona dos apoios e a  $0.50$  <sup>m</sup> destes apoios.

Lisboa, 30 de Junho de 1943.

Alexandre Sobredos Santos  
eng. n.º 123.

# FRANCISCO MACHADO

## — CALCETEIRO —


ENCARREGA-SE DE TODOS OS TRABALHOS CONCERNENTES Á SUA ARTE

Avenida Visconde Valmôr, 111

Lisboa, 15 de Maio de 1923

Q. n.º S.	Data
Calceteiro Machado	45
1.1 do termo Joaquim	2
1.1 Joaquim Alcatraz	3
Com. Transmissão e Sinal	1
1.1 Vigias	1
Arquiteto do termo	45 - 536.00
1.1 Colhedor	12 - 125.00
Polo	130) 1.00
Carga	80) 1.00
	643.50





**VICENTE JOAQUIM STEVES**  
SERRAHEIRO CIVIL  
Telephone N 1412  
TRABALHOS EM FERRO FORJADO  
Rua das Amoreiras 92

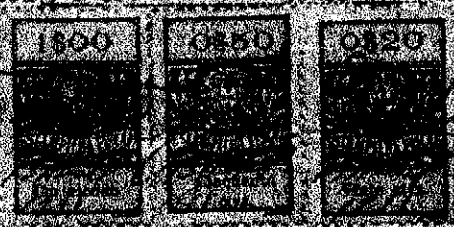
ESPECIALIDADE em  
Fogões circulares de todas as dimensões  
COFRES À PROVA DE FOGO. PORTAS FORTES e de chapa ondulada etc.

Lisboa, 13 de Abril de 1933

O H. mo Sr. João da Silva

Deve

N.º G. 4081

1	Portão em ferro conforme o m/ orçamento	1.600\$00
4	Letras forjadas	52\$00
		<u>1.652\$00</u>
(mil seiscientos e cincoenta e dois escudos)		
<p><i>Recibo</i> Lisboa, 13 de Abril de 1933</p> 		

2358-57





△ { Fé . Esperança . Caridade .  
 Liberdade . Igualdade . Fraternidade  
 Trabalho . Liberdade . Justiça

⊠ | Terra . Água . Fogo . Ar  
 Avareza . Semelhante . Inconstância . soberba .

S.<sup>to</sup> António Pg. 41. José de Souza Monteiro  
de Lisboa

O uso frequente do simbolismo  
 dos números. Quasi sempre o 3  
 Três, às vezes o Quatro e raro  
 o Seis. Uma vez o Cem.



Pg. 41. O uso frequente do simbolismo  
 dos números. Quasi sempre os 3.  
 As vezes o Quatro. O cinco o seis.  
 Uma vez o cem.

Pg. 47. Egípcios predicator (S. B. aventureira)

Doutos e indoutos concorriam de  
 uma e outra parte a ouvi-lo, e assim lo,  
 para doutos e indoutos, era admirável.

~~Luminoso formoso do seu secta~~  
 Não há meio melhor de amar a J. Am.º que conhecê-lo

Hierarchia celeste Pg. 12.

Purificação (o Batismo)

Transunção (a Eucharistia)

(Perfeitas) (13) Casagranas (a Unção)

Pg. 16 Trichotomista



Fé. Esperança Caridade  
 Liberdade. Igualdade - Fraternidade  
 Trabalho - Verdade, Justiça